

UERJ Universidade Estadual do Rio de Janeiro

CTC Centro de Tecnologias e Ciências

ESDI Escola Superior de Desenho Industrial

EDUCAÇÃO, FAVELA E DESIGN

AUTOR

Pedro Henrique de Souza Paiva

ORIENTADORA

Barbara Szaniecki

RIO DE JANEIRO, RJ

2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à minha família, base para o meu desenvolvimento pessoal e educacional. Aos meus pais por superarem os desafios da vida na favela e proporcionarem um ambiente propício para os meus estudos. Às minhas irmãs por serem as pessoas mais próximas que me ensinaram desde o princípio o dom da partilha.

Agradeço ao meu avô Pedro e à minha avó Terezinha por serem exemplos de nordestinos que deixaram o sertão do Ceará para tentar a vida no Rio de Janeiro, proporcionando novas oportunidades para o restante da família e por serem figuras simbólicas na história da construção da favela da Rocinha. Às minhas tias e tios por sempre ajudarem nos momentos de dificuldade. Aos meus primos, minha primeira comunidade e que são minha primeira referência sempre.

Agradeço à minha namorada Camila, por ser minha companheira em todos os momentos e ter sido a minha maior rede de apoio no peculiar ano de 2020. A todos os meus amigos que me ensinam todos os dias algo novo, que são fonte de energia e que compreenderam minha ausência durante o processo desta pesquisa.

Agradeço a todos os alunos do CIEP 303 Ayrton Senna da Silva e seus representantes do grêmio estudantil por toda a atenção, paciência e entusiasmo com a pesquisa. A todos os professores e funcionários do CIEP que tornaram a pesquisa possível. A todos os entrevistados das lives no Instagram que trouxeram tanto conhecimento para esta pesquisa. À Michelle Lacerda e a todos os que estiveram comigo nessa minha caminhada de militância pela garantia de direitos na favela.

A jornada do favelado na academia é difícil como é para todos, mas tem suas peculiaridades. Por isso agradeço à minha orientadora por me ouvir, motivar, inspirar e me chamar de volta para a graduação.

RESUMO

Educação, Favela e Design é uma experiência de pesquisa sobre educação no ensino médio com foco em alunos moradores de favelas no Rio de Janeiro. Com a utilização do Design Thinking e suas ferramentas, o objetivo é melhorar o debate sobre o ensino entre seus principais atores, o aluno, seus responsáveis, os professores e a comunidade do entorno da escola, proporcionando um exercício maior da comunicação visual e a melhoria dos processos de aprendizagem com o estímulo do pensamento projetual.

palavras-chave

educação, favela, design thinking, pensamento projetual

ABSTRACT

Education, Favela and Design is a research experience on education in high school with a focus on students living in favelas in Rio de Janeiro. With the use of Design Thinking and its tools, the objective is to improve the debate on teaching among its main actors, the student, their parents, teachers and the community around the school, providing a greater exercise in visual communication and an improvement of learning processes with the stimulus of project thinking.

palavras-chave

education, favela, design thinking, project thinking

SUMÁRIO

Introdução | **6**

Contextualização | **7**

Justificativa | **17**

Objetivo | **21**

Metodologia | **22**

No meio da oficina tinha uma pandemia | **24**

O projeto | **31**

Peças Gráficas | **35**

Conclusão | **38**

Bibliografia | **39**

Anexos | **41**

INTRODUÇÃO

Sou ex-aluno do Colégio Pedro II e aluno da Escola Superior de Desenho Industrial - UERJ, duas instituições sinônimos de excelência na educação. E sou morador da Rocinha, uma das maiores favelas da América Latina e que abriga escolas que apresentam nota no IDEB inferior a média do município. Entendo, assim, que sou um privilegiado por poder ter tido acesso à uma educação de alta qualidade, sendo assim meu papel como cidadão contribuir para o desenvolvimento do meu território de origem devolvendo o conhecimento adquirido fora dele.

Este projeto, portanto, é uma investigação para entender quais os caminhos para que mais pessoas tenham acesso à uma educação com mais qualidade e, ainda mais, qual a escola que os favelados querem construir para o seu futuro. Além disso o projeto tem o propósito de entender como o design pode contribuir para o aumento da qualidade na educação pública brasileira e como ele pode ser elemento significativo na construção de um novo modelo de escola.

O processo de trabalho está diretamente ligado às minhas experiências pessoais de engajamento em causas sociais, tentando sempre associar os desafios do mundo real às propostas apresentadas nas disciplinas da ESDI ao longo desses anos como aluno. Portanto, apresento neste documento o resultado dessas experiências e uma proposta para a construção de um produto que possa existir no mundo real gerando impacto positivo mensurável.

CONTEXTUALIZAÇÃO

A favela da Rocinha

A Rocinha é uma favela localizada o entre o morro Dois Irmãos e o Maciço da Tijuca, que inicia o seu processo de ocupação, segundo os moradores mais antigos, entre os anos de 1890 e 1910. Inicialmente como uma grande fazenda, que após 1924, foi dividida em alguns lotes comprados por estrangeiros que comercializavam nos bairros vizinhos o produto de suas pequenas “roças”, dando assim a origem do nome ao local.

A partir de então, iniciou-se uma escalada de ocupação por uma população que, em sua maioria, era descendentes de escravos e nordestinos em busca de trabalho no Rio de Janeiro. O lugar era estratégico para a sobrevivência



Figura 1: Mapa da Rocinha
Fonte: <http://g1.globo.com>.

dessas pessoas, pois poderiam construir suas casas com os materiais improvisados que traziam de sobras das construções e fábricas onde trabalhavam durante o dia. Também era estratégico por ter sua localização na zona sul, área onde havia maior concentração oportunidade de trabalho.

Ao longo desses anos a Rocinha cresceu drasticamente, ocupando hoje uma área de 877.575 m², segundo dados de 1999 do IPP – RJ, tendo sido considerada durante um tempo a maior favela da América Latina, que, apesar das estatísticas oficiais contarem com 70 mil habitantes, possui mais de 150 mil de acordo com cálculos das lideranças comunitárias.

Através da Lei 1995 de 18 de julho de 1993, a Rocinha passou a ser considerada como bairro e, mais recentemente, à época da política de pacificação das favelas do Rio em 2011, passou a ser chamada de Complexo da Rocinha. Durante todo o seu crescimento, essa favela foi invisibilizada pelo poder público, sofrendo a falta de políticas públicas, de projetos de infra-estrutura e de direitos essenciais ao cidadão, tornando-se um grande aglomerado subnormal, denominação utilizada pelo IBGE.

O favelado da Rocinha

Minha família chega à favela da Rocinha em 1977. Saindo do interior do Ceará em busca de melhores oportunidades de trabalho e melhores condições de vida no sudeste, meus avós maternos decidem se mudar para o Rio Janeiro e vêem a Rocinha como ponto estratégico, sendo um lugar para se morar por um baixo custo, mas ao mesmo tempo próximo às melhores chances de vagas para trabalho na cidade.

A história da minha família também me serve como fonte de pesquisa e me mostra dois aspectos importantes para a vida dentro de uma favela: criatividade e colaboratividade. Com uma realidade repleta de dificuldades pela falta de infraestrutura no território favelado acaba se tornando um indivíduo com alta capacidade de improvisação diante dos desafios de seu cotidiano, utilizando os recursos à seu dispor para a criação de gambiarras.

Uma dessas gambiarras é a “samuzinha”, cadeira criada pelo meu avô, Seu Pedro, para transportar pessoas pelos becos da Rua Um, local onde mora. Por possuir degraus mal construídos a caminhada de pessoas com alguma dificuldade motora, como idosos ou pessoas enfermas, torna-se um enorme desafio. Daí, a ideia de juntar duas varas numa cadeira, para que duas pessoas pudessem carregar a terceira entre as vielas. O nome da cadeira é uma alusão ao SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência), serviço que não chega à casa de Seu Pedro.

Vindo da roça, acostumado com o trabalho do campo, ao chegar ao Rio Seu Pedro vai trabalhar como pedreiro, ajudando a construir a cidade em desenvolvimento, e a partir daí aprende o ofício de marceneiro, o que possibilita trabalhar com a madeira para criar soluções para a favela como a “Samuzinha”. A razão de sua criação se deu num episódio em que minha avó, Dona Teresinha, se acidentou e não podia caminhar até o ponto de ônibus e dali pegar uma condução até um hospital.

Depois deste ocorrido, a cadeira ficou esquecida no quintal. Mas o que chama atenção e que faz perceber esse senso de colaboratividade pertencente à



Figura 2: Seu Pedro e Dona Teresinha em seu quintal com as “samuzinhas”, 2019
Fonte: <http://projetocolabora.com.br>

favela é que alguns dias depois uma outra senhora precisou da cadeira e pegou-a emprestada. Atualmente, o objeto virou um item comunitário de sobrevivência, já está na sua terceira versão. Hoje as pessoas pegam quando precisam e retornam após usar, entrando pelo portão sem precisar chamar.

Seu Pedro nunca aprendeu a ler, sua ciência se baseia na oralidade e na prática, como muitos outros saberes populares existentes na favela, que passam de geração em geração. É claro que observar meu avô teve uma influência na minha escolha por estudar desenho industrial, mas principalmente o que ele me estimula é em gerar impacto positivo real no mundo, especificamente na favela onde eu nasci.

Movimentos sociais e experiência com design

Tanto descaso desencadeou a organização de movimentos de luta por direitos liderada pelos próprios moradores e uma das maiores questões ainda hoje pautadas continua sendo o direito à moradia digna.

Grande parte das casas ainda não possuem o Registro Geral de Imóveis (RGI), portanto, é como se elas não existissem formalmente para a sociedade e não existindo o estado pode se eximir da responsabilidade dos cuidados daquele espaço. A favela se torna assim um “não-lugar” e, conseqüentemente, quem



Figura 3: Reunião do grupo Rocinha Sem Fronteiras, 2019.
Fonte: <http://facebook.globo.com/RocinhaSemFronteiras>

nele habita se torna uma “não pessoa”. Esse pensamento ajuda a entender a ausência do estado democrático de direito na favela, pois é um espaço já não faz parte da cidade.

É nesse contexto que surge em 2005 o movimento “Rocinha Sem Fronteiras” com o objetivo de trazer representantes do governo para um diálogo direto e aberto com os moradores. O movimento é fundado por moradores mais velhos que estão na luta por direitos desde a década de 70, promovendo protestos contra injustiças geradas pelo estado, tornando-se assim uma referência dentro da militância da Rocinha.

O grupo se reúne mensalmente no salão da Igreja Católica Nossa Senhora da Boa Viagem, local de fácil acesso na Estrada da Gávea. Os encontros têm a duração de 2 horas e os presentes se sentam em roda. O convidado do mês, pessoa relevante ao tema daquele mês, inicia com uma fala de 30 minutos. Depois é feito uma rodada de perguntas onde cada presente pode se inscrever para fazer sua pergunta individual ou comentário sobre o tema no tempo de 3 minutos. Respondidas a primeira rodada de perguntas é feita mais uma rodada, assim sucessivamente até chegarmos aos 15 minutos finais onde o convidado conclui e são dados os avisos do grupo.

Em 2008, simultaneamente ao meu ingresso na ESDI, começo a frequentar esporadicamente as reuniões desse movimento, misturando os aprendizados de design com os aprendizados políticos.

Percebi que havia um efeito interessante ao final das reuniões. Durante a dinâmica proposta o clima era tranquilo e os tons de voz se mantinham brandos, mas quando a reunião terminava a sala se enchia de vozes cheias de energia. O motivo era que após o debate em roda, formam-se pequenos grupos de pessoas que queriam aprofundar alguma ideia e estavam animados com aquilo.

Este momento me interessava mais do que todo o resto e me lembrava a dinâmica da metodologia “World Café”, onde as pessoas se dividem em grupos pequenos para debater um assunto. O resultado disso é que num pequeno espaço de tempo, você tem mais pessoas falando e ouvindo, ou seja, numa dinâmica mais produtiva, o Rocinha sem Fronteira conseguiria

gerar mais conteúdo no mesmo intervalo de tempo se estiver falando 1 por vez para um grupo muito grande.

Com o objetivo, então, de deixar o debate do grupo mais dinâmico e criativo, aproveitei a oportunidade cedida pela professora Barbara Szaniecki, num projeto da ESDI. O Sebrae havia proposto uma participação no projeto “Desenvolvimento do Empreendedorismo em Comunidades Pacificadas” e indicado o Morro dos Prazeres, próximo da escola, como um lugar de atuação. Tratava-se de criar um projeto de design que atendesse à uma questão da favela. Propus realizar meu projeto de experimento de encontro político auxiliado pelo design na Rocinha.

O ano era 2013 e eu tinha sido apresentado num workshop ao “Design Thinking in 90 Minutes”, exercício criado pelo departamento de design da Stanford University que resume todo o processo de maneira prática e eficiente. Assim surgiu, o “Açaí com Design”, metodologia de geração de soluções de problemas num ambiente descontraído. E em sua primeira edição, trabalhamos o problema do transporte na Rocinha com o objetivo de validar que o projeto de Teleférico que o governo do Estado queria implantar



Figura 4: Encontro do Açaí com Design na pracinha da Rua Nova na Rocinha, 2013.
Fonte: Arquivo pessoal.

era equivocado.

Já em 2018, inicio o meu próprio movimento o “A Rocinha Resiste”, criado a partir de uma demanda de se discutir os abusos de poder nas operações policiais na Rocinha no início daquele ano, apesar de ser movimento ele é de certa forma um desdobramento do Açai com Design. Este novo grupo, porém, tinha uma característica mais flexível e experimental, aberta à novas dinâmicas de participação dos integrantes.

Começamos nos reunindo todas às quartas-feiras, trocando o tema a cada semana, experimentando formatos diferentes de reunião, até chegarmos no modelo atual. Agora fazemos reuniões mensais chamadas de “A Rocinha Inspira”, com convidados especialistas sobre o assunto tratado no mês, que varia entre quatro categorias: educação, moradia digna, cultura e bem estar.



Figura 5: Transmissão para o Youtube de um encontro do A Rocinha Resiste, 2018.
Fonte: <http://youtube.com/arocinharesite>

O evento é transmitido para o Youtube e para o Facebook, com o intuito de manter um registro do conteúdo gerado.

Nas outras semanas do mês fazemos reuniões de preparação do evento, uma semana antes, e uma reunião de análise do conteúdo gerado na semana seguinte ao evento. Também trabalhamos paralelamente para entregar algum tipo de produto resultante dos aprendizados daquele mês, seja a realização de uma ação afirmativa no território ou produção de texto informativo.

O CIEP Ayrton Senna da Silva

O A Rocinha Resiste não compete com o Rocinha Sem Fronteiras, mas serve como grupo de apoio e espaço com mais liberdade de experimentação. Sua presença já é percebida pelos moradores como sendo relevante. Exemplo disso foi o convite para o grupo participar do Comitê de Permanência do CIEP Ayrton Senna da Silva, grupo de alunos, professores e moradores da Rocinha que se juntou para defender os interesses do CIEP.

No ano de 2018 a escola sofreu um número grande de cortes em sua disponibilidade de matrículas oferecidas pelo estado, mesmo havendo demanda de alunos procurando por vagas. Os professores perceberam esse



Figura 6: Reunião do A Rocinha Resiste com o Comitê de Permanência do CIEP Ayrton Senna da Silva, 2018.

Fonte: <http://youtube.com/arocinharesite>

tipo de corte como uma ameaça à instituição e decidiram formar o comitê com o intuito de aumentar a participação da comunidade Rocinha na vida escolar do CIEP, criando mais força política para a escola.

O CIEP, que se localiza na Auto Estrada Lagoa Barra, à uma passarela de distância da Rocinha, no ano de 2018 contava com 1151 alunos do Ensino Médio e do EJA (Educação de Jovens e Adultos), segundo o Censo Escolar daquele ano. Os CIEPs (Centros Integrados de Educação Pública), também conhecidos como Brizolões, com seus prédios projetados pelo arquiteto Oscar Niemeyer, tinham como objetivo inicial oferecer ensino integral aos alunos, o que não pode ser continuado em alguns casos por falta de recursos financeiros, como exemplo do CIEP Ayrton Senna da Silva, que os alunos são separados por turnos.

Escola Ontem, Hoje e Amanhã

Após o contato com o Comitê de Permanência do CIEP, o movimento A Rocinha Resiste se propôs a tratar do tema da educação na Rocinha. Foram realizados 3 encontros sobre o tema, convidando alunos, professores e gestores para exporem suas visões sobre educação. As reuniões eram abertas ao público e funcionavam de maneira fluída, onde os convidados podiam fazer perguntas a qualquer momento, com um mediador apenas controlando o tempo de reunião.

Ao final dos encontros alguns membros voluntários se reuniram para realizar uma análise dessas discussões, chegando num modelo que resume a educação em 3 eixos focados na relação com a escola, sendo esses eixos a “Escola Ontem”, “Escola Hoje” e “Escola Amanhã”, definidos a seguir:

Escola Ontem

Trata-se de repensar o modelo antiquado de escola conteudista, que trata o aluno com elemento de numa linha de produção, avaliando igualmente a todos e sem o estímulo do senso crítico e estímulo à criatividade. Mas que mesmo com seus defeitos, ainda é essencial para a ascensão social do favelado, por sua formação estar diretamente ligada a inserção no mercado de trabalho.

Escola Hoje

Trata-se de pensar os desafios emergenciais da escola. Em 2018 a escola sofria problemas em corte em matrículas e paralisações das aulas por consequência da violência urbana. É dever do coletivo, então, estar pronto para ajudar em caso de emergência, mobilizando a comunidade na luta pelos direitos cidadãos. Portanto, é necessário a comunidade esteja em constante integração com as escolas.

Escola Amanhã

Trata-se de unir referências das melhores práticas educativas atuais, tanto em relação às novas metodologias pedagógicas quanto às inovações tecnológicas, às especificidades e conhecimentos populares da favela. Enquanto, essa escola não pode ser construída, ela deve ser trabalhada nas iniciativas sociais no contraturno escolar, servindo de experimentos para futuras políticas públicas.

E para que as ações nessa linha do tempo funcionem, quatro agentes são essenciais para o sucesso: alunos, familiares, professores e funcionários da escola e iniciativas sociais locais. Este projeto, portanto, pretende investigar como esses agentes podem interagir entre si gerando impacto nos processos de aprendizagem dos alunos e como o design pode contribuir para uma melhor interação entre esses agentes.

JUSTIFICATIVA

Por que favela?

Um dos maiores problemas no Brasil ao longo de nossa história é a desigualdade social e com a crise econômica de 2014 a situação só piorou. Desde o final de 2014 até o 2º trimestre de 2019, a desigualdade de renda domiciliar per capita do trabalho está aumentando há 17 trimestres consecutivos quando comparado ao mesmo mês anterior. Esse é o maior período de concentração da série histórica brasileira. Neste contexto a favela da Rocinha nos dá uma ótima fotografia que retrata essas realidades discrepantes entre ricos e pobres.

Localizada na zona sul entre os bairros de São Conrado e Gávea, que apresentam dois dos maiores valores de IPTU do Brasil, encontra-se um outro bairro que passa ao longo de décadas por problemas de saneamento básico, segurança pública e moradia digna, mas que também tem muito a ensinar através dos saberes populares dos seus moradores mais velhos, do pensamento criativo voltado para a solução de problemas através de gambiarras e do senso de comunidade e colaboratividade.

Como problema relevante para o país e para o estado do Rio de Janeiro, é um ato de cidadania investir na diminuição da desigualdade no Brasil. A favela, nesse sentido, serve como um mínimo produto viável para a construção de um modelo de país mais igualitário. Essa questão também é levantada pela ONU em sua agenda para 2030 para um mundo sustentável, estando este projeto alinhado ao décimo objetivo “Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles”.

Por que educação?

A educação é base para o desenvolvimento das atividades humanas na nossa sociedade, sendo assim, o campo com maior potencial de transformação, servindo como raiz para o desenvolvimento das outras áreas. Uma educação pública de qualidade é um direito humano, contido no artigo 26 da Declaração dos Direitos Humanos e garantido pela Constituição Federal de 1988, como diz o artigo 205:

“A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”

Também faz parte dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da ONU “assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos”, como enuncia seu quarto objetivo.

Ao longo da experiência na militância em movimentos como o “A Rocinha Resiste”, “Rocinha sem Fronteiras” e no diálogo constante com as escolas da Rocinha e com as iniciativas sociais educativas, pude perceber que, ainda que esse modelo de escola conteudista não seja o mais desejável para a favela, é importante lutar pela preservação da mesma, uma vez que está ligada diretamente à ascensão social de uma família favelada.

Isso fica nítido quando conversamos com alunos do ensino médio, que estão prestes a virar adultos e começam a ter a obrigação de contribuir com as despesas da casa. Dessa maneira, concluir a formação ensino médio se torna essencial para a entrada deste jovem no mercado de trabalho. E, por vezes, esse jovem tentará uma vaga no ensino superior também na esperança de melhor colocação no mercado de trabalho e aceleração no seu processo de ascensão social.

Por que design?

Participando dos movimentos sociais na Rocinha desde 2008, coincidentemente, o mesmo ano que ingressei na ESDI, pude perceber como o modo de pensar do designer pode contribuir para uma melhor articulação entre os agentes de transformação tornando mais dinâmico e visual os diálogos entre esses agentes e para a criação de processos de resolução de problemas mais otimizados criando uma integração interdisciplinar e a noção protótipos e testes até a entrega de um resultado final.

Em 2013, quando estava cursando o 3º ano da ESDI, fui apresentado ao conceito do “Design Thinking” através de uma oficina na escola de economia criativa “Polo Criativo”. Foi dado como exercício o “Design Thinking em 90 Minutos”, criado pelo departamento de design da universidade de Stanford. Dessa maneira, pude aprender como resumir o processo do design de resolução de problemas e entender como aplicá-lo em outras áreas. Sendo assim, quando proposto na aula de Projeto de Programação Visual II, ministrada pela professora Barbara Szaniecki, que fizéssemos um projeto relacionado a uma favela escolhi a Rocinha e decidi aplicar o Design Thinking num problema específico daquela comunidade.

À época, mesma das jornadas de junho onde os brasileiros foram às ruas protestar, o maior problema da Rocinha era a questão do teleférico que se queria construir, mas que, para a comunidade, era um verdadeiro “elefante branco”. Criei, então, um formato mais amigável da metodologia, onde fazíamos o exercício com o diferencial de tomar um açaí numa praça, dando preferência a um clima mais informal, sendo batizado de “Açaí com Design”.

Os resultados levantados no exercício serviram de apoio de argumentação contra o projeto do teleférico, mostrando o potencial ativista do design. O projeto foi apresentado no R Design de 2014, onde fui apresentado a um processo de aceleração de iniciativas sociais, o “Social Good Brasil Lab”. Inscrevi o projeto em 2015 e após ser aceito entre projetos do Brasil inteiro pude passar pelo processo de aceleração aprendendo mais sobre “Design Thinking” e empreendedorismo. O projeto apresentado na banca de avaliação foi uma plataforma de engajamento para projetos sociais utilizando o “Design

Thinking” como metodologia principal.

Estes foram episódios que me ajudaram a formar, ao longo de minha jornada como designer, a ideia de que o design pode e deve ser voltado para o mundo real, que é ferramenta fundamental para a inovação social, ligando as questões humanas com as possibilidades técnicas, sendo uma área de alto potencial para gerar impacto positivo no mundo.

Agora, neste projeto final, encaro como desafio unir estas três pontas da tríade por mim definidas, propondo-me a inserir o design nos processos de aprendizagem de uma escola na favela da Rocinha, com o intuito de melhorar a relação dos alunos com a escola e seus processos, engajando também os pais e iniciativas sociais locais nesses processos.

OBJETIVO

Objetivo Geral

Este projeto tem como objetivo geral melhorar os índices educacionais da escola, tornando as práticas educacionais no CIEP 303 Ayrton Senna da Silva mais dinâmicas, visuais e eficientes, ajudando a criar uma escuta mais ativa entre os agentes educacionais, proporcionando melhor terreno para a construção de soluções para os problemas existentes no processo de aprendizagem dos alunos, servindo como modelo de inspiração para políticas públicas que contribuam para o desenvolvimento da qualidade da educação pública no Brasil.

Objetivos Específicos

Como objetivos específicos, esse projeto tem:

1. Apresentar aos professores e alunos da escola a metodologia do Design Thinking e suas ferramentas periféricas para que sirvam como apoio para construção de uma pedagogia mais dinâmica, visual e eficiente.
2. Melhorar a comunicação entre alunos, professores, familiares do aluno e iniciativas educacionais locais a fim de proporcionar a co-criação de uma nova escola.
3. Aumentar o envolvimento da família do aluno no cotidiano escolar.
4. Criar uma rede entre as iniciativas educacionais para que elas se apoiem criando projetos em parceria e complementando suas potencialidades.
5. Utilizar as novas tecnologias como catalisadoras dos processos de aprendizagem.

METODOLOGIA

Pesquisa de campo

O projeto usará uma abordagem qualitativa e seu processo será em grande parte construído de maneira coletiva. O objetivo é conhecer os processos de aprendizagem no cotidiano do aluno dentro e fora do CIEP e os efeitos que os agentes educacionais e os ambientes de convivência tem sobre o resultado dessa aprendizagem, analisar esses processos e efeitos identificando obstáculos, para posteriormente pensar estratégias para superar esses obstáculos.

Primeiramente, será realizada uma pesquisa de campo onde serão realizadas entrevistas abertas semiestruturadas com pessoas das seguintes áreas: educação, favela e inovação social. Na área de educação serão entrevistadas pessoas que possuam algum projeto de escola inovadora ou que tenham algum trabalho referente a novos modelos de escola e processos de aprendizagem.

Na área de favela, serão entrevistadas pessoas envolvidas nas lutas pelos direitos humanos na Rocinha e historiadores que tenham alguma pesquisa sobre essa favela. Na área de inovação social, serão entrevistadas pessoas que possuem projetos de design de inovação social e design voltado para a educação.

Essas entrevistas serão utilizadas, junto com uma deskresearch sobre desafios no ensino médio no Brasil, na formulação de um mapa de insights que orientará as investigações dentro do CIEP 303 Ayrton Senna da Silva. Nessa fase, serão separados um grupo de alunos e um grupo de professores para um grupo focal, utilizando dispositivos de conversação, isto é, artefatos de design que facilitem conversas. A proposta é levantar as fraquezas e forças nos processos de aprendizagem usados no CIEP, tentando descobrir as principais causas dos obstáculos de uma aprendizagem plena e quais as

possíveis estratégias para superar estes obstáculos.

Na última fase será realizada uma sessão de Design Thinking com os quatro agentes do processo de educação, alunos, família do aluno, professores e representantes de iniciativas sociais locais, com o objetivo de criar colaborativamente soluções próprias para os desafios do processo de aprendizagem. Também será apresentada ao grupo a Fluxonomia 4D como ferramenta para mapeamento de recursos.

Essas três primeiras fases de observação, escuta e co-criação servirão de formulação dos pré-requisitos de um produto digital que tenha como objetivo sanar o problema do processo de aprendizagem, criando um ambiente virtual que contribua.

Plano de trabalho

A partir da definição do tema e objeto de pesquisa comecei minha pesquisa sobre educação no Brasil, campo em que mais me sentia mais inseguro. Comecei a então frequentar palestras e oficinas sobre o tema educação e assistir filmes, séries e podcasts para me inteirar desse universo.

Além disso, passei a conversar com pessoas que estão estudando ou possuem filho estudando no ensino médio, com o objetivo de descobrir assuntos relevantes dentro do tema. Essas conversas iniciais formaram a base para a criação dos roteiros de entrevista com os especialistas específicos nas áreas de educação, favela e design de inovação social.

Considerando o calendário escolar do CIEP as oficinas com alunos e professores se dará em 2020 no início das aulas. Essas oficinas servirão de base para a criação dos requisitos do produto a ser desenvolvido. Sendo assim, o cronograma segue duas linhas, a de trabalho coletivo de levantamento desses requisitos e o trabalho individual do designer na construção do produto pautados nesses requisitos.

NO MEIO DA OFICINA TINHA UMA PANDEMIA

Como a pandemia muda todo o processo

A pandemia do Corona vírus muda todo o cenário em 2020 e de uma hora para outra entramos em isolamento social, tivemos que aprender novos hábitos restritivos em relação ao contato humano para combater o contágio do Covid-19. Em 13 de março é decretado o fechamento das escolas no Rio de Janeiro. No início o cenário era assustador e o futuro das coisas imprevisível. Neste momento a pesquisa para completamente, porque para além das aulas da UERJ terem parado, eu precisava entrar na campanha de combate ao Covid-19 realizada pelo movimento “A Rocinha Resiste”.

Os meses se passaram até termos alguma perspectiva de retorno das atividades da UERJ e no início de setembro eu retorno o contato com o grêmio estudantil do CIEP para entender como estava a situação das aulas. À época da conversa os alunos estavam usando o Google Classroom, plataforma oferecida como ferramenta para o ensino remoto, iniciado em 6 de abril, mas já tentavam migrar para o uso de apostilas internas. Como já era esperado por boa parte do corpo escolar, o ensino remoto se mostrou ineficiente devido à falta de acesso à equipamentos e Internet para que os alunos acompanhassem as aulas.

Apenas no início de outubro os alunos conseguiram ter acesso à apostila impressa, no que se chamou de ensino híbrido. A demora na mudança se deu devido à confusão na entrega das apostilas aos alunos, pois, por falta de um endereço formal, o material foi extraviado pelo correio. A solução final foi os alunos buscarem o material na própria escola, deixando pouco mais de um mês para o reenvio para correção por parte dos alunos. Essas apostilas representaram um bimestre de conteúdo e foram oferecidas mesmo a quem

já estava fazendo as atividades no Google Classroom.

O cenário para minha pesquisa de campo era desanimador, pois o único meio pelo qual poderia fazer algum tipo de facilitação era através de meios virtuais. E aí, eu tinha dois riscos: (1) não conseguir acessar os alunos sem acesso aos meios digitais, não identificando assim as suas necessidades e (2) uma vez conseguindo trabalhar com os que têm acesso à esses meios, não conseguir o engajamento necessário para que eles participassem.

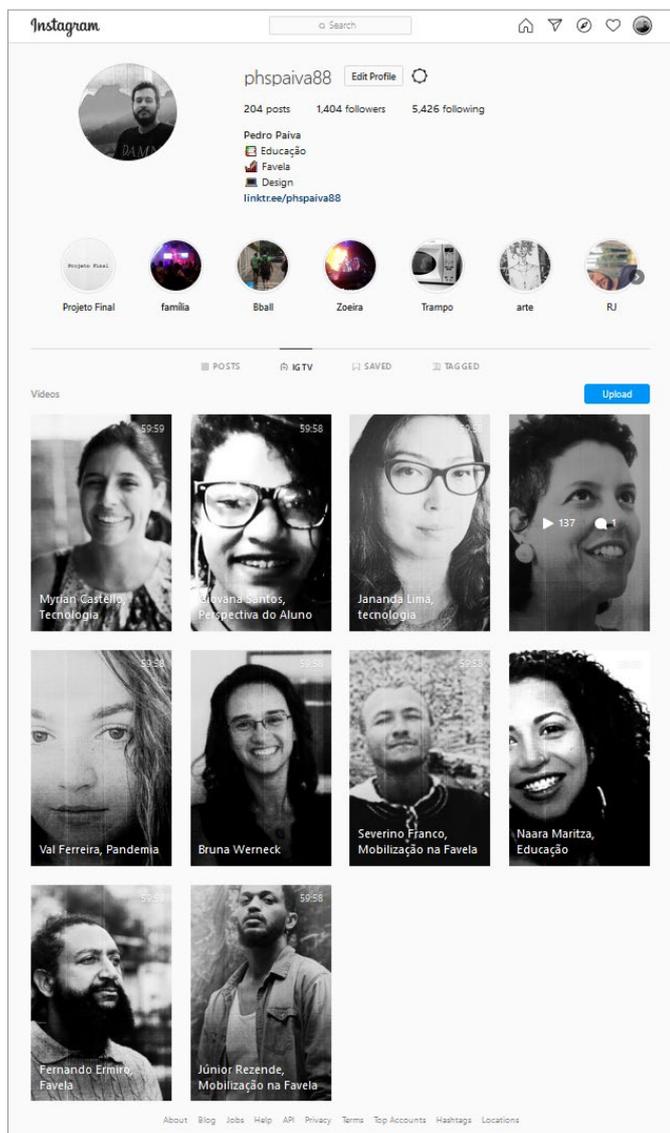
Estratégia para contornar o isolamento

A estratégia adotada foi promover uma série de conversas ao vivo pelo Instagram com os especialistas que eu havia mapeado com a intenção de servir como pré-pesquisa para os alunos do grêmio e também como maneira de tornar acessível a pesquisa a qualquer um se interessar pelo assunto, tornando o processo mais aberto e democrático. Apesar da conversa ser em formato ao vivo e permitir a participação de mais pessoas, o que me interessava era o registro. Como já tínhamos que fazer uma conversa por meio digital e gravá-la em algum lugar, o Instagram se tornou a ferramenta mais prática. Todos os vídeos ficaram salvos no meu Instagram pessoal, mas serão relançados no canal próprio do projeto no Youtube.

Selecionei dez convidados com o perfil que se encaixassem na área de educação, considerando professores, alunos e pesquisadores, na área de favela considerando moradores e militantes, e também profissionais e pesquisadores da área de design. Com o tema central sendo “a educação no contexto da pandemia e o impacto na favela”, as conversas foram dirigidas de maneira natural, não seguindo um roteiro restrito. Sendo essa uma fase inicial, o objetivo era explorar o que cada convidado se sentia mais à vontade para trazer. Como resultado dessas lives, foi gerado um mapa afetivo (em anexo), trazendo trechos extraídos das conversas e combinados em subcategorias.

Na sequência estava programada a facilitação de uma oficina para entender os problemas vividos na educação dos alunos durante a pandemia. Foi feito o convite através de grupos no WhatsApp para 3 encontros de 2 horas em um

Figura 7: Lista de lives no IGTV do Instagram de Pedro Paiva
Fonte: screenshot do Instagram



final de semana. A oficina tinha como objetivo dar uma introdução ao Design Thinking, tendo como referência o exercício “Design Thinking in 90 minutes” da D.School e apresentar algumas ferramentas de criação.

Na primeira tentativa, tivemos apenas uma aula presente em um dos dias, o que tornou inviável o exercício. Mas apesar do sentimento de frustração e ainda limitação de tempo, surgiu a oportunidade de substituir uma reunião do grêmio pela oficina. Fizemos, então, o encontro através da plataforma “Google Meet” e utilizamos a ferramenta online “Miro” para apresentar as ferramentas “Mapa Mental”, “5W2H” e “5 Porquês”. Também usamos a ferramenta on line “Mentimeter”, para fazer uma nuvem de palavras na tentativa de tornar a conversa mais visual.

Sequência da oficina

Dado 20 minutos da hora marcada, só tínhamos 2 alunos presentes na sala do Google Meet. Decidi começar a atividade para não perdermos mais tempo e comecei a compartilhar na minha tela uma apresentação sobre o Design Thinking organizada por mim no Google Slides. A ideia foi passar pelas 5 etapas: Empatia, Definição, Ideação, Prototipagem e Teste, resumindo cada uma delas e destacando as suas principais ferramentas.

Ainda só haviam dois participantes, então, partimos para uma etapa da oficina mais prática. Coloquei um cronômetro de 2 minutos e pedi para que eles escrevem no chat do Google Meet a seguinte pergunta: quantas utilidades você pode dar a um tijolo? O objetivo do exercício era estimular uma participação ativa e pensamento ágil.

Depois expliquei o que era a ferramenta “5w2H” (Why? What? Who? When? Where? How? How Much?), que é mais utilizada no Marketing para a produção de plano de negócios, mas que serve como boa inspiração para iniciar perguntas.

Com o mapa de perguntas desenvolvido, o grupo, que a essa altura já havia aumentado para cinco participantes, decidiu focar em uma questão para ser

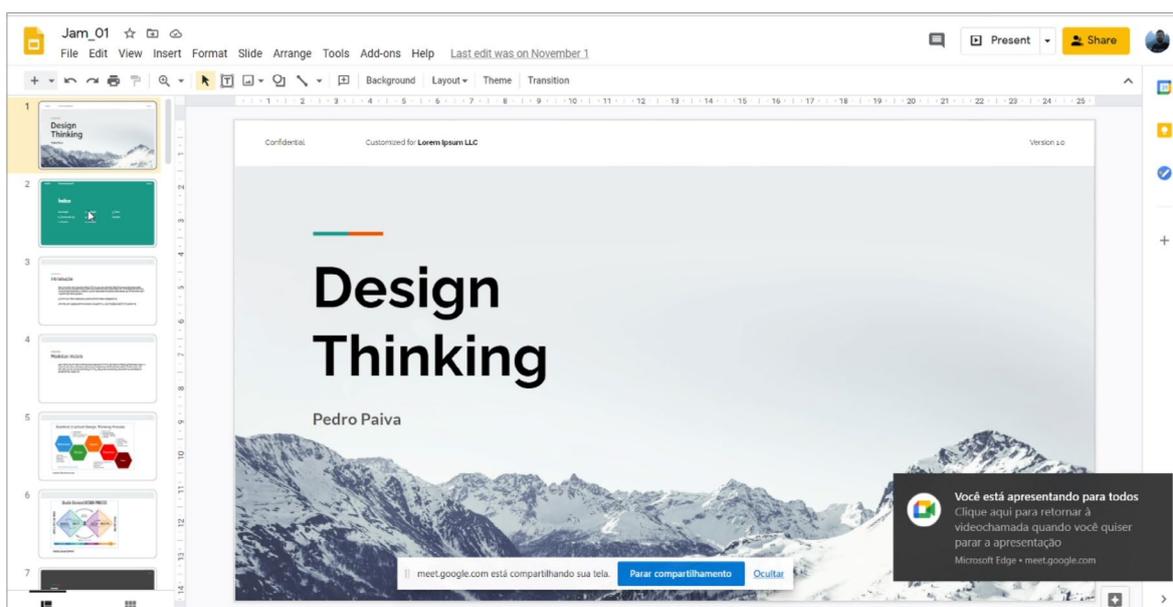


Figura 8: Apresentação sobre Design Thinking organizada por Pedro Paiva
Fonte: arquivo pessoal



Figura 9: Ferramenta Miro com Canvas adaptado para as fases Design Thinking.
Fonte: arquivo pessoal

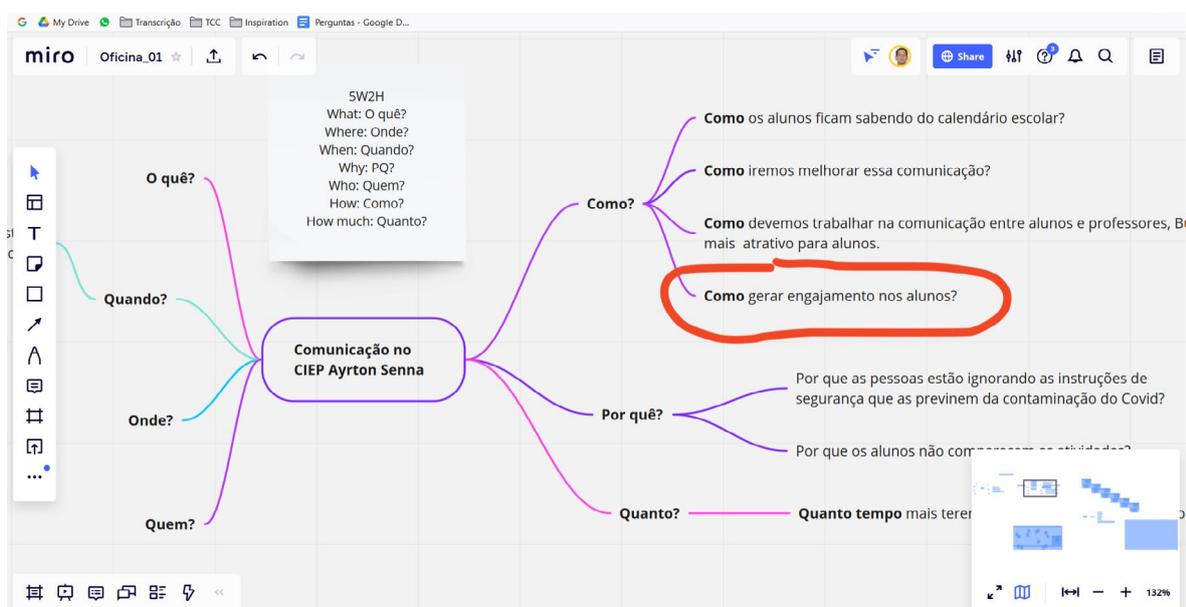


Figura 10: Mapa mental de perguntas com inspiração na ferramenta 5W2H.
Fonte: arquivo pessoal

aprofundada na ferramenta dos 5 porquês. Por fim, com a questão central enunciado, fizemos uma enquete no Mentimeter para fazer uma nuvem de palavras com possíveis respostas. Encerramos o encontro ao atingirmos 2 horas de duração.

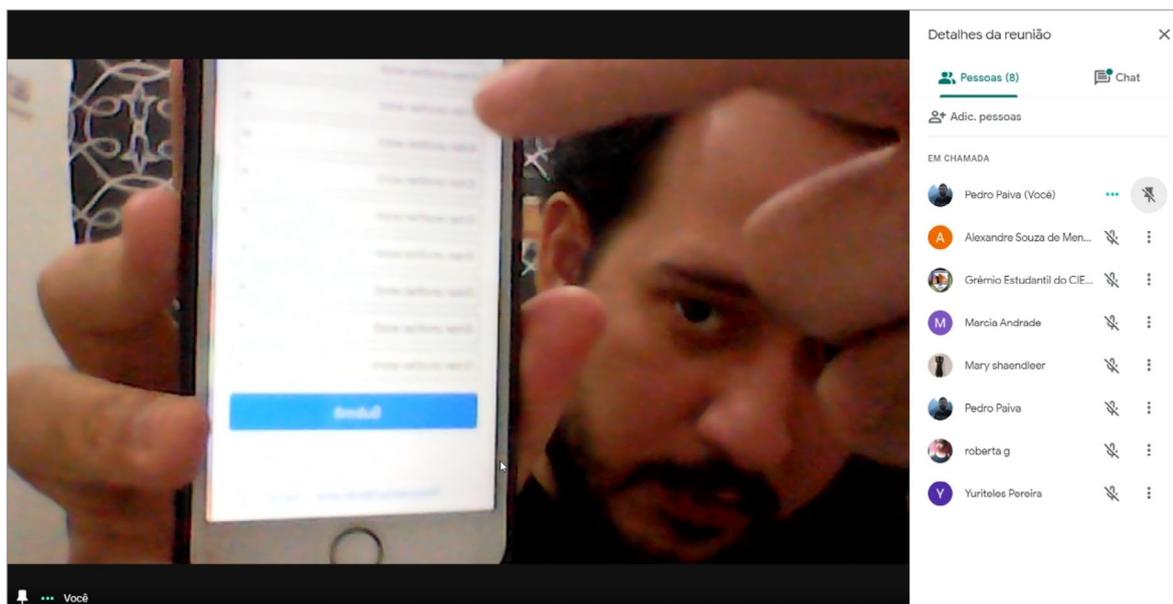


Figura 13: Ensinando os participantes a usar o Mentimeter.
Fonte: arquivo pessoal.

Aprendizados

Após erros e acertos durante o processo, me dei conta que alguns dos problemas que se queria descobrir, já estavam ali validados:

- Dificuldade dos alunos em acessarem e se engajarem por meios digitais;
- Dificuldade dos alunos em disponibilizar tempo para atividades extraclasse;
- Má comunicação entre alunos e escola;

O PROJETO

Juntando um pouco de tudo para mudar alguma coisa

A oficina não saiu como o esperado inicialmente, mas conseguimos avançar em alguns aspectos e levantar boas questões. O objetivo inicial era que o próprio grupo de alunos reunidos conseguisse pensar em alguma proposta de solução para que eu construísse com as ferramentas de design.

Entretanto, as dificuldades e insucessos do plano inicial trouxeram respostas profundas à pesquisa. Foi possível notar necessidades, desejos e potencialidades. Sendo assim, o projeto tem como objetivo final publicizar esses aprendizados com a comunidade escolar, com a favela. E a forma que se mostrou mais prática como objetivo de comunicação e de impacto foi uma página web com todo o conteúdo trabalhado.

A página servirá de guarda-chuva para os materiais obtidos na pesquisa e para os demais canais do projeto. Na página inicial o usuário encontrará links para as conversas com os especialistas e links para downloads de três peças gráficas:

1. Mapa Mental com os conceitos da pesquisa;
2. Mapa afetivo da conversa com os especialistas;
3. Canvas para atividade de co-criação.

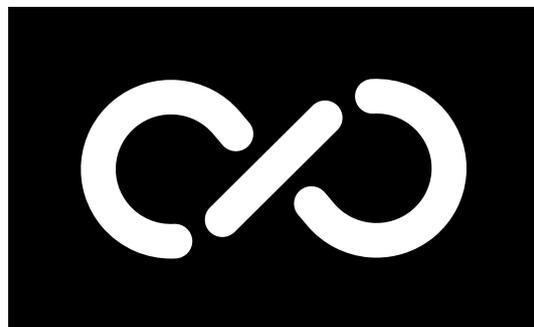
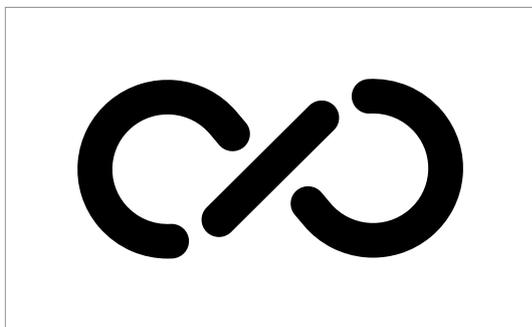
Todos os materiais do processo de pesquisa e dos resultados finais estarão disponíveis no link:

https://linktr.ee/EFD_Materiais

Logo



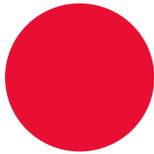
Versão colorida



Versão preta e branca

Cor

Cor principal



#e91034

C: 2 M:100 Y:86 K:0

Cores secundárias



#2e5080

C: 2 M:100 Y:86 K:0



#ff931e

C: 2 M:100 Y:86 K:0

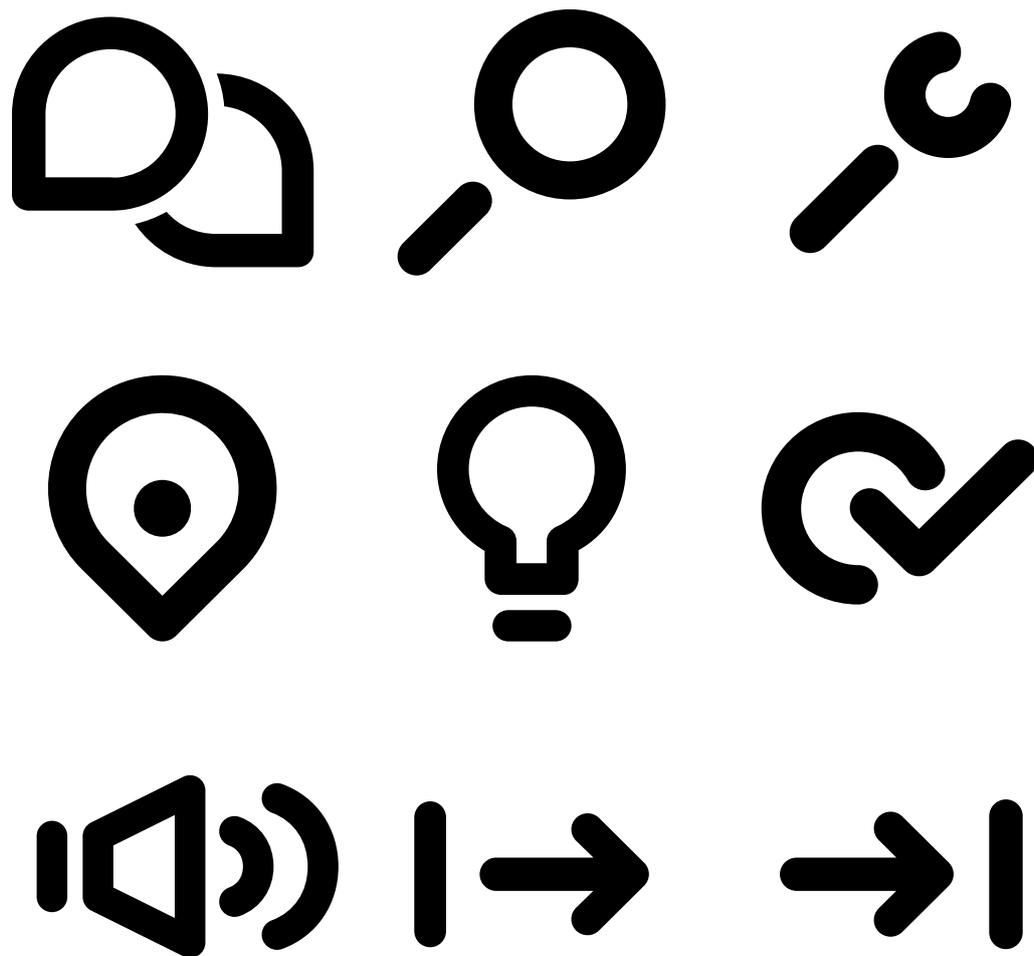
Tipografia

Gotham Rounded

Gotham Rounded Bold

Ícones

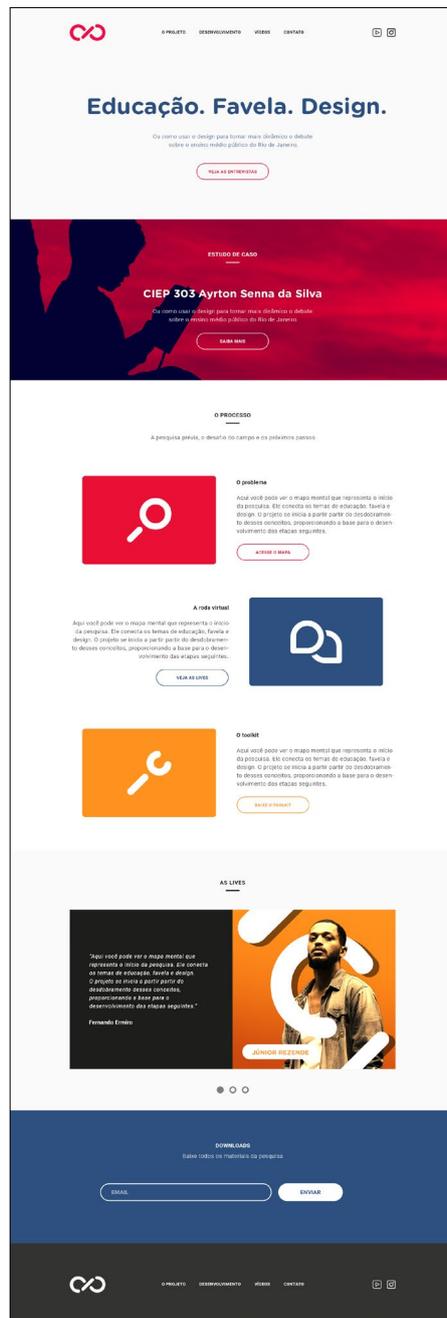
Ícones usados no site e no canvas da metodologia.



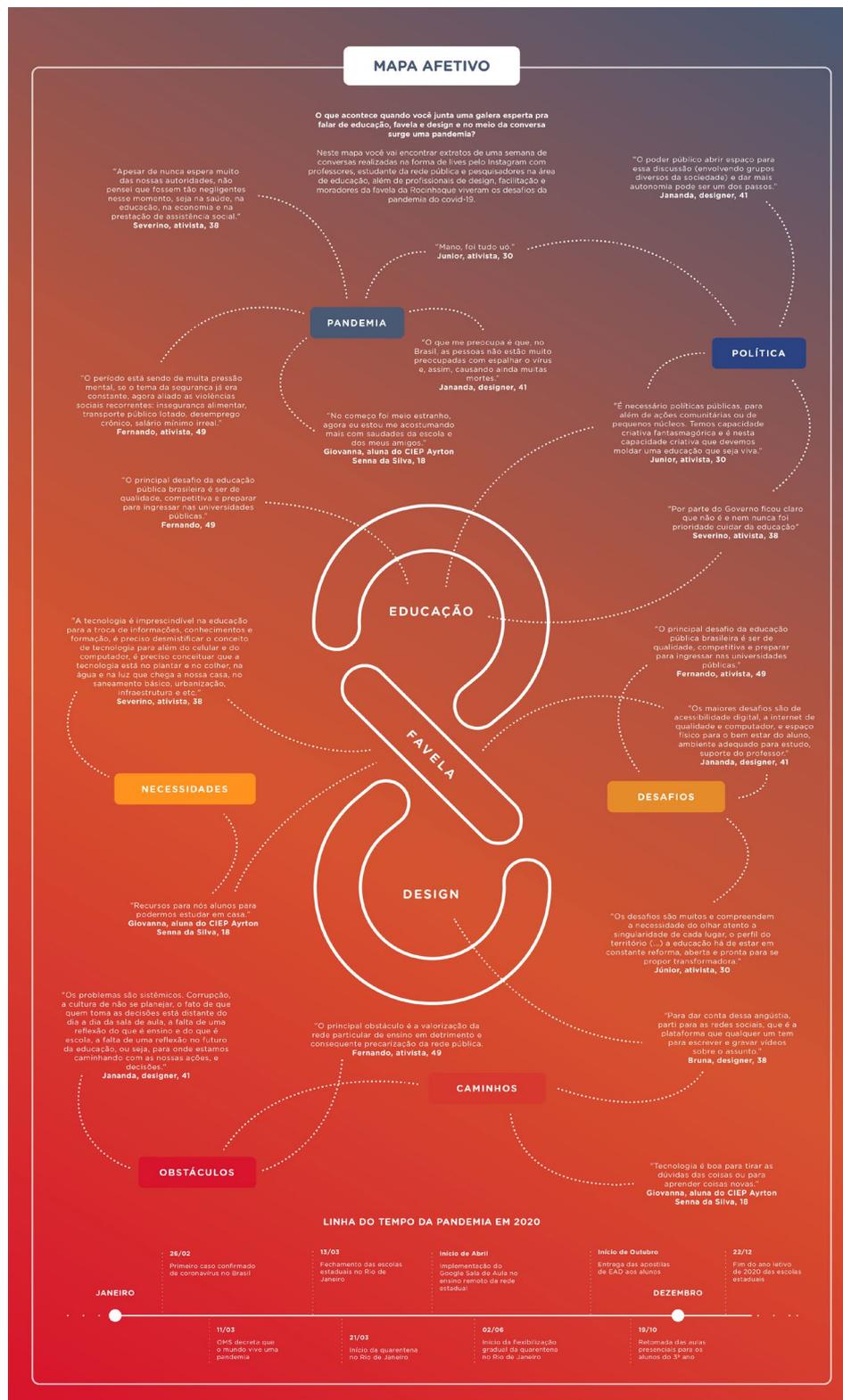
PEÇAS GRÁFICAS

Página web

Inteira



Mapa Afetivo



Canvas para oficina de criação

Educação, Favela e Design		Título <input type="text"/>		Data <input type="text"/>	
Canvas desenvolvido para facilitação de oficina de criação com alunos do ensino médio					
 Perguntar Quantas perguntas são necessárias para entender de maneira profunda o problema? <small>Faça um mapa mental com perguntas que possam ajudar a entender melhor o desafio. Em seguida utilize os "5 porquês" para ir mais a fundo no problema.</small>	 Analisar Quais foram os aprendizados gerados através das perguntas? <small>Anote aqui os insights trazidos da sua pesquisa. Apenas releia de forma breve os fatos mais relevantes observados durante a conversa.</small>	 Criar Que soluções você consegue imaginar para resolver o problema? <small>Faça uma rodada de brainstorming e pense no maior número de ideias possível para resolver o problema. Depois faça uma rodada de análise das ideias. Escolha os melhores conceitos e faça uma lista para defender na próxima fase.</small>	 Planejar Como você pretende implementar sua ideia no mundo real? <small>Defina uma meta SMART para a sua ideia e depois utilize a ferramenta SWOT para descobrir o passo-a-passo da sua ideia.</small>	 Apresentar Como você pretende comunicar a sua ideia para o mundo? <small>Crie um pitch para apresentar a sua ideia para os demais presentes do workshop. Seja sucinto na maneira de apresentar e se prepare para perguntas.</small>	 Definir Qual a necessidade do seu usuário e por que ela é relevante para ele? <small>Use a fórmula do "basta-de-vida": [Usuário] ... [situação] precisa [necessidade] ... [carrota], porque [Insight ... (conhecimento)]</small>
 Check-in Como estamos começando esta atividade? <small>Anote aqui suas impressões iniciais.</small>			 Check-out Como estamos encerrando esta atividade? <small>Anote aqui suas conclusões da atividade.</small>		

CONCLUSÃO

O desafio de realizar um projeto de oficina no meio de uma pandemia é mais que desafiador. Mas uma coisa que aprendemos nessa pandemia em 2020 é que trabalhar de maneira remoto é possível. Há uma grande perda de interação humana, perde-se a percepção sensorial das coisas, a energia das pessoas. Porém, as novas ferramentas muito contribuem para a confecção de modelos visuais que nos ajudam a trabalhar em grupo. Com o advento da vacina e a retomada às atividades presenciais, levaremos todas essas habilidades para trabalhar desta vez de maneira híbrido. Nesse sentido, este projeto é um bom exercício para este futuro próximo, onde estaremos cada vez imersos nas ferramentas tecnológicas. E o papel do designer é jogar luz ao fator humano, que será sempre o elemento indispensável.

BIBLIOGRAFIA

ALT, Luis. Empatia, Colaboração e Experimentação. Disponível em: <<http://luisalt.wordpress.com/>>

BROWN, Tim. Design Thinking. Harvard Business Review, v. 86, n.6, p. 84-92, 141, 2008. Disponível em: < http://www.ideo.com/images/uploads/thoughts/IDEO_HBR_Design_Thinking.pdf >

_____. Change by Design: How Design thinking Transforms Organizations and Inspires Innovation. New York: Harper Business, 2009

BURNEY, David. What is Design Thinking?, 2006. Disponível em: <<http://www.redhat.com/magazine/019may06/features/burney> >

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

IDEO. Human Centered Design Toolkit, 2009. Disponível em: < http://www.ideo.com/images/uploads/hcd_toolkit/HCD_Portuguese.pdf >

OSTERWALDER, A.; PIGNEUR, Y. Business Model Generation: Inovação em modelos de negócios. Rio de Janeiro: Alta Books, 2011.

Site

D.school. Disponível em: < <https://dschool.stanford.edu/>

ANEXO

Transcrição das lives do Instagram

Conversa com Jananda Lima

Pedro – Olá, tudo bom, gente? Hoje, o último dia desta maratona de lives. A gente vai continuar tendo algumas, mas agora bem mais espaçadas. Agora, uma conversa tranquila com a minha amiga Jananda.

Jananda Lima, designer, pesquisadora, facilitadora. Eu já falei bastante com ela sobre o trabalho né? É o trabalho dela. É, eu acho que a gente sempre acaba falando do trabalho dela no contexto do “A Rocinha Resiste” né? Hoje aqui nesse ambiente mais pessoal, a gente pode ficar mais à vontade. Deixa eu ver: o Grêmio entrou aí e aí Grêmio? Não sei se o Caio está aí ou o Alexandre. Tudo bom? Se vocês conseguirem assistir a gente hoje vai ser legal. Jananda acabou de entrar.

Pedro – E aí? Oi Jananda.

Jananda – Oi, tudo bem?

Pedro – Tudo. Bom te rever, quanto tempo... Dá vontade de botar as fofocas em dia ao invés de falar de trabalho.

É difícil até te perguntar, porque a gente já falou várias vezes né? Mas se apresenta um pouco aí para quem tá te vendo a primeira vez.

Jananda – Eu sou designer, comecei com Design Gráfico e depois de mais de dez anos trabalhando nessa área, eu resolvi mudar para alguma outra coisa. E aí nessa caminhada fui descobrindo o Design para a inovação social, futurismo. Acho que atualmente eu tô trabalhando realmente mais nessas áreas né?

Eu tenho que trabalhar como pesquisadora e especialmente com populações marginalizadas, com população de favela. Tem uma pesquisa aí no Rio de Janeiro. Tem com populações indígenas do Ártico e da Amazônia, principalmente, e com algo que a gente chama de Design para o pluriverso, que é a gente conseguir imaginar um mundo onde vários mundos se encaixam. Onde a gente não precisa ter um tipo de, o que chamam de “civilização”, um tipo de visão de mundo eurocêntrica né? Então como é que a gente sai desse centro deles e vai para as periferias? E consegue enxergar outras perspectivas, tanto de saberes, quanto de tecnologias, quanto de ontologias, enfim, esse tipo de coisa.

Pedro – Muito bom! Acho que para cada um dos termos aí que você falou, eu queria fazer uma live específica né? Então acho que hoje vai ser um pouco corrido, a gente vai falar de uma maneira

geral, um pouco de tudo. E aí eu queria aproveitar, porque a ideia dessas lives é fazer um grande caldeirão com vários conceitos, visões. É principalmente tentando botar a perspectiva do Design, pensar educação, pensar favela né? E também a partir desse ano entender um pouco no que é que a pandemia modificou todas essas outras questões, né? Então para começar aproveitando da sua apresentação, acho que se não me engano você falou Design para inovação social. Você pode definir um pouco para gente? O que é isso? Que tipo de trabalho você faz com isso...

Jananda – É um pouco complicado. Eu até hoje não consegui achar um termo melhor, mas eu imagino que pelo menos com quem eu tenho lidado nas minhas pesquisas, talvez seja um título que mais se aproxime do que eu tenho feito como pesquisadora. Mas é muito complicado, porque eu não acho que seja um termo muito interessante pesquisar, mas explicando o que que eu quero dizer com isso, Design Social seria a gente usar essas ferramentas, a prática e a disciplina do Design pra gente conseguir criar essas mudanças.

Porque o que é o Design? Nada mais é do que a gente transformar nosso redor. E a gente se utiliza de metodologias e ferramentas para isso. Então como é que a gente pega essas metodologias e ferramentas para se usar num contexto mais humanístico, que a gente vá conseguir melhorar a vida das pessoas, que a gente consiga fazer coisas juntos né?

Na minha prática, principalmente, é muito a questão de trabalhar junto. Então quando eu estou trabalhando com as pessoas, quando eu vou aí na Rocinha e trabalho com vocês, vocês são pesquisadores junto comigo né? Não é eu como pesquisadora que vou lá observar o objeto da minha pesquisa. Então na minha prática de Design Social eu acho que seria mais isso, seria essa colaboração.

Para a gente é muito complicado com relação às ferramentas. Primeiro que o Design, ele foi inventado na Europa, na época da Revolução Industrial e, assim, parece que aparentemente não tem conexão nenhuma com a nossa realidade no Brasil. Principalmente numa favela. Mas como é que a gente pode usar disso e das ferramentas que foram criadas e adaptar elas ao nosso contexto né? Então na minha prática de Design Social é isso que eu tenho tentado fazer. Será que a gente consegue criar nossas próprias ferramentas ou a gente consegue adaptar outras ferramentas para o nosso benefício?

Pedro – Perfeito. Pegar essas ferramentas para o nosso benefício para mim vai muito ao encontro da ideia de hackear né? Quando eu chego lá na universidade e aí eu aprendo várias maneiras interessantes de melhorar a vida das pessoas... Parece que quando a gente tá na faculdade, a faculdade tá muito ligada ao mercado, como a gente aprende coisas para ganhar mais dinheiro, fazer produtos melhores, que as pessoas vão querer comprar, né? E aí são ferramentas interessantes que melhoram a produção, melhoram a ergonomia das coisas, enfim. Estou tentando fazer uma associação com que tudo isso que a gente aprende ali tenha um estalo que a gente fala assim: “Cara, se eu aplicar isso num problema lá na Rocinha dá para resolver melhor

ou mais rápido ou de maneira mais colaborativa, né? É na própria prática do A Rocinha Resiste às vezes são coisas simples. Ontem a gente estava falando com a Bianca Martins, professora da rede também, que quando a gente fala tecnologia não necessariamente é o computador da última geração, a internet banda larga... São coisas simples. Às vezes é tornar uma visualidade. A gente até citou seu trabalho e aí eu queria que você falasse depois, porque eu contei aquela história quando você fez o CLA lá na Amazônia, que o pessoal olhou aquele objeto é ficou maravilhado. E como eram coisas simples. Era papel, alguns elementos ali da floresta né? Então era só para fazer uma cola com essa ideia de hackear, mas aí eu destaquei isso. Melhorar a vida das pessoas e trabalhar junto né? Acho que o trabalhar junto é algo que também dá para fazer uma associação com a favela, porque quando a gente vai falar de mutirão, quando a gente vai falar que precisa bater uma laje, a gente chama os amigos, faz um churrasco sabe? A gente tem falado disso também e quando a gente vai falar de melhorar a vida das pessoas, parte muito das pessoas, né? Então, a gente tá falando agora de eurocentrismo, então não é alguém que chega lá de fora e fala assim: Ó, eu tenho a maneira certa de vocês viverem e eu vou ensinar isso. Não é isso. Isso é aquilo que a gente tava falando do colonialismo né?

Então acho que o que a gente está querendo tentar enxergar e a Bianca falou isso ontem, por exemplo, quando eu perguntei qual é a escola que você queria que existisse? Ela falou assim: Cara, escola é ideal depende daquela comunidade. É a escola que fizer sentido para aquela comunidade.

Jananda – Depende das pessoas que frequentam essa escola porque para citar o Pacheco, “A escola não é feita de muros, de prédios, ela é feita de pessoas. Então o que aquelas pessoas que são aquela escola querem”. Isso é um conceito interessante, porque se você for pensar em qualidade, você tem que pensar em cada projeto o que é qualidade. Então essas ferramentas que a gente aprende na universidade muitas vezes elas estão pensando num tipo de qualidade que não é necessariamente o adequado para quando eu tô lá na Amazônia. O que é qualidade para eles é completamente diferente de qualidade de vida numa favela ou na zona sul do Rio de Janeiro ou aqui em Toronto sabe?

Então acho que a primeira coisa a entender: De onde vem esses valores, né? Eu falo também que eu pratico o futurismo, porque o futurismo me ajuda a pensar nisso. A questionar o presente, quem estabeleceu que para mim felicidade ou qualidade de vida é isso. Se você, por exemplo, você ganha muito dinheiro, tem uma casa na praia, um carro... Quem falou? Quem tá estabelecendo isso? Essas regras não foram estabelecidas pela maioria das pessoas. Então quando eu vou trabalhar com essas comunidades, eu tenho que entender junto com elas né? Refletir sobre o que é qualidade para eles, como a gente pode usar a ferramenta. Será que a gente consegue criar outras?

Isso que você falou é exatamente o que eu penso. Esse hackear é exatamente a decolonização. Como você decoloniza isso? Então para você pensar no futuro, você precisa pensar quais são as

amarras que você tem hoje que te impedem de imaginar um futuro desejado. Então primeiro você acessa as regras do jogo de hoje né? Os sistemas como eles foram criados, quais são as visões de mundo que você acaba nem questionando mais e você assume como verdade do tipo “eu preciso ser rico para ser feliz”; um exemplo só né? E a partir daí, a partir desse entendimento do que faz sentido para mim ou não né? Tirar do inconsciente e trazer para o consciente o que são esses desejos de fato, aí a gente consegue pensar e imaginar um futuro para gente.

Pedro – Eu achei legal que você falou de entrar no sistema primeiro né? E hackear da maneira original da programação, é justamente isso. É justamente ver a brecha para entrar no sistema e depois fazer ali a bagunça né? É, eu queria pegar também nessa sopa de palavrinhas que você falasse um pouco mais de futurismo. Você está falando de quê? De astrologia, essa é uma bola de cristal? Fala aí.

Jananda – Não. O futurismo, na verdade começou a ser muito usado lá na década de 50 né? Que era a gente pegar as tendências, os sinais que a gente consegue enxergar hoje, tentar prever cenários futuros. Como as pessoas têm utilizado, na maioria das vezes, é para criar resiliência. Então tem um caso famoso das chamadas anos 60, 70, que eles tinham uma equipe de futurismo que imaginou vários cenários futuros, a partir dos sinais que eles tinham naquele momento e se prepararam para uma grande crise do petróleo e foi uma empresa que conseguiu sair ileso dessa crise porque já tinha se preparado para isso, porque imaginou que poderia acontecer. E hoje é como a maioria das pessoas têm utilizado o futurismo, o futurismo estratégico.

Só que a minha abordagem de futurismo é um pouco diferente né? Ela é aspiracional, não quer dizer que a gente precisa se planejar hoje para chegar exatamente naquele lugar que a gente deseja no futuro, mas a gente precisa de uma bússola. E aí eu uso muito da epistemologia indígena que é você durante esse processo né? Quando você consegue tirar essas amarras de como os sistemas funcionam hoje e conseguir imaginar um futuro desejado, você para de só resistir e você começa a se planejar antes.

Então, tipo assim, a minha luta vai ser não muito por ali, mas mais por aqui, porque eu vejo aquilo ali mais para frente. Não quer dizer necessariamente que seu futuro vai ser aquilo, mas as suas ações hoje já estão mudando esse futuro e aí com isso a gente consegue, durante esse processo de chegar nesse lugar que você imagina, que você deseja, criar essas mudanças no seu momento.

Então, eu acho que é muito importante a gente entender o que está acontecendo hoje, aonde a gente se encaixa neste sistema? É por isso que eu fiz lá com pessoal das favelas do Rio de Janeiro esse diagrama do sistema de opressão dessas comunidades.

Pedro – Travou um pouquinho. Eu entendi que você vai entrar no exemplo do diagrama. Você vai entrar agora nos estudos de caso?

Jananda – Isso. Eu tava só comentando que a primeira coisa dentro dessa ideia do futuro desejado é você entender onde você se encontra hoje. Esses exercícios que a gente fez aí na favela no Rio, lá na aldeia de Aneraca na Amazônia, são para as pessoas entenderem onde elas estão naquele momento, como funciona esse sistema que tá oprimindo e marginalizando essas comunidades e, a partir daí, tentar pensar quais são os seus desejos né? O que que daquilo serve para você, o que que não serve. E aí sim pensar para onde você está caminhando.

Eu me lembro quando eu fui apresentar aí na Rocinha o resultado da minha pesquisa.

Pedro – Que, inclusive, foi no CIEP Ayrton Senna né?

Jananda – Foi. Eu tava muito receosa, enfim. Principalmente com esse conceito de futurismo, porque eu sempre ouvi muita crítica né? Principalmente de pessoas que são ativistas em favela, porque eles imaginavam: Você pesquisador aí no Canadá vem aqui falar de futurismo. A gente não sabe nem se vai chegar vivo em casa hoje.

Só que a imaginação é uma ferramenta muito importante para a gente, sabe? E que está sendo aniquilada, sequestrada de todas as formas da população de favela, principalmente. Porque quando você pede para alguém numa favela imaginar um futuro desejado, eles pensam um futuro sem violência. Eles não imaginam o que eles querem, eles imaginam ausência do que faz eles sofrerem nesse momento e isso quer dizer que a imaginação tá sempre completamente aniquilada, retirada dessas pessoas. Então assim, o futurismo ele é muito importante para a gente conseguir pensar na nossa própria identidade e imaginar quais são as nossas as nossas potências.

Quando eu fui apresentar essa minha pesquisa eu fiquei receosa. Só que foi muito legal, porque no final teve uma pessoa que comentou assim: é muito interessante essa abordagem da gente sair só da resistência e imaginar para onde a gente quer ir. Porque a gente fica tão sobrecarregado com os problemas de hoje que a gente fica só na resistência, a gente não tem uma proposta de para onde estamos todos juntos caminhando ou separados, mas é importante a gente imaginar qual é a nossa identidade e o que que essa identidade pede da gente. Para onde a gente tá indo né? Esse é o tipo de futurismo que eu tenho trabalhado.

Pedro – Perfeito. Eu tava aqui ouvindo. E eu acho que talvez o que poderia ser legal... Assim, a gente conversa muito e eu já tô tão dentro do assunto que eu tô aqui pensando o quê que poderia ser legal para a galera ver né? A ideia é a gente fazer aqui um compiladão que pode servir também de material pro próprio CIEP né? E aí eu queria que você explicasse um pouquinho. Eu sei que tem a sua apresentação, tem nos próprios canais do A Rocinha Resiste você explicando seu trabalho e eu queria que você falasse um pouquinho do processo. Tem essa metodologia para tentar entender o cenário ali onde as pessoas estão, mas conta um pouquinho, tenta narrar para a gente

como é que é essa oficina, vamos dizer assim.

Jananda – Aquela oficina que faz parte do projeto que apresentei para vocês?

Pedro – Isso.

Jananda – A ideia é que a gente entenda, como eu falei, as pessoas que participam desse processo. Elas são pesquisadores também dentro dessa ideia de que a gente tem diferentes tipos de conhecimento e num projeto, como qualquer projeto para a inovação ou para algum tipo de mudança, a gente precisa ter essas diferentes perspectivas né?

Uma crítica que eu tenho para alguma parte dos designers que fazem pesquisa é essa ideia de que... que vem dessa época de Revolução Industrial e etc de quando o Design foi criado, de a gente ter a solução para os problemas.

Então a gente recebe um briefing dizendo qual é o problema e a gente tem um processo para achar essa solução. Quando a gente está trabalhando com uma solução para uma comunidade, a gente tem que envolver ela né? Então eu preciso chamar essas pessoas que vão ser impactadas pelo projeto e elas dividem comigo. Eu compartilho de uma parte desse conhecimento e elas compartilham a parte que elas têm conhecimento. E aí especificamente nessa oficina que eu faço, a gente começa a pensar quem são esses atores que estão em volta da gente atuando, que tem um impacto na nossa vida.

Então a gente começa listando quais são esses atores né? No caso da favela, você tem a população que mora em favela, você tem o tráfico, você tem a polícia, você tem o resto da sociedade né? Como é que eles veem a favela? Como você interpreta esse território? Você tem essas pessoas, a imprensa, o sistema jurídico, o judiciário... e então vai listando quais são esses atores todos e depois você começa a fazer uma ligação ou tentar entender qual é a sua relação com cada um deles. E quais são essas dinâmicas de poder que acontecem, porque aí você consegue entender como é que esse sistema funciona.

No caso que a gente fez aí no Rio, a gente chegou a conclusões assim. Eu chamei pessoas de favelas diferentes sabendo que existem diferenças. Cada comunidade é uma comunidade. Mas eu queria entender quais eram as diferenças e o que fazia sentido para todas né?

E quando a gente fez esse exercício a gente entendeu, por exemplo, porque é que as manchetes de jornal noticiam: “moradores da Gávea ficam aflitos com tiroteios na Rocinha”, algo assim sabe?

Porque não falar de outra perspectiva? De quem tá dentro da favela? Então vai se criando essa narrativa em torno do que é favelado, do que é favela e aí eles conseguiram entender como é que tudo corrobora para essa ideia de que a favela é um lugar violento e que todo mundo é marginal, é traficante, numa favela sabe? E isso quando a gente vai pensando em cada relação que nossa

comunidade tem com cada um desses atores, a gente vai começando a entender o conjunto. Então a partir dali quando a gente entende mais ou menos esse contexto, esse sistema, a gente consegue depois disso começar a pensar em soluções que... E aí varia né? Se a gente tem dinheiro para investir ou não, mas que tipo de solução a gente consegue, não solução, mas de prática que vá afetar o sistema, porque se é um sistema, um ator afeta o outro. O que a gente pode fazer dentro da favela que vai começar afetar, por exemplo, a imprensa? Como ela noticia a favela? Ou como é que os policiais se comportam? Ou, enfim, você pode começar com pequenos projetos que começam a impactar de alguma forma né? E a partir dali imaginar outras coisas que você pode fazer que tenha um impacto bem maior.

Pedro – Eu estou te ouvindo aqui e eu pensei em duas perguntas. Acho que uma é mais como designer, a outra mais como favelado. Quando você faz a oficina e você tem, por exemplo, você até você falou que, no caso aqui no Rio sobre favelas, que pegou pessoas de favelas diferentes né? Como você faz para ter alguém que vai falar a sua perspectiva? Através da discussão, do debate, ela vai falar a visão dela. A outra do coleguinha vai falar a visão dele né? Como é que você faz depois para virar um painel do grupo? Se são vozes diferentes.

Jananda – Um consenso né? Eles sentam e eles fazem juntos aquilo. Então eles vão conversando sobre. E foi interessante observar nos casos todos que as pessoas vão chegando ao denominador comum necessariamente, porque elas estão olhando naquele caso sobre uma mesma perspectiva né? A minha ideia é que eu acho que o ideal seria a gente ter essas visões de todos esses atores que fazem parte, mas não é possível.

Eu não ia ter como colocar lá a perspectiva da polícia. Enfim, seria uma outra etapa desse projeto. Mas quando você junta exatamente aquele grupo específico que tem aquela perspectiva, porque eles estão num determinado ponto geográfico ali do mapa do sistema, eles conseguem achar o denominador comum.

Eu lembro que no da favela, por exemplo, tinha um pouco esse preconceito. “Ah esse pessoal da Rocinha né? que é zona sul, está perto de tudo, é outra história.” E aí o pessoal da Rocinha ficava ofendido, porque o pessoal que não é da zona sul generaliza e fala “todo mundo que é da zona sul é isso, é aquilo, não sei o que.” Tem essas questões, mas tem sempre o denominador comum ali.

Pedro – Beleza. E aí é muito da prática. Eu fico pensando nesse consenso, nessa consensualização, qual é o papel do facilitador? Será que é aí que a gente entra com as ferramentas, com as dinâmicas de grupo?

Jananda – Exatamente. Para mim esse é o papel do designer né? A gente pensa essa teoria antes e leva para ajudar nessa facilitação, porque quando a gente cria esse espaço onde as pessoas vão compartilhar o conhecimento delas, a gente precisa tá preparado para que elas se sintam

confortáveis. Mas isso não quer dizer que não existam diferenças de opiniões né? Eu acho que isso precisa existir. A gente precisa trazer isso.

Se a pessoa não sente confortável de compartilhar e dizer que não concorda, a gente tá perdendo. A gente tá perdendo informação, conhecimento. Então é um desafio a gente conseguir. Para o brasileiro eu acho mais fácil, a gente está mais acostumado a ter esse tipo de confronto. Aqui no Canadá é mais difícil porque todo mundo é muito educado. Mas eu acho que pensando num contexto de educação, a gente necessariamente precisa trazer todas essas perspectivas. A gente precisa entender se a gente fosse fazer um exercício desse, a gente ia precisar trazer professores, alunos, pais, diretoria, talvez alguém do governo, enfim, a própria comunidade, quem tá em torno dessa escola, quem vai ser afetado por essa estrutura.

Pedro – A gente costuma chamar de stakeholders né? Tem a ver ou tem uma palavra melhor também?

Jananda – Não é a palavra stakeholders, mas eu uso atores, porque eu acho melhor.

Pedro – Eu acho também. A minha dúvida era se você acha que tem diferença se a gente fala stakeholders ou atores.

Jananda – Eu acho que quanto menos técnico a gente é, melhor. Eu tento sempre trazer palavras que não são muito em inglês, por exemplo. Quando necessariamente não tem outra palavra para usar eu uso, mas eu tento evitar.

Pedro – Em relação à palavra, até no próprio curso do COVID19 na Rocinha, nas facilitações em Design Thinking, eu também trago muito esse questionamento em relação às nomenclaturas. Só que, por exemplo, quando dei um curso de Design Thinking para uma galera da A Ponte Pretx e a ideia desse projeto é fazer a galera preta ascender ali no mercado né? Ter cada vez mais recursos para entrar dentro do mercado de trabalho. E ali eu achei que era importante falar o inglês, porque quando eles tivessem lidando dentro do mercado e a galera tá habituada a falar inglês, eles saberiam: “Ah, stakeholders é atores”. Então é um pouco sobre isso. A minha dúvida era se stakeholder é uma coisa e ator é outra coisa?

Jananda – Não, é a mesma coisa. Mas eu entendo sim, porque você tava trabalhando ali com um nicho específico né? Como eu trabalho com comunidades, eu prefiro sempre usar uma linguagem mais universal.

Pedro – Perfeito. Entendi. A segunda coisa tem a ver um pouco com início da nossa própria relação né? É muito engraçado que eu te conheci porque você tava querendo fazer essa pesquisa lá no Rio e você chegou na Barbara Szaniecki que é minha orientadora agora deste projeto e agora você tá aqui.

E aí você tá aqui contribuindo agora né? E ali naquele momento eu te botei numa sabatina né? Mais uma gringa aí querendo saber sobre favela e no final não vai dar em nada né? E aí de cara você já falou que era amiga da Samara, era da fanfarrinha black club, aí já tava tudo em família, deu tudo certo. Mas a minha pergunta tem a ver com isso né? Porque você teve que lidar com essa questão em alguns outros grupos né? Tem aquele encontro para que servem as pesquisas de favela. Então queria perguntar um pouco sobre isso. Quando você tá ali com aquele grupo de pessoas, várias favelas, fazendo um trabalho que é parte de uma pesquisa acadêmica, de um desenvolvimento seu acadêmico e aquela galera está disponibilizando o tempo também, porque é importante para eles entenderem aquele cenário. Eu acho que isso fica ainda mais claro na questão que você fez com os indígenas. Quando eles olharam o resultado final e ficaram maravilhados.

A pergunta é: Como é esse ganha-ganha do designer, que a gente está falando de designer trabalhando em conjunto com aquela comunidade. O que o design traz, o que a comunidade traz e o que a comunidade ganha? O que o designer ganha? Porque tem essa troca, esse movimento...

Jananda – É, essa relação é muito importante. Eu acho que é a primeira coisa na hora que você tem que pensar ao fazer pesquisa de campo. No meu caso, eu estava bem apreensiva, porque era a primeira vez né? Quando fui aí fazer na favela, era a primeira vez, mas eu usei muito a minha intuição. E depois que eu comecei a ler mais sobre epistemologia indígena, ou seja, como é que a gente usa essas ideias, esses conceitos que têm algumas comunidades indígenas para fazer pesquisa né? Elas acabaram casando muito bem.

Para mim, assim, primeiro eu queria pelo menos dar uma ajuda de custo para transporte, porque as pessoas já estão dispendo do tempo delas. Então, eu queria arrumar um espaço legal que tivesse ar condicionado, porque era fevereiro e no Rio de Janeiro estava super quente. Algum lanche, alguma coisa que fosse legal, que fosse saudável e eu queria dar esse conforto que eu acho que eu não fiz mais que minha obrigação nesse caso. E depois eu fiquei pensando né? Porque é que eles participariam disso, sabe? E muitas das respostas vieram enquanto eu estava fazendo isso. Logo depois que a gente terminou o exercício algumas pessoas vieram falar comigo como aquilo tinha sido importante para eles. Porque eles estão sempre falando um pouco disso, um pouco daquilo, mas agora eles viram o todo né?

E aonde eles se encontram nesse diagrama que eles fizeram e quais são essas forças que estão agindo sobre eles. Isso já acho que é alguma coisa que eles ganham, porque eles estão entendendo a própria comunidade, a própria vida, a própria identidade deles. Enquanto eu também estou ganhando conhecimento ali. Então ali já houve essa troca de conhecimento e de forma

mais ampla quando eu estou fazendo pesquisa nas comunidades e sempre há uma troca, sempre há um relacionamento e esse relacionamento, no meu caso, ele nunca acaba só ali. Não existe “Acabei meu projeto, acabou o relacionamento.”

Primeiro, qualquer tipo de relacionamento você sempre tem algum impacto na vida das pessoas e elas na sua, que é outra troca. E outra, esse relacionamento como ele não morre ali, ele gera outros frutos né? Então, por exemplo, quando eu fui pro Rio fazer a pesquisa eu conheci muita gente, eu fiquei muito próxima de vocês do A Rocinha Resiste e eu acho que a gente tem essa troca de conhecimento, eu e você, até hoje.

Com a população indígena, por exemplo, quando eu fui lá visitar as famílias do Xingu, a gente criou um tipo de relação. Quando eu estive lá, eu mudei completamente a perspectiva de como eu vejo o mundo. Eles me ensinaram muita coisa só de estarem ali. Ao mesmo tempo eles também me deram esse retorno dizendo que aquilo era importante para eles, o resultado daquilo. A gente continua com a nossa relação, a gente está construindo agora vários projetos juntos sabe? Eu tenho entendido quais são as necessidades deles. Uma coisa que eu ia falar no começo, a gente como designer acha que a gente recebe o problema e pronto e aí vai achar a solução, mas às vezes a gente não sabe qual é o problema.

A gente precisa achar junto com eles. E essas minhas relações elas continuam até hoje de quase todos os projetos que eu tenho. Eu tenho um projeto que eu trabalho que é o Ártico Amazônia que a gente trouxe os artistas do ano passado aqui para Toronto do Ártico e da Amazônia e fez um simpósio.

E a minha relação com eles existe até hoje sabe? E tá gerando outros frutos para outros projetos. Esse projeto continua até 2022, mas o ano que vem eu já tenho outras coisas que eu estou chamando eles, convidando para a gente trabalhar junto.

Então, não é só o resultado final da pesquisa, porque eu não sei se o relatório final da pesquisa, que tá lá publicado em algum lugar, se aquilo tá de fato impactando a vida necessariamente dos favelados, não sei, não sei dizer. Mas todo o processo eu acho que sim. A minha e deles né?

Pedro – Você acha que quando a gente vai lá e aí a gente faz a facilitação, a gente mostra as ferramentas, se você acha que no final aquela comunidade (ontem a Bianca tava falando como todo mundo é em algum ponto designer também, só que tem os designers não especialistas né?) ... Como é que é você enxerga, tem percebido, que depois do contato, da prática, isso influenciou a galera? Eles começaram a, de repente, fazer coisas mais visuais? Será que só tem design quando a gente tá ou quando depois que a gente vai embora fica um pouquinho para eles?

Jananda – Sempre fica e é exatamente isso, todo mundo é designer, porque essa capacidade da gente criar ferramentas ou criar mudanças em volta da gente. E todo mundo faz isso, todo mundo é capaz disso. Então, eu acho que mesmo que não seja essa coisa só do visual, alguma coisa fica

né? Tipo, a forma como eles entenderam o sistema era uma imagem. Eles fizeram tudo visual, eles usaram os bonecos. Eu levei vários materiais, porque eu queria que as pessoas usassem o que elas se sentissem mais confortáveis.

Pedro – Fala um pouco desses materiais, porque a gente falou um pouco disso ontem com a Bianca. Como que esses recursos às vezes são simples. Achei muito legal que no caso da aldeia vocês usaram os próprios materiais da floresta né?

Jananda – A gente usou fruta, pedras, tudo que tava ali no chão. E eu me lembro que eles pegaram uma frutinha vermelha e eles fizeram colocar do lado da cada ator né? Os que eram bons, que não eram muito problemáticos, eles colocaram essa frutinha vermelha do lado. Então eu sempre prefiro dar esse espaço para eles entenderem como eles querem trabalhar. Eu tinha dois grupos lá no da favela. Um resolveu usar soldadinho de plástico, eles preferiram usar esses bonecos, o outro grupo preferiu usar mais post-its e fazer uma linha do tempo. Enfim, cada um trabalha como sente mais à vontade.

Então é importante ter essas opções né? No caso da floresta eram muitas opções, mas da floresta eu não levei nada. Levei uma caneta e um papel.

Pedro – Eu tenho uma pergunta sobre métrica de impacto. Não sei se você pode falar um pouco mais sobre isso, mas vou aproveitar que a Susy está aqui animada e fez essa pergunta: Qual é o maior presente que você ganha nessas trocas de experiência? Você é mais você do que uma pesquisadora, é um ser humano que se envolve com as mudanças.

Jananda – A partir de certo ponto, para mim não existe mais isso, a evolução da minha pesquisa e a minha evolução pessoal, é tudo uma coisa só. Então quando eu tô lá na floresta amazônica, eu tô em uma mudança muito intensa e aquilo tá em prática né? E necessariamente os projetos são afetados pelas pessoas que fazem esses projetos. Então dependendo de como eu estou, eu sou designer do projeto, dependendo de como eu estou ou de como enxergo o mundo, o impacto ou o resultado desses projetos vão ser completamente diferentes.

Então a partir do momento que eu cheguei lá na Amazônia eu entendi algumas coisas. Tipo quando eu fui para lá, eu era completamente atêia e essa perspectiva mudou para mim e quando isso muda, muda tudo ao seu redor né? O foco da minha pesquisa mudou um pouco. Eu tenho trabalhado muito essa ideia, tenho lido muito sobre decolonização, o pluriverso né? Esse lema zapatista de um mundo que habita vários mundos. Como é que a gente pode ter, a gente não precisa equalizar, a gente não precisa que todo mundo seja igual, mas a gente precisa respeitar essas diferenças.

Então não tem só o conhecimento acadêmico, tem outros tipos de conhecimento e para mim,

como pesquisadora, isso é o principal. Eu nunca perco esse foco de que o conhecimento não tá só na academia. Muito pelo contrário né?

Então, eu ganho dos dois lados: como pesquisadora e como pessoa.

Pedro – A minha pergunta sobre impacto tem a ver com isso que fica lá na academia, né? Mas vou guardar ela aqui um pouquinho para fazer a pergunta aqui da Susy. Como captar os recursos? Isso me traz uma questão que é assim, quando a gente está sem recursos. Eu fico muito preocupado quando a gente quer entregar soluções, modo de fazer, e pensa “ah, se não tiver o computador não rola, se não tiver a câmera tal não rola.” Então, muito provavelmente não vai rolar, porque quando a gente está falando do dia a dia os recursos são super escassos. A própria favela já atua com essa habilidade né? Fazer o que dá ali, com pouco recurso.

Fala um pouco disso. Será que o design só acontece quando o designer tem? Ou a facilitação ela só vai acontecer quando tiver o post-it? Post-it é um negócio caro. Então, como gerir isso? Fala um pouco da sua experiência e depois fala um pouco dessa visão “cara, se não tiver, como é que faz”?

Jananda – Eu comecei nessa pegada, nessa mudança do meu design do gráfico para o social assim, com a Samara Tanaka. Ela tava já fazendo os projetos no Alemão e em outros lugares, na Cachoeira Grande e sem recurso. E aí eu falei: Eu vou trabalhar com você, me convidei. E realmente foi o fato de eu ter o privilégio de não precisar ganhar dinheiro naquele momento, então eu pude mergulhar de cabeça nesses projetos. Mas eu vi como é possível com pouco recurso a gente fazer mudanças sabe? Com uma ideia boba, tipo tem lá uma ideia no Alemão de fazer as bibliotecas que ficam nos comércios, em alguns lugares da favela. E funciona, não precisa de recurso nenhum para isso. Então quando a gente aciona a rede fica muito mais fácil fazer esses projetos. A gente precisa dessa rede, a gente não faz nada sozinho.

A outra questão é que eu acho que um dos motivos principais para eu estar aqui no Canadá é captação de recurso. O governo tem muito dinheiro para fazer pesquisa aqui. Eu tenho, felizmente, conseguido envolver as questões do Brasil nas minhas pesquisas aqui. Porque a minha ideia era vir pra cá, fazer o mestrado e depois voltar, né? Porque eu sempre imaginei que esse meu conhecimento seria para aplicar nessas questões que eu tenho familiaridade. Mas quando eu percebi que aqui eu tenho essa oportunidade de fazer pesquisa e de viver como pesquisadora e de incluir essas pautas que para mim são importantes nos meus projetos aqui, eu acabei ficando e estou ficando por enquanto.

Mas enfim eu acho que a gente dá um jeito sabe? Ainda mais assim, eu acho que as minhas experiências em favelas no Rio sempre foram muito de criatividade, de hackear, de como é que a gente consegue fazer isso sem aquilo que a gente precisa. E eu acho que é uma experiência muito rica. Eu acho que quando a gente tá nesse ambiente, a gente consegue fazer essas coisas. A Samara tem lá Casa Livre Valtinho, que é um espaço aberto para todo mundo e a gente conseguiu fazer algumas coisas lá muito interessantes sem recurso nenhum.

Eu me lembro uma vez que tem a cracolândia lá que são os marginalizados dos marginalizados e ninguém nunca aceitava que viesse qualquer tipo de recurso ou ajuda para o pessoal que tava naquela situação, porque eles achavam, lá dentro da favela, que aquelas pessoas escolhiam estar daquele jeito, que era melhor investir qualquer tipo de recurso e esforço nas crianças, por exemplo.

Então eles eram sempre esquecidos. A gente não tinha nenhum dinheiro para fazer nada, a gente começou a acionar nossa rede, perguntar quem tinha sapato e roupa para doar, quem tinha tempo, como alguém que cortasse cabelo. Aí a gente acionou a Associação dos Moradores que deu espaço para eles tomarem um banho, para escolher uma roupa, cortar o cabelo, fazer a barba e em troca eles davam para gente uma história. Qualquer uma que eles escolhessem. Aí tinha uma pessoa que ilustrava, então ilustrava essas histórias sabe? E naquele momento o que eles precisavam era dignidade. Então a gente fez com nenhum recurso, só acionando a nossa rede.

Pedro – Perfeito. Falando de recursos, você falou em tempo. Tempo é um dos recursos mais valiosos. Se você não tem nada, não tem dinheiro, mas tem tempo, você já tem bastante coisa, né?

Deixa eu te falar, a gente tá encaminhando para o final, então se tiver acabando o tempo aqui essa última resposta é de fechamento também, para você falar o que você quiser, que achar que for necessário, mas tem uma inquietação minha que é sobre métrica de impacto. Talvez seja uma visão um pouco mais do empreendedorismo e tal, só que quando eu penso na favela, eu penso melhorar a vida das pessoas, é importante né? Poder medir qual é essa melhora para a gente ir evoluindo. E aí você fala uma coisa: Eu não sei como essa minha pesquisa que tá lá guardada em algum lugar na academia tá impactando... e eu queria falar sobre isso, sobre como a gente produz muita coisa, que às vezes fica numa estante, e isso é uma inquietação que eu tô levando para esse trabalho, que eu não quero que o meu fique na estante né? Ele vai ficar lá porque tem que ficar, mas o mais importante é o que vai causar na ponta.

Como você enxerga isso? Como você tenta trabalhar essa métrica de impacto nos seus projetos? Ou como você acha que poderia ser na vida?

Jananda – Primeiro, quando a gente tem esse encontro com as pessoas que estão pesquisando junto com a gente, ou seja, nesse caso do projeto com as favelas, dos favelados, acho que ali já dá para você começar a entender então que seria uma métrica, porque antes disso é difícil. Porque você sozinho como designer, você tem um objetivo, mas quando você encontra essas outras pessoas, elas têm outros objetivos né? Então a métrica do sucesso vai depender do que é sucesso para todo mundo envolvido no projeto.

Então a primeira dica é isso. Entender o que é sucesso para um projeto. A outra, no meu caso específico, eu meço muito com relação ao que a gente acabou de falar, que é a nossa rede, a criação dessa rede. Então quando eu tô ampliando essa minha rede aí eu vejo que uma pessoa tá precisando de uma coisa aqui, eu me lembro que eu tenho um outro contato ali, que eles

conseguem produzir alguma coisa juntos ou se complementar de alguma forma, isso para mim é uma métrica de sucesso.

Quando, por exemplo, todo esse conhecimento que eu adquiri, nesse pouco tempo como pesquisadora, já tá me dando fruto também e os frutos não são só porque “ah agora eu tenho experiência”, mas é que as pessoas reconhecem essa experiência e me chamam para outros projetos que tem a ver com isso.

Então, por exemplo, eu estou coordenando agora um evento que a gente vai fazer ano que vem, uma conferência e como eu estou coordenando a ideia é que a gente é uma conferência organizada por uma instituição acadêmica, mas a gente não quer que seja exclusivamente acadêmico. Então quais são outras formas de participação que não seja você escrever um artigo acadêmico? Como é que as pessoas podem participar? E que não seja “ah, essa conferência está sendo organizada por uma pessoa que tá aqui no Canadá, uma instituição canadense”, mas a gente está chamando gente do mundo inteiro. Da Índia, da África, do Brasil. Então como é que a gente consegue acessibilidade para vários tipos de participantes? E aí eu acho que isso é o resultado positivo, porque se as pessoas estão me chamando para trabalhar nessas coisas, eu tô trazendo o olhar que eu carrego de toda a experiência com todo mundo que eu já trabalhei antes, com esse pessoal todo da favela que me impactou. O pessoal que tá lá no médio Xingu, sabe?

Então eu acho que tem métricas que as pessoas não imaginam, porque elas estão muito focadas nessa coisa do resultado do mercado ou de tipo “o investidor te deu tanto dinheiro qual vai ser o retorno disso”? Mas tem muitas outras coisas que estão ali entre essas métricas de números, né?

Pedro – Perfeito. Quando eu trago favela é muito interessante, quando você falou lá no começo sobre resistência, porque a gente começou o A Rocinha Resiste lá em 2018, porque a gente tava sofrendo uma série tiroteios, abuso policial e a gente se reúne para tentar entender o que tava acontecendo.

E aí justamente o nome do grupo acabou virando A Rocinha Resiste. Como você estava contando, a gente queria que, pelo menos, não tivesse violência, como quando você tá falando de imaginação, né?

Aí, por exemplo, para mim a métrica ali era a diminuição de tiroteio, de morte, de operação, sabe? Essas para mim eram as métricas que importavam naquele momento, mas também qual era o impacto daquele grupo ali de jovens? De 10, 15 pessoas inicialmente né? Como é que a gente poderia trazer isso? A gente debatia alguns caminhos, alguns têm algum envolvimento com política né? Mas de fato como é que o tiro não chegava ali na sua porta né?

Então quando eu penso em métrica, eu fico pensando... A gente fala melhorar a vida das pessoas e isso é amplo né? Aí eu acho que vai do pesquisador, do designer, facilitador, do grupo entender. Esse melhor é o que? O que é melhor né? Hoje vou falar da escola, querendo melhorar educação aqui da rede pública. O que que é melhorar? É melhorar a nota, é melhorar o humor, o bem-estar mental, sabe?

Então parte de uma definição do grupo também né? Como você estava falando, essa métrica de sucesso tá muito relacionada ali ao grupo. E aí eu fico pensando qual é o papel do pesquisador né? Porque uma coisa que a professora Wyrria do CIEP Ayrton Senna falou uma vez muito importante: A gente tava falando de algumas questões do colégio. Estava acontecendo um sucateamento do Estado e teve um tiroteio no meio. A gente parou a reunião, foi para o corredor, ficou ali preocupado e num dos encontros depois uma coisa importante que ela falou foi assim: Pedro, é muito importante que a comunidade participe, porque eu vou para casa, em outro bairro que não tem tiroteio, mas os alunos vão ter que retornar para esse local de conflito.

Agora acabou o nosso tempo, a gente tem um minuto e quarenta. Se você quiser comentar essa última parte, mas acho que o mais importante agora é agradecer sua palavra final:

Jananda – Eu entendo exatamente isso que você tá falando. E eu pensava a mesma coisa quando eu tava aí na favela. Eu posso ficar aqui uma semana, um mês, um ano, não é a mesma coisa né? Se eu morar na favela, eu nunca vou entender a perspectiva de quem sempre mora na favela e que não tem alternativa ou que é aquilo. Aquilo é a vida dele, a comunidade dele, tudo tá ali. Enfim, acho que isso é uma das primeiras coisas a levar em consideração quando você está fazendo pesquisa.

E queria agradecer, mais uma vez, mais uma live com você, sempre é muito interessante, eu adoro.

Pedro – A gente tem falado muito de afeto nesses encontros né? Até no grafite que a gente fez lá com a Naara a gente fez um grafitão com a palavra afeto, que também é uma dessas colas que vai fazer a gente trabalhar junto.

Jananda – Pode ser uma métrica também né?

Pedro – Perfeito. Jananda, é isso. Eu tenho aqui 20 segundos para agradecer. Sempre um prazer imenso, é sempre muito natural né? Dessa vez, a gente não preparou, nenhuma pauta, nem nada, mas tem tanta coisa pra falar que uma hora é pouco. A gente teve aí uma aluna hoje, a Susy. 10 segundos. Tchau.

Jananda – Obrigada gente pelos comentários. Adorei! E obrigada aos amigos também que entraram aí que eu vi. Adorei.

Conversa com Bruna Werneck

Pedro: Olá boa noite, a última Live do dia agora, a terceira Live né? Vamos falar com a Bruna Werneck. Para quem está vendo isso depois, um olá! Para quem tá chegando ao vivo, um boa noite! estamos começando aqui os trabalhos. Vamos falar hoje com a Bruna, sobre o tema educação. Bruna que também tem formação em designer, vai poder contribuir bastante para essa conversa quando a gente for pensar em como a gente pode inovar dentro de um sistema que está tão antigo. A gente tem falado mas principalmente na conversa com o Fernando a gente teve esse esse ar histórico, a escola está parada no tempo. Então, vamos chamar a Bruna.

Pedro: "Oi Bruna, tudo bom? Está me ouvindo bem?"

Bruna: "Sim"

Pedro: -Ah sim, legal, estava aqui contando um pouco como vai ser legal hoje falar sobre esse tema e sendo essa uma uma live que é uma preparação para uma oficina que tem como objetivo, um projeto final de design, é legal também ter uma designer na conversa, então eu acho para gente fazer um quebra gelo, acho que você poderia se apresentar um pouco, da maneira que você quiser.

Bruna: Meu nome é Bruna, eu sou formada em design, com uma estrada em Ciência Política e trabalho educação. Então, eu transito nestas áreas todas. Na verdade, há seis anos que eu trabalho como designer instrucional, esse é o nome do meu cargo e isso significa o desenvolvimento de material didático dentro de uma fundação do estado do Rio de Janeiro. Então, eu trabalho com educação a distância principalmente, mas minha Fundação também faz divulgação Científica, eu já trabalhei no desenvolvimento material que a gente entrega para professores que vão visitar por exemplo, o nosso planetário, porque nós temos um museu em Duque de Caxias que tem um planetário então assim, majoritariamente eu trabalho por educação a distância para adultos. Mas eu também já fui envolvida em projetos que têm a ver com isso, com material de suporte para professores que vão visitar o planetário com suas turmas de Educação Básica e como dar desdobramento em sala de aula, como trabalhar esse tema, como envolver isso de forma interdisciplinar. Não só os professores de ciências mas como outras disciplinas podem usufruir dessa experiência do planetário. Dentro dessa Fundação também já trabalhei com uma lógica territorial, porque nós temos projetos diferentes, [como por exemplo] para pré vestibular, de "SEJA", Educação de Jovens e Adultos e de graduação distância mas em alguns dos Municípios no estado do Rio de Janeiro, isso tudo é oferecido no mesmo Polo e no mesmo prédio. Então, eu já trabalhei dentro de uma lógica territorial também, durante um tempo e é isso que eu faço.

Pedro: Na verdade você já respondeu o que eu iria perguntar primeiro, por que que na sua apresentação sempre você coloca, designer instrucional da fundação CECIERJ. A primeira coisa que eu queria entender, acho que na favela quando a gente fala designer e designer também é uma coisa ampla, a galera tipo não sabe muito bem o que eu faço né? E você é designer instrucional, tem uma especificação a mais, você falou um pouco desse trabalho com as apostilas, com o EAD, eu acho que o claro mas se quiser dar um panorama geral do que envolve

esse design instrucional e também explicar o que é o CECIERJ....

Bruna: Bom, vou fazer ao contrário, vou explicar a CECIERJ e depois o design instrucional. A CECIERJ é uma Fundação do Governo do Estado que fica dentro da Secretaria de Ciência e Tecnologia, então assim, nossas parceiras, nossas irmãs, dentro do organograma do Estado são principalmente as Universidades a UERJ, UEZO, a UENF e também a FAPERJ que é uma Instituição de fomento à pesquisa e de Ciência e Tecnologia. Então, nós não estamos a secretaria de educação, estamos na secretaria de Ciência Tecnologia.

Pedro: Entendi...

Bruna: Porque na verdade, o CECIERJ é uma instituição muito antiga, da época do Estado da Guanabara existiu-se o [...] que era de divulgação Científica e que em algum momento foi ressignificado para também incorporar educação distância, já tem uns 20 anos, no início era só educação de nível superior. Nosso principal projeto pelo qual a gente é o mais conhecido é o Cederj que oferece educação das Universidades públicas no interior do Estado primeiro mas depois na capital também temos um polo na Rocinha e temos um polo em Campo Grande e a partir do Cederj surgiu também o pré-vestibular social que no primeiro momento ele surgiu também nestes mesmos municípios para apoiar os alunos que eram egressos do ensino médio para ingressar no CEDERJ e hoje em dia a gente também gerencia a rede "SEJA" e eu gosto sempre de falar sobre essa missão do CEDERJ que eu acho muito interessante na verdade, é uma concepção de Darcy Ribeiro, né? quando ele existiu, Darcy Ribeiro já estava morto mas a concepção é dele porque a ideia era realmente de desenvolvido local porque até os anos 90 se você nascesse em qualquer, município do interior do Rio de Janeiro se você quisesse ir para o superior público, você tinha que vir para a região metropolitana. O que nem tão tem até os anos 90, você vinha para região metropolitana e normalmente você arrumava um emprego aqui, se casava por aqui, ficava por aqui e os municípios da onde essas pessoas vinham continuavam carentes de professores bem formados [principalmente] das licenciaturas. Tem essa missão de formar os profissionais no interior para que essas pessoas não precisem abandonar seus lares, familiares, suas casas, etc.. e que se tornem profissionais bem formados nos seus municípios. Sem precisar mudar né? Essa é a missão do país Continental como o Rio de Janeiro, a EAD se apresenta como uma das das possíveis, dentro das ofertas de educação. Não vem para substituir o que existe presencial mas é inegável que certos lugares do sertão nordestino, no interior do Amazônia, não vai ter Universidade pública, fato. [Sitio] muito pequenos não vão ter essa oferta e a educação à distância veio para suprir essa lacuna, e poder formar essas pessoas onde quer que elas estejam. Então isso é a Fundação CECIERJ e projeto CEDERJ, e aí, ser designer no mundo né? sou formada em desenho industrial. [Que na ESTE ?] Eu me formei tanto em programação visual quanto em design de produtos, então, tem muita essa lógica que a forma segue a função. E a lógica é a gente entender quem é esse usuário que hoje em dia chamam de users experience, X design. Esses nomes vendidos todos em inglês, na verdade é de uma filosofia muito antiga que é você entender qual é a real necessidade do usuário antes de você sair produzindo e que forma essa cara, essa peça gráfica os produtos vão ter.

Desde a faculdade eu tinha muito interesse nisso, eu me formei no início dos anos 2000. Então, não tinha smartphone, antes do YOUTUBE, antes de várias dessas coisas, o meu interesse já era em arquitetura de informação, usabilidade, então, mais do que umas peças bonitas, eram umas peças que fossem fáceis do usuário achar as informações que eles queriam, conseguir manipular o que ele quisesse sempre me interessou. E eu tenho uma trajetória na educação um tanto atípica, eu estudei tive muitos privilégios na minha na minha formação, o fato é que eu nunca estudei em um lugar que prova fosse prioridade. A educação para mim não está atrelada a isso. E eu fui pensando sobre isso, para quantas pessoas é um trauma com essa questão de passar na prova, então desde lá quando eu me formei o meu projeto foi já de uma plataforma para auxiliar professores. A ideia era uma plataforma para didática. Da mesma forma que você usaria um livro didático você usaria essa plataforma. Então, era uma coisa digital, interativa, que os alunos poderiam colocar dicas por exemplo, vídeos, ou filmes que já tivessem visto de acordo com a plataforma, mas tudo muito antigo, muito distante mas eu acho impressionante como eu já me preocupava com isso lá atrás né?

Pedro: Isso era seu projeto na EDI?

Bruna: É, em 2005 quando eu me formei, o meu projeto final foi isso.

Pedro: Legal

Bruna: Em algum momento eu me dei conta que se eu quero falar de educação, tem muita gente de fora da educação que vem de marketing, que vem do design, de gestão de projetos, cheios de ideias do que deveria ser a educação e eu achei que deveria ter um pouquinho de experiência de sala de aula para falar com um pouco mais de propriedade. Então, eu passei uns anos dando aula de inglês porque eu tinha essa formação e certificados em inglês. Só que eu dei aula em curso, que não é a mesma coisa que dar aula em escola mas que já dá uma noção do que é uma sala de aula, esses seres humaninhos....

Pedro: Dá uma noção do processo de aprendizagem também né?

Bruna: Total! Quando você interage com uma pessoa é uma coisa, quando você interage com o coletivo, a coisa se dá de outra forma e eu dei aula desde criança de 5 anos de idade até adulta de nível avançado. Inclusive aulas em empresas, altos executivos e que tinham inglês que precisava ser "top" para falar com executivos de outros países. Então assim, foi muito interessante para mim esses anos, essa amplitude de experiências e tipos de alunos que eu tive. Então isso me deu uma certa cancha, o que é realmente você ensinar uma coisa que vai muito além de um material didático bom, eu trabalhei em cursos muito bons que tinham bons treinamentos e bons materiais didáticos mas justamente por eles serem cursos bons eles me ensinaram o limite do quanto que o material didático me dá e o quanto que eu tenho que ler o aluno que tá na minha frente. Não importa o quão bom é esse plano que chega para mim, e o quão pensado é esse material didático, eu já ouvi de orientador mais experiente falar assim: "Bruna o que importa é o que o aluno aprender, se esse material não tá funcionando você tem que cobrir ele rápido e faz o que seu aluno precisa." -Foi muito bom para mim esse período e aí em algum momento eu passei no

concurso público e fui trabalhar na CECIERJ e me abriu esse outro leque que são os dilemas do público, né? da falta de recursos e da escala, do impacto, do tipo de projeto que cada decisão que a gente toma tem uma escala muito grande de consequência, seja para bom, seja para ruim. Então isso foi de muito aprendizado, e nesse período também eu tive no sindicato, durante um ano criei um projetinho de pré-vestibular, que tinham umas crianças em particular, crianças não, eles eram crianças quando o meu amigo conheceu eles mas jovens que queriam entrar no pré vestibular e pediram ajuda para esse meu amigo e a gente se articulou para apoiá-los, tenho uma variedade de experiências que me e alimentam do que eu penso hoje sobre sobre educação.

Pedro: E só e foi nesse seu breve histórico, você abriu muitas janelas e eu acho que eu não tinha me dado conta.... Exatamente... porque quando a gente parou para conversar, acabava indo para coisa da política, né? que a gente vai tocar nesse assunto ainda mas eu quero aproveitar que você falou de arquitetura da informação, você falou uma coisa que também são um interesse meu, uma paixão, e no mercado eu trabalho mais com design digital. Então tem essa coisa do users experience ta. E você falou um pouco de trabalhar é trabalhar com EAD, com apostila... como é que é isso? Porque hoje em dia a gente tem bastante plataforma, tipo, o “descomplica” o “khanacademy” tem materiais, ferramentas e métodos tecnológicos nessa área de educação, surgindo tem a “eleva”, enfim, como você lida com isso? mesmo estando numa órgão do Estado, dá para colocar uma arquitetura, um users experience? Como é que é isso?

Bruna: Então, depende do projeto. O Cederj hoje em dia é muito grande, nós temos perto de 20 cursos de graduação, cada um deles tem sei lá quantas disciplinas, então qualquer mudança no Cederj acho que tem que tomar muito cuidado, porque alunos que já estão, que já passaram por um processo aquela curva de aprendizagem, daquela interface, daquela lógica... então mudar isso no meio do processo é complicado. Mas a gente também tem curso de menores, no momento tenho a sorte de estar à frente de um projeto que eu acho muito bonito, que se chama: “saber comum”. É um projeto com basicamente as mesmas instituições que são nossos parceiros no CEDERJ. No CEDERJ a Fundação CECIERJ a gente faz o desenvolvimento de material didático e a parte de logística que leva e trás...esse ano de pandemia não teve isso, mas normalmente existem provas presenciais... então tem uma logística mesmo, distribuição de prova, de recolher, levar para as universidades que serão corrigidas e a Fundação CECIERJ que faz essa coordenação toda mas os responsáveis acadêmicos estão as Universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro. Então seja, a UFRJ, a UERJ, UFF, UNIRIO, RURAL, CEFET, UEZO e UENF, acho que eu não esqueci de ninguém, espero que não tenha esquecido... mas enfim, todas as Universidades, todas as instituições que oferecem ensino superior público são parceiros da Fundação CECIERJ e a gente oferece os cursos no polo do CEDERJ. Então o CEDERJ ele tem essa questão que é tudo com muito cuidado com as mudanças e é isso faz com que ele tenha sido muito pioneiro quando ele foi criado, 20 anos atrás, imagina 20 anos atrás não YouTube, não existia Smartphone, não existia nada... mas já existia educação à distância no Rio de Janeiro. Já existiam polos, já existiam distribuição de material didático, na época era impresso, já existe atendimento via 0800 para as pessoas tirarem dúvidas.... 20 anos atrás. Então hoje em dia existe uma plataforma

moodle, hoje em dia claro, as coisas se atualizam, mas ao meu ver a gente perdeu a vanguarda, que nós tínhamos há 20 anos... e a gente está para trás em relação a outras instituições. Só que em projetos menores isso que iria falar aqui que eu tenho essa sorte, eu nesse momento estou trabalhando no projeto chamado "saber comum" que está sob a coordenação da UFRJ, mas que também envolve a UFF, UNIRIO, UERJ, RURAL e a FIOCRUZ. Estou oferecendo duas disciplinas, Uma chamada: "democracia, desigualdades e direitos" e a outra que se chama: "saúde, ciência em tempos de pandemia" que a lógica é pensar esse saberes, que deveriam ser comuns à todos nós nesses tempos de fake news às pessoas não entenderem muito bem algumas coisas que está sendo vinculado na tv alerj, que pe tv aberta, tanto de manhã quanto à tarde, agora está veiculado também no canal saúde, então em outros estados também, isso dobra como divulgação Científica para qualquer um que ligar a televisão e assistir, como ponto de partida para alunos de pós-graduação e aí eu estou cuidando da parte do moodle com esses alunos da pós-graduação, que tipo de atividades que a gente está exigindo deles, a coordenação dos monitores para orientá-los, estamos chegando perto da nossa primeira avaliação. Então, em projetos um pouco menores a gente consegue avançar um pouco e testar uns modelos um pouco diferentes do que a gente faz no CEDERJ. É muito impressionante porque na capital, você sendo da Rocinha talvez conheça um pouco melhor, mas muita gente não conhece. Você vai para certos município e o CEDERJ é estruturante ali, quando tem concurso do município para professor, para rede Municipal, os primeiros colocados são egressos do CEDERJ e movimenta a economia local que eles atraem, como é a distância, atrai gente não só daquele município, mas gente dos municípios em torno, que na época da prova vai fazer uma prova ou vai para fazer monitoria e janta ali perto. Então assim, ter um polo CEDERJ, traz uma transformação para certos municípios que são mais carentes desse tipo de serviço.

Pedro: Eu acho que eu vou querer saber mais um pouco desses projetos, de repente, olhar porque quando eu comecei esse esse projeto que me interessava era isso... como que o aluno...E a gente na Rocinha Resiste e nossos movimentos de militância a gente sempre criticou esse modelo de escola bancária, tudo dentro da mesma caixinha, mas ainda assim, o favelado depende muito desse sistema educacional para ingressar no mercado. Então mesmo a gente discordando, a gente tem que arrumar um jeito dele funcionar e eu também fui dar aula. Meu primeiro trabalho foi como professor de informática em uma ONG, então eu sempre fui aluno dessas ONGs, quando eu era adolescente ia para todos os projetos sociais que tinham na Rocinha, meu dia era ocupado, às vezes ficava irritado com a minha mãe e hoje em dia eu agradeço. Mas é isso, eu ia para tudo e depois passei a virar monitor e fazer aquela "graninha" que coincidiu com o final do ensino médio e começo da faculdade, então, foi importante... e como eu desenhava, reparei que quando eu usava coisas visuais, desenho, contribuía na experiência de sala de aula e eu tinha uma facilidade. Às vezes eu encontrava uma aluna que não tinha entendido isso... dava um tesão de você conseguir resolver aquela dificuldade de aprendizado por um simples desenho. Então eu acho que eu trago isso um pouco para esse esse projeto agora, mas enfim, é como como ponto de partida mas entrando mais na questão da escola.. do ensino médio... Mais especificamente do CIEP, tem um sistema de coisas que não é fazendo um desenho que vai resolver. De repente,

não é fazer uma apostila, um material didático super visual e 3D e não sei o que tecnológico... porque tem coisas para trás como por exemplo, saúde emocional. A gente tem debatido muito essas coisas... então, vou fazer uma transição aqui agora, guardar um pouco, esses assuntos mais do Design visual talvez, dessa coisa que a gente entende mais como design mas indo para uma outra coisa que também é design, né? que tem a ver com o sistema e entender o sistema. Quando eu te conheci a gente estava no evento do "EDI Aberta" que tinha esse peso político, de gerar uma resistência dentro da escola e quando eu comecei a conversar contigo, não lembro em que situação, eu entendi que você tinha ver com educação e já puxei para falar comigo. Agora a gente tá aqui trocando essa ideia, mas eu acho que das nossas conversas surgiu muito esse lado da política, então, a gente está mais ou menos agora na metade da Live e ir para essa para essa parte. Eu lembro que quando a gente começou a conversar no ano passado, o problema é que a gente estava pensando: "ah, o ministério está discutindo escola cívico-militar" -assim tinham outros assuntos e veio a pandemia... mudou tudo! Então, para além da gente... antigamente a gente falava.. criticava a escola porque estava ruim... agora a crítica é porque não tem escola né? Então, mudou completamente. E você já me contou, mas poderia compartilhar aqui com a galera, como é que você viu educação, no seu trabalho, na nossa experiência, nesse tempo... nesse ano de 2020. O que está acontecendo? Fala aí para gente!

Bruna: tá certo... bom, um mini parentes antes de responder essa pergunta, é que eu acho um privilégio que a gente na nossa [conversa] no Estado, nós temos uma equipe de ilustradores, para ilustrar nosso material didático. E o [Dammer] que é famoso pelo quadrinho dos malvados e a Clara que publica no Globo com bichinhos de Jardim, os dois são servidores da casa. Os dois produzem material.. Coisas para o nosso material didático. Então, eles cedem as figurinhas que eles fazem e eles produzem coisas em função do que a gente pede. Eu gosto de pontuar isso, para mostrar que o público também tem muita qualidade, sabe? Essas pessoas estão publicando no Globo, que está todo mundo compartilhando nas redes sociais, são servidores públicos, do Estado, produzindo material didático para uma formação do Estado. Então assim... eu gosto de pontuar isso e tenho muito orgulho desses meus colegas, brilhantes, trabalhando com a gente, na educação pública.

Mas voltando à sua pergunta, o que eu acho da pandemia... Eu acho um monte de coisas, vamos fazer caber nessa Live né?

Pedro: Acho que você fazer... os últimos acontecimentos... porque por exemplo, falando com os alunos do CIEP, eles reclamaram bastante dessa ineficiência do Estado em trazer uma solução.. então acho que acho que nesses 30 minutos que a gente tem, talvez dar um resuminho do que você sabe, do que aconteceu, que teve tentativa, para a gente antes de terminar tentar pensar alguns caminhos...

Bruna: Vou resumir... sete meses depois, nós tínhamos um secretário de educação que era um político profissional sem nenhuma experiência de educação.. Isso é quem estava à frente da secretaria de educação na maior parte desse tempo...e essa pessoa obviamente, como político profissional, estava mais preocupado em fazer plataforma política do que resolver educação do país... do Estado, no caso. Mas o fato é... que não houve em momento algum, a gente que

pensa design do lado users experience, de quem é esse usuário? do que ele precisa? a lógica do secretário anterior era... o que eu preciso para me eleger? Para me eleger eu preciso mostrar que na pandemia eu estava antenado com as melhores soluções de Vanguarda. Então, ele colocou por exemplo o Google classroom na escola, na rede pública. O que em defesa do Pedro Fernandes [secretário] tem uma grande vantagem, eu não sei se ele pagou por isso ou não... se ele pagou, vai ter outra questão, mas eu acredito que não pagar nada... eu acredito Google tenha oferecido isso, porque para o Google é bom ter dados. Para o Google é bom se estabelecer como padrão de Educação à Distância e para Fundação Pública ou não pública, porque não é atoa que todas as escolas ou a maioria optaram por isso também... é que você não precisa ter seus próprios computadores, com seus próprios servidores, com seus próprios técnicos de informática. Você compra esse pacote completo do Google e as pessoas só precisa saber usar.. Para o servidor está resolvido... Ninguém está desenvolvendo um sistema próprio, é meio fácil.... nesse sentido. E ainda vem com essa chancela bonita de dizer: "estão oferecendo as mesmas plataformas que as escolas de Elite estão oferecendo". Se o seu aluno tem acesso ou não, detalhe..... Então, essa questão do uso [...] qual a necessidade do usuário não estava em questão. No início da pandemia isso mudou muito no meu discurso. No início da pandemia eu falava: "Eu trabalho no CEDERJ... existe há 20 anos, não existia smartphone, não existia internet, e a gente conseguia dar Educação à Distância. Só que a gente dava essa educação do que era possível nos anos 2000, mas desde 2014 para cá, o Marco civil da internet já estabeleceu a internet como um direito da população. Então a gente se contentar, que o aluno de escola pública, o máximo que ele pode ter é uma apostila para resolver ou uma vídeo aula na televisão é muito pouco porque as novas tecnologias permitem tudo que a gente almeja na educação. Do aluno ter autoria, do professor corrigir em cima do que o aluno produz e não só do aluno ser capaz de reproduzir o que entregue para ele. Então cada vez mais eu venho achando que a Luta pelo Direito internet tem que se tornar mais central na educação. Algumas pessoas têm medo de que a tecnologia vai substituir o professor, eu não tenho esse medo! eu não acho que substitua, eu acho que substituí se quiser precarizar, mas uma luta por uma educação de qualidade nunca um software vai ser capaz do que bons professores são capazes de fazer. Eu não tenho esse conflito dentro de mim, acho que a gente tem que lutar pelo acesso à tecnologia, têm que lutar por materiais didáticos bons e nada disso vai substituir um bom professor....

Pedro: Tem uma coisa que a gente tem falado, desse do preconceito com a tecnologia... como a gente também tem muita por exemplo besteira na internet como às vezes na sala de aula tem que controlar para o aluno não ficar distraído com um joguinhos, eu acho que tem a questão que você falou, esse medo da tecnologia tomar o lugar do professor mas também tem essa uma certa aversão a tecnologia por ela representar, brincadeira. Como é que você vê isso?

Bruna: Acho que o lúdico tem um lugar na educação também, né? Eu não acho que a solução da educação é gammerficar tudo, não tenho essa ilusão, já tive um pouco mais, mas não tenho essa visão muito... E essa curioso a Naara que esteve aqui mais cedo, eu assisti a Live dela e agora ela está assistindo aqui. E agora ela fez um comentário que eu achei muito bom, ela falou que: "o

acesso à internet será um bem público” e quando ninguém tinha Smartphone quando só pessoas ricas tinham laptops existiam políticas de colocar wi-fi na orla, o Pezão botou wi-fi em Piraí, isso foi uma das coisas dele com prefeito. E hoje em dia todo mundo teria.. Todo mundo não, mas muito mais gente, tem acesso a um dispositivo que acessa e o problema são os dados, sumiram esse tipo de política né? Sumiu a ideia de wi-fi grátis para a galera. E é verdade que a conexão da internet, a conexão 3G ela usa espectro eletromagnético igual a televisão, igual ao rádio. Porque a tv você tem aberta, por quê que o rádio você tem de graça, baixo no aparelho e internet não? você tem que pagar um plano... Isso é uma mudança na política e Telecomunicações. O radialista que se vira, você que lute para pagar suas próprias contas... para o usuário é de graça a rádio... e na internet não, depositam isso no usuário final. Isso é bem complicado e bem típico dos nossos tempos...

Mas o que você falou dessa coisa do lúdico, eu acho que a educação mais do que o lúdico, ela passa pela experimentação. Isso é uma coisa que eu achei muito boa na fala da Naara mais cedo, sobre os espaços e as vivências e como você em diferentes espaços aprende diferentes coisas. Se você pensar a relação de classes na nossa sociedade, quem frequenta o museu? Quem frequenta teatro? Quem tem oportunidade de viajar para Ouro Preto nas férias? Quem viaja para Paris nas férias? O quanto essas pessoas aprendem nesses processos e quem não tem acesso a isso não aprende.... então, a internet tem essa possibilidade de aproximar todas essas coisas, eu acho que ela não supre a lacuna, existe ainda uma desigualdade social que é sempre uma obstáculo a ser superado, mas ela ajuda a superar esses obstáculos uma vez pessoa contatos para coisas para além. A coisa bonita da educação é você transcender, porque ninguém escolhe a família que nasce, o território em que nasce, a classe social em que nasce. Ninguém escolheu isso..você nasceu assim. O [misto] no mundo é a nacionalidade você nasce, se você nasce europeu ou se você nasce americano, você entra em quase qualquer país sem precisar de visto. Se você nasce brasileiro, precisa de visto para viajar para algum lugares. Se você nasce no Irã é mais difícil ainda você viajar para alguns lugares e conseguir, então assim, esse novo estar no mundo ele é muito determinado por onde nós nascemos e a internet bem ou mal ela nos ajuda a suprir um pouco dessas lacunas, ter acesso a certas coisas que estão barradas para você fisicamente mas virtualmente talvez não sejam. E o papel da educação é que te ajudar a navegar nesse mundo, então assim, acho um dos maiores desafios da educação hoje, é ensinar as crianças, os jovens e os adultos a lidarem com essa infinidade de fontes. Nós estamos na covid...o que é uma informação confiável? Por que você considera isso você receber no whatsapp confiável ou não? quem escreveu isso? de onde isso veio? eu tenho uma questão que tem a ver com os processos da educação, os processos da informação né? E como essa educação foi construída e veiculada e te ajudam a entender e ler o que é confiável e o que não é..... e é isso cara, eu conheço pessoas com doutorado que caem em fake News. É uma coisa muito nova, um fenômeno novo, não é um fenômeno principalmente brasileiro, não é à toa que está vendo documentários estrangeiros falando sobre isso, então não é uma coisa brasileira, não é uma coisa de baixa escolaridade formal. Claro que as situações podem agravar ou não, mas existe uma coisa nova, dessa enxurrada de informações e que a prioridade número da educação é ensinar

essas crianças a lidarem com essa quantidade de informação que eles têm. Saber destrinchar e entender o que é confiável e o que não é....

Pedro: Tem bastante informação... acho que a gente tem um problema de curadoria, já até ouvi falar em dieta da informação, que a gente consome muita coisa, né? E como é que a gente filtra o que é bom para a gente ou não? Mais cedo a gente falou que na política tem-se usado muita desinformação também.... então eu acho que a gente tem tecnologia, a tecnologia consegue fazer coisas excepcionais. Também tem alguns riscos, mas ainda assim, cadê a internet? cadê as os jovens podendo usar esses aparelhos? Então eu acho que são muitos desafios mas eu queria voltar um pouco na linha do tempo, porque a gente estava falando dessa tentativa do Google Classroom no Ensino Médio, e aí?

Bruna: Não... funcionou.... porque se as pessoas não têm acesso, se as pessoas não tem um pacote de dados, se as pessoas não tem um laptop, porque assim, o tanto que você consegue fazer no celular ok... Hoje em dia a gente consegue fazer bastante coisa no celular, mas não é o ideal. O ideal é você ter um computador, para você escrever, ver as as coisas melhor... até porque existe uma coisa da educação que também passa por uma coisa da disciplina no sentido mais puro da palavra, disciplina né? Não no sentido de regrad e limitar, mas da pessoa conseguir estabelecer uma rotina... o celular está toda hora apitando alguma coisa que chegou no WhatsApp. Se você está usando o mesmo equipamento para estudar que é o equipamento que está chegando notificação de alguma outra coisa, você está sendo constantemente atrapalhado... se a pessoa não tem um computador para ela trabalhar, se ela não tem um pacote de dados confortável que deixa ela acertar as coisas, você não tem acesso por isso que não funciona. Não é nada intrínseco da plataforma Google classroom, apesar de eu achar que é uma plataforma..... eu estou dando aula na UFF usando o Google classroom, na Fundação CECIERJ a gente tende a usar o moodle, nós temos os nossos servidores e a gente usa o moodle que é software aberto todo uma questão que nossos dados, são nossos.....mas eu estou dando aula na UFF, a UFF tem uma parceria com o Google e eu estou usando o Google classroom por causa do ensino remoto. Eu acho que é uma plataforma mais limitada do que o moodle, não acho que é uma plataforma de EAD, não é uma plataforma para ensino à distância, ele é uma plataforma para servir de apoio para o professor que dá aulas [pessoalmente]. Então como repositório de informações, ele é bom, para ter o mínimo de interação ele é bom, mas ele tem umas limitações meio sérias para quem não tá tendo nenhum convívio. Tanto que ele é meio integrado ao Google Meet, só faz sentido no momento que você tem um Google Meet também, se você tem um momento de encontro síncrono. Ele não se sustenta sozinho, e o Google Meet que depende do encontro síncrono é mais cruel ainda, para quem tem limitações de banda e de base. Numa família que um celular tem que atender os três filhos estão estudando porque a questão da comunicação síncrona, ao mesmo tempo que ela é valiosa e proporciona momentos encontro, ela é muito custosa, tanto de banda que você precisa ter dados para estar online, vídeo, durante todo o tempo, quanto de disponibilidade. Porque às vezes a hora que está marcado, é a hora que alguma outra pessoa está usando o celular para alguma outra coisa. Então ela demanda muito do usuário, essa coisa do

encontro síncrono, por isso deve ser bem dosado e nada disso foi pensado na proposta do Estado. Aa meu ver ela foi muito mais implementada para controlar os horários dos professores eles estavam não online não determinado horário que seria o horário deles do tempo de aula, do que uma preocupação com os alunos se eles estavam recebendo a educação que precisavam. Assim, é muito triste falar isso... ao meu ver, essa foi escolha. O que a gente pode fazer para checar se os professores estão trabalhando ou não? trabalhando leia-se se eles largaram na plataforma online ou não, independente da quantidade de alunos que estava sendo atendido por isso.

Pedro: Queria aproveitar para fazer um gancho, até no nosso pensamento como designer. O primeiro passo é sempre ir ao usuário, entender a necessidade, entender como ele funciona, para no final a gente gerar um produto que ele vai usar, que vai fazer sentido e ser útil. E pelo que a gente está conversando parece que não foi feito isso, né?! Eu acho que a gente já está habituado a esse tipo de solução do Estado, nas outras conversas quando a gente que teve falar nesse tema são sempre coisas que já vem prontas e que chega ali não vai funcionar porque não se conversou com o morador, nesse caso, não se conversou com os alunos, não se procurou entender como eles estavam usando.... Como era o alcance de comunicação tecnológica que eles conseguiam.... E eu queria aproveitar... que a gente já deve estar indo para o final, faltam 15 minutos, na última conversa você falou uma coisa interessante, que tem alguns recursos, alguns equipamentos no estado que são úteis para a população mas que muitas vezes a população não sabe né? Você deu exemplo do pré-vestibular, você falou que às vezes tem alguns equipamentos que só estão abertos em horários comerciais....que se dificulta o acesso da população à ele também e o que eu achei de mais importante...não de mais importante, mas o que me destacou aqui foi que essa coisa de mapear a informação. Porque existe demanda e existe recurso...E a gente não está entendendo qual é a demanda e às vezes tem um recurso que essa pessoa que precisava, não estava sabendo. E você falou em mapear esses pontos... Comente sobre o assunto....

Bruna: Como eu falei, teve uma época que eu estava trabalhando em uma lógica territorial na Formação... então, em alguns municípios a gente no mesmo prédio tinha a oferta do SEJA e do PVS, Educação de Jovens e Adultos o Pré-vestibular Social e o CEDERJ que nível graduação. E as vezes a gente dividia o mesmo prédio também com a FAETEC, só que não necessariamente as pessoas sabiam que esses outros projetos existiam.. então alguém estava cursando um curso na FAETEC, digamos de pedreiro, mas não sabia que no mesmo território...no mesmo prédio, tinha aula para ele finalizar o Ensino Médio, que ele não tinha terminado. Ou as vezes você está terminando o Ensino Médio, não sabia que tinha um pré-vestibular ali ... ou que você podia cursar graduação pública, gratuita, à distância, ali mesmo. Era só uma questão de saber, que a gente entrou em contato também com as Secretarias de Assistência Social. A gente estava desenhando todo um sistema de pactuar para que as assistentes dos CRAs, dos CREAs divulgassem: "Oi, então, você que está afastado da escola, tem o SEJA para você concluir o seu Ensino Médio, seu Ensino Fundamental... quer voltar para a faculdade que você não conseguiu fazer porque você engravidou, teve filho? Se afastou mas agora seja o momento mais adequado?" Então assim, tem uma coisa das pastas não se falarem dentro do setor público e às vezes você trabalha em

frente a uma escola mas não às vezes sai muito doido e o funcionalismo público é muito carente de recursos também.. tem muitos recursos mal empregado? sim! mas existe falta de recursos, real, assim é... então às vezes não chega para educação o dinheiro e é difícil comprar umas coisas pequenas... é mais difícil do que você construir um prédio, sabe? Se você colocar placa e dizer: "aqui é uma escola" é mais difícil do que você construir um prédio porque é um outro tipo de licitação, enfim... Então as vezes você trabalha, você é um garçom, em um restaurante em frente a uma escola SEJA, e não tenha ensino médio completo ou incompleto e você não sabe que em frente o lugar que você trabalha, pode ir lá e o CEJA é Centro de Educação de Jovens e Adultos, não são turmas, você não precisa frequentar, você não tem presença é uma questão assim, fazer uma avaliação do que você já cursou e o que que ainda falta... tem uma questão de apostilas e você estuda e tem plantões, você escolhe os horários que você pode ir lá tirar dúvidas com os professores, tem umas oficinas que eles reúne as pessoa ou não... e você fez a prova hora que você está pronto, quando você acha que dominou aquele assunto, faz... então é realmente é muito amigável para as pessoas conseguirem concluir seus estudos mas são umas escolas super abandonadas na maior [...] não tem muita visibilidade, as pessoas não sabem que essas escolas existem.....

Pedro: Obrigado por compartilhar, eu acho que a gente tem tempo para mais uma provocação...eu vou deixar livre para você falar o que você quiser, mas eu vou falar assim...de ideia? De designer para designer, se a gente pegar o design e a escola pública, como é que a gente junta um com o outro para dar "bom" ? 10 minutos para tu....

Bruna: Eu acho que tem tantos caminhos para isso dar bom... a maneira, a coisa mais básica de todas que eu acho que o design tem a contribuir para escola com todo é que a gente vive num mundo midiático e as pessoas... e aí eu vou discordar da Naara mais cedo que fez muito essa marcação da escola pública da escola privada e ela usou Escola Parque, mas a Parque não é parâmetro de escola privada. A maior parte das nossas escolas de Elite e da escola privada que não é de Elite ... escola privada em bairros mais de classe média classe B classe C ... é a educação bancária também.. Essa regra para Educação no Brasil, são pouquíssimas escolas que escapam dessa regra.. E uma das experiências que eu tive dando aula de inglês para filho de rico mesmo, foi quando eu propus um projeto porque passou final do primeiro semestre acabou a prova mas tinha uma semana de aula.. Então, vamos fazer um projeto que vocês quiserem... pegar uma pauta que vocês acham importante no mundo, só que vocês vão falar em inglês, porque eu aula dava aula inglês... e cria um cartaz.... pode criar... alguma coisa para falar, pode ser uma redação... alunos da escola de elite do Rio de Janeiro, que simplesmente congelaram, não sabiam falar sobre isso... em uma outra turma era algo para falar sobre si... como era uma escola de elite, tinha gente que tinham ambições de fazer faculdade fora do Brasil e lá é muito comum você ter que escrever um redação sobre si... sobre porque você é um bom candidato para estudar nessas escolas Americanas. E a pessoa congela, não sabe falar sobre si, não sabe falar sobre a própria vivência, não sabe falar sobre o que ela faz de bom...porque assim, estou falando de escola de elite, não estou falando sobre escola pública... e na escola pública, reproduz isso de uma outra

forma entendeu? O que o design tem a trazer é essa coisa de como você se coloca no mundo... como você se apresenta... como você muda um slide... como você lê as informações que não são textuais, como é que o mesmo texto pode chegar para você no formato de um artigo acadêmico ou pode chegar como uma revista todo diagramado, com imagens, ilustrações e qual a impressão que isso te causa... e nisso as informações textuais forem as mesmas. Isso para começar eu acho que design tem muito a acrescentar na educação, porque eu acho que no século 21 você tem que ser capaz ... a questão da alfabetização.. em inglês tem a expressão literacy, eles não usam a alfabetização... a literacia e tem gente no português usando a literacia digital, a midiática... como a gente tem que ser capaz de ler as imagens de ler... porque no cinema um plano aberto ou um plano é por trás das câmeras.. Que diferença isso faz? Que diferença isso causa? na impressão na hora que a pessoa recebe? Porque essa reação emocional, ela vem muito antes do que a pessoa lê. Então só isso, o design tem muito a acrescentar na educação que é as pessoas entenderem que a as vezes tem uma reação emotiva antes de ler o que aconteceu... porque você já acreditou na fake antes de ler, pelo tipo de layout que ela vem, pelo tipo de imagem que ela traz consigo. Porque? Quem te mandou? Esses dias eu vi uma pesquisa em que a maioria das pessoas dizia que confiava mais em jornal, depois em TV, e só depois em facebook e whatsapp. Ninguém achou que whatsapp era confiável, só que todo mundo confia na hora em que o próprio amigo, o próprio familiar, o próprio pastor que manda. Porque ele não confia no whatsapp, mas ele confia no pastor, ele confia no amigo, ele confia na prima.... Então, o design tem muito a ensinar sobre isso.. sobre os canais de comunicação, sobre quem tá emitindo, sobre o formato dessa comunicação, isso diz muito e as pessoas não lêem, não sabem, não não decodificam.... Então só nisso design tem muito a aprender.. e aí tem todas as outras coisas do convívio mas enfim, eu acho que isso é o mais evidente do que o design tem a ensinar para a educação.

Pedro: Muito bom.... e pegando também o exemplo do seu exercício na aula de inglês que ao falar sobre si e como o design também pode ajudar nessa imagem de si também e se entender e a nossa primeira conversa foi com Junior Rezende que tem um projeto de teatro na Rocinha...

Bruna: Eu vi.....

Pedro: Você assistiu...e que justamente ele falava sobre isso, né? a importância de que o teatro tem nessa construção da identidade e à tarde a gente falou com o Fernando Ermiro do Museu Sankofa que vai também falar sobre memória da Rocinha, que é construção de identidade... e eu tava falando com a Naara do grafite eu já dei aula de grafite também...eu chegava lá na ONG... eu era cria, né? estava lá desde moleque, então, estava ali de professor então a diretora falou assim: "Pedro, dá uma aula aí" Então já dei aula de inglês, informática, e teve um dia que ela falou assim: "escolhe aí" e eu falei: "deixa eu dar desenho, aqui que eu eu estou querendo desenhar..." eu tinha tido uma certa experiência com grafite, mas nunca tive uma metodologia de ensino de grafite, então fui pesquisar e montei... e eu reparei que a galera da pichação, trabalhava muito essa coisa do vulgo, né? Então, era um novo nome, era quase como se você entrasse para a pichação, virasse uma outra pessoa. Esse dias eu estava vendo o filme do Elton John e ele estava no começo da carreira dele musical, ele só pianista, vira para o vocalista [fodão] do Soul e fala assim:

“como é que eu eu viro um rei do Soul também?” E aí tem essa coisa de mudar o nome ... então, é só para marcar aqui, essa coisa da identidade é muito importante.... e é por onde eu começava as aulas....

Bruna: Na capoeira, você tem isso.... Seu apelido... você é batizado e você ganha o seu apelido de capoeira...

Pedro: Então é isso... ele [celular] não começou a apitar, eu não marquei aqui que horas a gente começou, mas eu acredito que deve ter mais uns 5 minutos....

Bruna: Eu queria fazer uma observação sobre essa coisa de teatro... eu acho teatro muito bom por vários sentidos... porque o teatro, ele tem essa coisa da auto expressão ele tem a coisa de você se colocar no lugar do outro... você representa um papel que não é seu, ele pratica a leitura que é uma questão que é muito grave na nossa educação, a baixa leitura e problema de interpretação de texto, então, teatro ensina não só a ler o que essas letras juntas soam mas a interpretação, o que significa esse texto, e é uma arte intrinsecamente coletiva... ninguém faz teatro sozinho. Mesmo quando é um monólogo, você tem um cenário, você tem uma iluminação, você tem uma trilha sonora e você tem uma plateia. Ajuda agregar a comunidade escolar, trazer as famílias para dentro da escola, então, eu em particular adorei assistir essa Live, adorei porque eu acho que o teatro, e eu nem sou do teatro...eu sempre foi mais das artes visuais, mas aquilo que você falou na Live com a Naara também... não, acho que foi na dele mesmo... mas o teatro traz muitas habilidades vão muito além de você querer ser ator. Você não precisa querer ser ator, mas que trás muitas coisas tanto na questão de como se você coloca no mundo, como você se relaciona com os outros....a questão coletiva, e como é essa coisa trazer a comunidade para perto....foi uma coisa que estava muito na fala da Naara também sobre trazer os pais para perto da escola, você trazer o teatro... também traz as pessoas para dentro da escola..... então acho o teatro realmente um ótimo recurso de baixo a tecnologia, relativamente barato, e que vai muito bem com a educação.....

Pedro: Estava lendo aqui o comentário da Susy: “já fiz teatro, apresentei uma peça grávida de sete meses, melhor experiência da vida ...” E a Susy é totalmente comunicativa, parece que ela fez teatro mesmo...

Esse assunto me deu um estalo aqui.. Que é sobre a escola que a gente gostaria de ter, né? Quando eu falo de teatro para qualquer pessoa de teatro, eu falo: “isso tinha que ter na escola.... o que eu aprendi eu também nunca, fiz mas eu tenho amigos da área que me dão uma dica aqui ali... essas dicas mudaram a minha vida assim profissionalmente, do modo como eu apresento, um trabalho sabe agência... esse tipo de coisa... agora apareceu aqui o cronômetro para mim, então em um minuto e trinta, a escola que você queria que existisse.....

Bruna: A escola que eu queria que existisse, é uma escola em que as pessoas tem tempo para estar nela... né? porque essa coisa da escola em três turnos, você expulsa os alunos ao meio-dia para receber a próxima turma e você expulsa os alunos das 17h para receber o turno da noite... então às vezes não tem um tempo está ali, os professores normalmente são pagos por hora, pela

hora em sala de aula e todo trabalho é feito fora da sala de aula é no próprio cronômetro.....e não necessariamente são pagos para fazer essas horas e são horas muito valiosas para uma educação que realmente que pensem nos alunos.... Então eu queria uma escola que não expulsasse as pessoas, que não expulsa o professor que passou da sua hora, que não expulsa o aluno que passou no seu turno e que a escola seja realmente um espaço de encontro. Dos professores entre si para a bolar projetos interdisciplinares, ou interanuais... dentro da mesma disciplina, então como abordar quando o Brasil faz 200 anos da nossa Independência... como você trabalha isso com as diferentes faixas etárias e faz elas trocarem e si, para você entender que essa mesma coisa é importante não é importa a idade que você tenha, então, mas as pessoas precisam ter tempo para bolar e fazer isso juntas

Pedro: Só dá tempo de dar tchau e agradecer, obrigado Bruna!

Conversa com Fernando Ermiro

Pedro: Olá! Boa tarde para quem está ao vivo, enfim, não entrou ninguém ainda e um olá para quem tá vendo isso aqui depois. Vamos lá, vamos explicar que live é essa. É mais uma live que é parte da minha pesquisa de projeto final. Eu tô fazendo projeto final na graduação de desenho industrial da UERJ e vou falar sobre educação. Essas lives que eu tô fazendo no canal são para fazer um caldeirão, jogar um monte de referência ali para a galera da área e para a gente conseguir pensar que tipo de educação queremos construir considerando esse ano de 2020, o que aconteceu na pandemia, como é que a gente pode trabalhar educação pública e com foco no ensino médio. Meu projeto tem como estudo de caso CIEP Ayrton Senna.

Eu tô vendo que entrou aí o Edgar. Edgar também trabalha com educação, professor de educação física. Inclusive se tiver pergunta, já vou chamando aqui nosso convidado.

Beta, tudo bom? Beta que também é designer, então vai poder contribuir aí. Obrigada também ao brother do basquete, #SaudadesdaPelada. É isso, o Fernando está entrando agora.

Pedro: Fala meu caro!

Fernando: E aí, tudo bem? Boa tarde.

Pedro: Tranquilo, tranquilo. Começando aqui uma live. Na verdade, faz tempo que a gente não se fala e eu já quero trocar ideia, falar de besteira, mas vamos para o que interessa. Então queria que você se apresentasse um pouco e falasse um pouco dos projetos que você está envolvido.

Fernando: Bom, eu sou Fernando Ermiro. Os três projetos que eu ando envolvido ultimamente, o mais velho é o Museu da Rocinha, o Museu Sankofa - Memória e História da Rocinha. É um grupo de moradores que estão reunidos desde 2007 para reunir sistematicamente a memória da Rocinha porque moradores, antes da gente, já vieram fazendo isso. A gente está fazendo só uma pegada mais profissional para botar essa memória, essas histórias num catálogo e disponibilizar para todo mundo que é o direito do morador da Rocinha e de qualquer outra favela.

O segundo projeto é a Rocinha Histórica que é um desdobramento do Museu Sankofa. Depois de 12 a 15 anos de pesquisa sobre o museu, a gente tem muita história que levantamos na Rocinha ouvindo moradores mais velhos e moradores mais novos. Então, a gente disponibiliza isso como meio de sustentabilidade também no Rocinha Histórica. A gente junta turismo, mas em um viés histórico.

E o terceiro projeto que eu tô envolvido é o mestrado. Eu sou formado em História e eu tô fazendo mestrado, também em História, sobre a Rocinha obviamente, a gente tem que ter orgulho de onde a gente mora e vive. Eu tô fazendo mestrado sobre o livro "Varal de Lembranças" que foi uma

ação dos moradores da Rocinha feito em 1983, e aí é pela Fundação Getúlio Vargas.

Pedro: Show de bola. Primeiramente, um feliz dia dos professores atrasado.

Fernando: Faltando o salário...

Pedro: É... não é tão feliz, é mais, talvez, um obrigado né? Obrigado pela atuação. E até quando a gente estava conversando antes de entrar na Live, teve uma hora que você falou assim "Tinha um professor meu que falava uma coisa..." Eu gosto muito desse tipo de referência.

Meu projeto é educação. Você tem vários projetos ligados a esse tema, também já foi professor do pré-vestibular, então tá lidando com essa galera do Ensino Médio.

Enfim, mas eu não queria entrar muito nesse assunto. Eu queria pensar um pouco no que você falou sobre memória. Sobre como que os moradores já faziam algum tipo de registro, e aí o museu pega isso para fazer de maneira profissional. E aproveitando esse encontro aqui que a gente está tendo, também é uma coisa nova que eu e todo mundo tá aprendendo dentro dessa pandemia com essas novas tecnologias, de fazer ponto de encontro e também gerar registro de memória, porque essa conversa aqui nossa vai ficar gravada. Qualquer um que tem a minha conta ou que siga o Rocinha Histórica vai poder seguir.

Então queria começar o papo com essa provocação: Que negócio é esse de Live?

A gente tem uma versão em português, mas a gente não fala "Transmissão ao vivo", fala "Live". Queria que você falasse um pouco dessas novas ferramentas de comunicação e de registro de memória para fazermos um link com que já foi feito e como que a gente pode evoluir nesse caminho de cuidado com a memória.

Fernando: Bom, eu sou só a favor da tecnologia. Meu primeiro ponto é esse.

Não sei por que me lembrei do Pedro Segundo, o Imperador. Ele também era fascinado por tecnologia. Inclusive o Jardim Botânico é uma biopirataria. Nosso Jardim Botânico no Rio de Janeiro eram plantas roubadas de outros países para climatização no Brasil. Isso é tecnologia.

Essa questão da memória e tecnologia tem tudo a ver porque, por exemplo, uma das ações do museu é você gravar entrevistas com as pessoas, ouvir histórias. Tem o elemento humano, que tá ali. A aproximação, o contato pessoal, ouvir as pessoas, mas você tem um registro porque você quer transmitir isso para outra pessoa.

Você quer pegar memória lá do seu Pedro que é o teu pai e transmitir a memória dele para outra para outras pessoas interessadas nesse assunto e você faz isso através de uma tecnologia. A gente não é mais uma sociedade tradição oral. A gente até tem muita fofoca [risos], mas isso não

significa a tradição oral.

Eu não posso recontar uma história a partir só da minha memória. A gente perdeu essa tecnologia de memorização, não temos mais essa capacidade porque, aí tá falando de educação, a educação tirou isso da gente. Agora a gente repete muito, não aprendemos mais.

Eu não vejo nenhum conflito entre memória e tecnologia. Na verdade, a pandemia acabou empurrando com mais pressa para questão da própria internet, deu acesso remoto, facilitou muito. Éramos meio caretas antes da pandemia, reunião tinha que ser “Tet a Tet”, olho no olho e era um saco fazer reunião assim porque ninguém podia. “Ah o horário não dá”, “O trânsito é ruim”, não sei o que. Agora com a internet que você liga o Brasil e o mundo. Você marca a hora, o sujeito pode e tá feito. E tá registrado, como você tá falando.

Pedro: Dá para fazer da cama, não tem mais desculpa.

[Pausa]

Galera que entrou, dá um “alô” aí, vê se a conexão tá funcionando. Eu acho que a gente perdeu o Fernando um pouquinho.

Fala aí Robson, Silvinha. Fala aí galera!

Beleza. A gente perdeu aqui o Fernando, vou esperar ele retornar. Vou mandar uma mensagem aqui para ele.

[Pausa]

É isso galera, estávamos falando sobre tecnologia...Voltou. Vamos ver.

Fernando: Estamos de volta.

Pedro: Estamos de volta! A gente tava falando justamente sobre essa “comodidade” de conectar todo mundo com a internet, mas também têm essas dificuldades. às vezes cai.

Fernando: Mas a reunião presencial também tinha dificuldades, a pessoa não ia. Pegava trânsito...

Pedro: É pior!

Fernando: Aqui pelo menos a gente tá honestamente falando um com o outro, a internet que tá interrompendo. São as coisas da novidade, a gente resiste ao novo. É uma grande verdade. E o novo, como diz o Belchior cara, o novo sempre vem, não tem jeito.

Pedro: Verdade.

Eu acho que tem muita coisa para aprender e a pandemia trouxe, apesar de ter avançado e ter feito a gente usar mais esses mecanismos, que já estavam aí é um tempo, mas a gente não tava ligando, como você justamente tá falando, mas eu acho que ficou essencial e em um tempo que não teve de aprendizado. Poderíamos ter aprendido a uns anos quando essas coisas estavam começando a surgir, mas a gente não foi ligando porque não era essencial e aí quando se tornou essencial, tivemos que aprender da noite para o dia. Às vezes precisa disso, dessa porrada para conseguir se desenvolver.

Eu vou voltar um pouco no assunto, depois voltamos nessa coisa de tecnologia. Eu tava aqui pensando nas nossas conversas lá de início do A Rocinha Resiste em 2018, é até engraçado porque tem a ver com isso que a gente falou.

Marcamos uma reunião, o tema era educação e só foi eu e você. E a gente fez mesmo assim, fizemos o encontro. Era uma média de umas 10 pessoas, mas se tivesse duas tinha o debate ali. E nesse dia, o que eu levei para casa de anotação da nossa conversa sustenta o meu pensamento até hoje. Conseguimos dividir os assuntos numa linha temporal, então a gente entendeu que tinha o que chamamos de “Escola do Ontem, a Escola do Hoje e a Escola do Amanhã”. A “escola de ontem” seria esse modelo meio Revolução Industrial, apesar da gente ter muita crítica ao sistema conteudista e que tira nosso poder de memorização, só repetimos as coisas, mas ele ainda assim é essencial para o favelado. Você ter um Ensino Médio para poder ter um emprego minimamente que te dê um sustento ou até eventualmente pleitear uma vaga na universidade também para conseguir fazer essa ascensão econômica. Mesmo esse modelo que discordamos, tem que fazer ele funcionar para o favelado porque a gente depende disso.

E aí tem os problemas atuais. Naquela época 2018/19 era violência. Era pensar em notícias, por exemplo, mães protestando com a camisa ensanguentada do filho porque teve uma operação policial na favela no horário escolar. né Essa é a nossa grande pauta. Hoje em dia é não ter aula. Como continuar educação quando a gente não pode ir até o prédio da escola? Então já tava ruim e a pandemia trouxe um elemento novo.

Tem aquilo que a gente observa nas nossas práticas e projetos sociais que tem a ver com a aprendizagem e são modelos que criticam esse modelo antigo, esse modelo industrial de educação e a gente começa a ter novas formas de trabalho. Estávamos falando aqui agora com o Júnior Rezende que tem um projeto de teatro e trabalha teatro como um potencial de transformação social. Então tem essa “escola do amanhã” que são esses novos caminhos que queremos construir. Isso partiu de uma conversa nossa, dentro do A Rocinha Resiste e para mim é o meu mapa quando eu quero olhar educação: ontem hoje e amanhã. Você identifica alguma coisa que tenha mudado lá de 2018 para cá em um desses pontos?

Fernando: Sendo pessimista, não. Não mudou coisa alguma nesse sentido.

Você usa uma palavra que faz todo sentido: essencial. A escola, eu vou dizer e me contradizer ao mesmo tempo, a escola não vale nada. mas você não vai a canto nenhum sem ela. É uma contradição. E nós, seres favelados, nós não temos a opção de escolher, entendeu? A gente não herdou nada, então quem não herdou nada, vai ter que ir para escola. Ruim ou boa, vai ter que encarar aquilo lá. Então essa parede sobre a essencialidade da escola. Vá à escola! Não tem jeito. Se você quer ir à faculdade, você tem que ir à escola. Se você quer um emprego, você vai ter que ir à escola. Não quer dizer que o salário mínimo brasileiro seja bom e não justifica anos de escola para você ganhar um salário mínimo do Brasil, é uma grande verdade.

É uma hipocrisia também que não vai trabalhar. Vai trabalhar para ganhar o salário mínimo brasileiro? Sei lá. Então é bastante complicado. Ainda assim, se você quiser ir a algum lugar, você tem que passar pela escola, pelo exame de colégio. Você não vai aprender nada? Não. Você vai ser afastado da sua identidade? Vai. Você vai ser afastado da sua história? Vai. Você vai ser afastado dos seus próprios ancestrais? Você vai, porque o que vai ser imposto em você é o modelo que ainda é Colonial. Vão te impor uma educação que é burocrática, tecnocrata que não serve para absolutamente nada, só para afastar você da sua base, mas sem ela, sem aquele carimbo, sem aquele "666", você não vai a canto nenhum. Se você não falar essa língua você não vai a canto nenhum.

Agora, você falou outra coisa interessante que é a questão do projeto. O que eu identifico ontem, hoje e ainda pelo amanhã a gente não tem projeto nenhum, a gente não tem pauta. Você vai lembrar que eu sempre falei isso e vou continuar falando ainda. A Rocinha e a favela em geral ela não tem pauta, ela se pauta por fora. Então se acontece um tiroteio, eu vou falar do tiroteio. Se acontece não sei o que, eu vou falar. Eu não me proponho nada. Se as mães tão reclamando que o filho estavam com a camisa ensanguentada e hoje elas reclamam que não tem escola, mas não há uma proposta a gente tá correndo atrás da falta. A gente tá sempre no Gap. O que tá faltando para correr atrás? Eu não tenho uma proposta de construção, preciso construir alguma coisa e para construir alguma coisa preciso partir de uma crítica. A escola é boa? Não gente, a escola não é boa. Só que ela me amarra ao sistema. Então vou colocar meu filho na escola, ele vai passar todos os anos nela e vai fazer uma universidade sim, mas eu pretendo que ele não se perca nesse meio do caminho, essa é a questão.

A escola, vou repetir, é ruim. Porém a casa, a família é importante nessa questão da educação. Você vai botar teu filho na escola? Ponha, mas acompanha. E aí é outra contradição. Você é um pai, operário, não tem como tá em casa e acompanhar as questões do garoto. É o inferno! É o inferno que a gente vai ter que viver junto, não tem jeito, só que não dá para abrir mão nesse momento da escola.

O que a gente precisa é fazer uma crítica à escola e a planejar alguma coisa. Plano a gente não tem. Temos planos individuais. Eu dei aula 5 anos no pré-vestibular e a turma toda queria fazer o quê? Queria entrar no mercado de trabalho porque essa é uma grande realidade. "Eu quero um

diploma porque vai me pagar melhor” Sim, isso é uma realidade. Só que saindo da favela o que que eu melhorei? Minha mãe continua lá, meu avô continua lá, meu sobrinho continua lá, todo mundo continuar lá.

Na verdade, pode tá tudo bem, você tem o direito de sair, mas você também tem a obrigação de resolver aqueles problemas e para isso você precisa da educação, da universidade. De outros meios também, mas o que a gente vai precisar mesmo é construir um plano. A gente não tem uma prospecção de futuro e a favela precisa parar de ver só o presente, entender? “Ah, a polícia subiu.,” “Ah, o deputado entrou.,” “Ah, não sei o quê...”; tá na hora que deixar disso e construir alguma coisa.

O pré-vestibular tem essa proposta, tem uma ideia de construir um futuro. Os caras tem aula de cidadania, tem aula crítica, tem aula de cultura e atualidade...

Pedro: Até na reflexão sobre o pré, quando a gente tava tendo, o que poderia acontecer: tem uma educação pública que não funciona; a gente se junta, consegue dar conteúdo para esse jovem estudante, ele ascende na universidade, ganhar mais e vai chegar na classe média. Parou aí? Tinha essa essa dúvida. Então esse é o objetivo, levar todo mundo para a classe média.

E aí justamente, não. E aí entender qual é a real função do pré que não é só o vestibular que é o que você tá falando.

Fernando: Eu vou me contradizer de novo, mas é porque a palavra revolução é ruim, mas o pré-vestibular é uma coisa revolucionária. Se ele não se perder, ele é uma coisa revolucionária. Ele identificou um problema e tá criando uma proposta de futuro. Ainda assim, não adianta eu transmitir conteúdo para um garoto e preparar mão de obra qualificada para o mercado de trabalho que não me atende. Então preciso construir mão de obra profissional em todos os setores, na arquitetura, na Medicina, no direito, mas que atendam as necessidades da favela, profissionalmente.

A gente tem que sair do campo do amadorismo, não cabe mais, não estamos mais em 1980. A favela não cabe mais dentro de si, como sabemos muito bem disso, e o pré-vestibular é um desses projetos bons hoje, mas ele não pode se perder nessa formação do garoto. Ele não pode formar o garoto para o mercado, tem que formar para revolução. Revolução não tem nada a ver com arma, não tem nada a ver com violência, revolução é paciência, é atravessar degrau por degrau os anos escolares.

Pedro: Na sua fala, eu tava lembrando das nossas conversas de uma provocação interessante que você fazia para mim que era tipo assim: “Ah, o Pedro foi esperto. O vô dele é marceneiro, ele foi fazer Design.” E aí eu fico pensando também, como na Live com o Júnior, a gente tava falando de Sabedoria Popular e também como “hackear a academia”, pegar esse sistema “ Vocês inventaram

um modo de fazer comunicação a distância? Então a gente vai usar isso para o nossos objetivos." A gente vai hackear o sistema para resolver os problemas na favela.

E aí fico pensando nessa conversa entre academia e favela. Você tem esse lance da FGV, no próprio Sankofa. Eu chamei uma galera, mas eu não sei se vão entrar, mas tem os alunos de Design que são alunos da PUC e estão pensando num projeto pro Sankofa. Teve aquela parceria com a galera de arquitetura. Como é que você vê essa relação: Universidade x Academia x Favela?

Fernando: Essa nossa relação entre academia e Favela também tem que ser revista. Eu diria um certo cuidado, tudo tem que ser revisto. Os conceitos tem que ser revistos também. A gente tem que sair do mesmo lugar, estamos parados no tempo. A Favela também parou no tempo e essa garotada nova que está chegando, tem que entrar com conceitos novos.

Não é demonizar o passado. Não é isso! Não é o que tava torto, é o que cabia naquele tempo. O que cabe o tempo presente é outra coisa, então é isso. Já se criticou muito a universidade. Continue criticando a universidade, assim como deve se criticar a escola pública, porque ela é ruim, ela deve melhorar.

Agora, a academia tem problemas sim. Eu não vou entrar aqui em grandes detalhes da academia porque são motivos bastante óbvios, mas o que eu posso dizer em defesa dela é que ela tá esperando ser acionada, então vá e acione academia! Porque ela sozinha, vamos dizer assim, ela recebe grandes investimentos públicos, pertence à sociedade, mas ela serve a um estrato da sociedade enquanto ela não for demandada. Vai continuar falando de Leblon, vai continuar falando de Ipanema, vai falar de Jardim Botânico, mas não vai tocar uma linha em favela porque a favela tem que demandar da academia esse estudo, essa pesquisa e esse investimento. As coisas não caem do céu, tirando a chuva. A academia não vai se mexer e tem um gigantesco potencial dentro da academia. Se a gente tem problemas na favela, beleza a gente identificou, agora quem pode ajudar a resolver isso, é a academia; são as pesquisas, são os estudos. Eu preciso, por exemplo, como é que reduz o custo da energia elétrica de uma favela se o salário é tão pouco? Cara, placa voltaica. Quem vai desenvolver isso? É academia.

Como é que reduz a temperatura dentro de uma casa quadrada de concreto? Teto Verde. A Rocinha tem uma ação de teto verde. E aí a universidade tá lá desesperada procurando Laboratórios sociais reais para fazer isso e a gente tá aqui jogando pedra na academia em vez de ir lá falar com eles "Olha eu preciso disso aqui, você tem o pessoal, vamos trabalhar juntos? Vamos trabalhar junto." Foi isso que o museu fez: "Olha a gente tem um problema técnico aqui". Eu, Fernando, não sou técnico em arquitetura, então a gente vai procurar arquitetura de onde? Da PUC porque ela é nossa parceira mais próxima.

Pedro: 10 minutos né?

Fernando: 10 minutos, você pode ir a pé. Dá pra ir a pé pra fugir daquela van lotada, tem essa vantagem ainda. Agora, você chega lá na maior cara de pau do mundo e diz "Olha eu sou morador da Rocinha e tenho um problema tal. Será que vocês podem me ajudar?": Eles vão dizer "Sim, eu posso, eu quero, eu preciso porque eu preciso dar uma resposta para o governo que eu tô fazendo alguma coisa para comunidade", mas é só uma questão de saber.

Pedro: Qual você acha que é o fluxo mais complicado: É a gente descendo até a PUC e demandando ou eles subindo e oferecendo alguma coisa?

Fernando: Eles subir e oferecer, isso nunca vai acontecer.

Pedro: Sim, sempre vai partir da gente.

Fernando: É, o Rio de Janeiro não sobe morro. Morro desce morro, mas o Rio não sobe morro. É óbvio que isso não vai acontecer. A demanda tem que sair da favela. A universidade tem responsabilidades a responder, mas ela tem que ser demandada, a gente tem que entender isso. O grande problema nosso é a paciência. A universidade também é lenta, ela funciona a cada seis meses, então há que se ter uma paciência e por isso é preciso planejamento e pensar no futuro.

Pedro: Essa construção que você tava falando.

Fernando: Sim.

Pedro: Eu quero tocar em um assunto aqui que vai ter a ver com construção, acho que literalmente, quando a gente fala de favela, tijolo e cimento. Eu queria fazer algum tipo de relação, queria que você contasse um pouco dos mutirões. Luta pela água nos anos 70 e hoje essa mobilização que a gente tem na pandemia, por exemplo, de coletivos como A Rocinha Resiste, o Família na Mesa que distribuíram cestas básicas.

A minha professora-orientadora me perguntou isso, ela falou assim "Pedro, você chama isso de mutirão?" e entre a gente não chamamos de mutirão, hoje em 2020. Quando a gente se organiza se junta para ajudar. E eu fiquei nessa dúvida.

Qual é a diferença entre mutirão que tinha antigamente e as ações que tem hoje que tem algum tipo de colaboração também? É diferente ou é a mesma coisa de formas diferentes?

Fernando: Olha como a gente está parado no tempo, a minha crítica é sempre aos anos 80 porque a Rocinha estagnou nos anos 80. Os mutirões dos anos 70, são uma refeição dos mutirões dos anos 30. Então veja bem, Getúlio Vargas já tinha questão da repressão à favela e aos mutirões, então os mutirões são da década de 30 para acelerar as construções dos barracos.

Em 60 e 70, quando a entra a ditadura militar em 64 e o pau quebra na favela, de novo você tem uma questão dos mutirões porque, aí que eu quero chegar, existe uma relação entre o Estado e a favela que ela se mantém, Um desrespeito com relação à Favela do Estado. Você nunca, nunca na história da sua vida ou da minha vida você ouviu falar de um mutirão Ipanema. “Vamos fazer um mutirão na Avenida Atlântica;” eu nunca ouvi falar. Não vi uma reportagem da Globo dizendo que a praça Antero de Quental os moradores do Leblon se juntaram para tapar um buraco.

Pedro: Se reuniram na Dias Ferreira...

Fernando: Ou no Baixo Leblon para fazer um mutirão. Você não tem uma notícia jornal sobre isso. Existe uma questão de relação entre Estado e população. Se isso não mudou, bom, então os mutirões continuam e são uma questão de construção dos anos 70. Esse modelo que a gente tem, [relação dos anos 70] que o governo entrava com uma parte, ele nunca fez isso no Leblon, entrava com uma parte da construção e os moradores com a mão de obra.

Eu nunca vi um coronel da Vieira Souto virando concreto, mas na favela isso é natural porque tá na nossa cultura. Foi imposto à gente o modelo de mutirão, então a gente acaba ocupando o espaço do Estado, porque ele não quer fazer e porque ele não respeita a gente. Ponto, é simples.

Mesmo que as ações tenham mudado, hoje não são mais barracos que a gente está construindo e nem mais valas que a gente tá limpando, mas as valas continuam lá! As nossas valas são nossas valas históricas, elas não saíram do lugar, continuam lá. Elas foram tapados por outros motivos, mas não foram saneadas. Aquele nosso problema de 70/80/90 continua vivo lá, os mutirões só mudaram o foco. Agora limpamos o barro depois das chuvas, distribuimos cestas básicas para galera “estrupiada” mesmo, a gente tá procurando água para dar de beber a turma. Isso é ainda o mutirão, a nossa relação porque a gente fazendo conta de nós mesmos!

E o mutirão era isso. Era o esquema “nós por nós mesmos;” os americanos falam muito isso “nós por nós.” O que a gente tá fazendo hoje num coletivo, é só um mutirão, é mesma coisa. Por isso eu tenho que tomar muito cuidado com as críticas ao passado. “As pessoas antigamente faziam isso” e eu tô fazendo a mesma coisa ainda. Eu não tô enxergando a minha relação com o Estado, ele está pisando em mim ainda e lembrando eu pago meus impostos também! Nossa relação de direitos com o Estado ainda é a mesma coisa. O Estado não nos reconhece.

Pedro: Boa. Eu tava aqui ecoando essa fala de demandar a faculdade. Essas lives fazem parte do meu projeto final. Quando a minha orientadora assistir essa essa parte aqui, ela vai gostar.

A gente fez uma atividade junto, era para uma matéria de programação visual e, de novo, eu já não

aguentava mais fazer revista sobre objetos de consumo da elite que é basicamente o que a gente aprende como o “bom design”. Comecei a falar “Não, agora só falo de Rocinha”.

A gente estava fazendo esse exercício e eu só queria falar sobre a Rocinha, já tava cansado de falar de outras coisas da elite. E aí eu levei o meu grupo que tava fazendo trabalho junto comigo para fazer o Rocinha Histórica e eu lembro que tinha uma questão, que ficou muito marcante, era questão do beco. Isso para gente de maneira visual ficou bem bem marcado e entrou no nosso trabalho. Agora conversando com a turma de design da PUC, também veio essa questão do beco e, falando de direitos, lembrando das valas que ainda temos, no beco não tem direitos humanos.

A gente também estava no encontro sobre sobre Direitos Humanos e isso para mim fica muito marcante aquela sua fala que se você tá num beco escuro, tem um policial ali te revistando ou fazendo qualquer coisa, você fica total a mercê. Você não tem direito nenhum. E queria que desenvolvesse um pouco sobre isso.

Fernando: É aquilo que eu tô falando de precisar de novos conceitos porque os conceitos antigos não estão funcionando e não foram desenhados para gente, essa é a questão. A gente é uma minoria fora da luta política, mas cometendo alguns erros. Esses conceitos precisam ser reatualizados. Direitos Humanos, por exemplo, é uma coisa que tem que ser reatualizado. Já tem uns anos que eu tenho achado uma bobagem lutar por direito humano, um desperdício de energia. Eu devia lutar por outras coisas, gastar essa energia para outras coisas. É uma grande bobagem você ler a carta de direitos humanos falar “o sujeito tem direito a vida”, “o sujeito direito a alimentação”, “o sujeito direito à moradia”, cara, pega isso e vai ler numa favela.

Se realmente leu os Direitos Humanos, Direitos do Homem, entra numa favela e começa a ler isso, não precisa nem ser politicamente. O direito à vida, acho que é o primeiro direito, é exatamente o que você tá falando. Se você vai “tomar uma geral” no beco, esse cara é o investigador, é o juiz e o executor. Ele tem pleno direito sobre a sua vida. Essa coisa que você chama de vida, existe uma pessoa que determina se você vai continuar respirando ou não.

Eu não sei se o direito humano me serve, entendeu? Não sei se a turma da esquerda vai “Ah, mas o Fernando tá falando mal”, não tô falando mal, eu tô falando o real. O Direitos Humanos não funciona, ele funciona na Avenida Vieira Souto enquanto eu não tiver dentro um carro da polícia, depois ele não funciona mais.

Se tiver alguém vendo, o direito humano funciona, se não tiver, ele não funciona. Então acho um grande problema. Você pode pegar a carta dos direitos e ler “Direito à vida”, não funciona, tá fora do contexto. “Direito à moradia”, que direito à moradia você tem? Você tem uma casa que você construiu com os seus braços e os braços dos seus amigos do mutirão, mas a terra que você colocou ela, não pertence a você.

Você vive nessa cultura da remoção no qual se pode ser removido a qualquer momento. Em

2011 Eduardo Paes subiu o morro e falou “Vou tirar o Laboriaux daqui” e por quê? Então é muito questionável. Vão dizer “É preciso defender o Estado direito”; o Estado direito não funciona na favela. É muito bonito, sei lá, na FGV, na PUC, na UERJ, mas não na Rua Quatro, não no Cesário. Isso não funciona! A gente tem que entender que os conceitos não servem para gente e academia tem que entender que os conceitos dela não servem para gente também. Vão ter que ser flexíveis nisso.

Direitos Humanos é uma dessas coisas que eu questiono bastante. Vou ficar falando de direitos humanos “ah bandeirinha”, “Black Lives Matter”, claro que não vale nada. Nem vida preta, nem vida parda, nem vida branca, nem vida nordestina, nada disso se vê no bico. É bonito para você botar no Instagram e qualquer coisa, mas isso não funciona dentro da realidade. São outros conceitos que a gente deve mudar também.

Eu acho que para gente mudar precisa virar o jogo e dizer “Olha, o sujeito não me trata como humano então preciso tomar cuidado”. Eu preciso criar estratégias para sobreviver, eu não estou vivendo dessa cidade, eu preciso sobreviver. O Edu Carvalho fez um manual bacana, um kit de sobrevivência de como se comportar no morro se você quer sobreviver. Deveria ser o início de um Direitos Humanos atualizado. Se você não tem direito a tua vida, não tem direito a eletricidade porque aquilo é um serviço instável eletricidade na favela; água, durante a pandemia de Covid você não tinha água para lavar a mão. As pessoas dizendo “passe álcool gel”, “lave a mão com sabão”, moça, não tenho água! Não é porque eu não quero lavar a mão, eu não tenho água e o Estado está me negando isso. O Estado que deveria garantir meu direito de sobrevivência, ele não garante e trabalha para uma eliminação. É um grande problema!

Se você não tem direito à vida, alimentação nem se fala, se você tem um salário que é mentiroso; um salário que a constituição diz que deve ser suficiente para transporte, educação, lazer, comida e outras coisas sendo 1040 reais. Que sujeito no Brasil com 1040 reais e dois filhos consegue ir ao cinema ali no shopping Leblon, comer pipoca, comprar umas roupas? Tem que relativizar muito.

Pedro: Ninguém essa conta de quanto daria se o salário que tivesse ali determinado como direito mínimo, o que ele poderia garantir. Com certeza esse valor estaria muito diferente da grande maioria esmagadora da população.

Fernando: Apertadinho, dava uns três mil e pouco, que é bastante diferente de 1000 reais, com uma certa economia.

Pedro: Aí eu acho que em alguns dados que, uma vez aquele nexo fez esse estudo, você falava lá o seu salário, quanto você ganhava e ele diz em qual porcentagem dos mais ricos você tava. Se eu ganhasse um pouco mais do que o salário mínimo, já tava nos 25% mais. A grande maioria do mundo tá na miséria e a gente não pensa nisso. Quando se fala “normal” e normal no sentido do que tem mais, o que tem mais é galera f*****, então o que é normal?

Fernando: Essa é minha crítica ao “novo normal”. Qual o novo normal? Eu quero voltar para aquele normal do beco que eu vou tomar uma geral? Normal que eu não tenho casa? Normal que eu não tenho água? É esse meu retorno? Espero que a gente não volte ao normal, mas que volte um pouco melhor. Vamos aproveitar essa chance de pandemia aí, que duvido que vá acontecer, mas a esperança é mais toda de todas e é a última que morre. A gente mantém esse troço vivo.

Pedro: Vou fazer aqui uma amarração porque a gente foi para vários lugares. Deixa eu ver só quem tá aqui. Eu acho que a gente tá indo agora para a última rodada aqui da conversa. A ideia é ficar mais ou menos uma hora, acho que a gente tem mais uns 20 minutinhos. Vou aproveitar para galera mandar perguntas sobre o que já foi falado ou sobre o tema favela, educação, pandemia, vamos tentar participar aí.

A Dai entrou agora. Eu tava conversando com ela sobre decolonialidade e como que isso se relaciona com a educação. Acho que acabamos falamos um pouquinho. De tudo o que você falou eu anotei algumas coisas. Tem uma questão dessa relação do beco não ter direitos humanos e que vai entrar no debate do registro da casa, que é a invisibilidade. A favela é o “não lugar”, ela não tá ali oficialmente. A gente está sempre nesse receio de poder perder a casa a qualquer momento. Eu tava aqui analisando justamente as críticas feitas em relação à academia, em relação a iniciativas, projetos da favela, projetos do Estado que o que importa pelo que eu estou entendendo e pelo que você tá trazendo aqui, é muito o que funciona. Você deu um exemplo do Black Lives Matter e tipo assim, teve um dia que todo mundo botou uma foto preta no Instagram. Eu não sei pela contabilidade de fotos pretas quantos pretos deixaram de morrer por causa disso. Ok fazer aquilo ali bonitinho, fazer uma camisa, mas o que importa é não morrer. É não ter um policial num beco tratando à sua mercê o favelado podendo decidir justamente sobre a sua vida ou morte. Eu fico pensando muito nisso: o que funciona?

Tinha uma crítica que você fazia também, no próprio A Rocinha Resiste e eu guardo que é tipo assim: Quando é que a gente vai parar de fazer apenas terapia? A gente ia, falava tudo que achava de errado, mas não se movimentava.

Pegando esse gancho do que funciona e também o lá do início do que a gente precisa criticar para depois construir, eu vou te fazer um desafio de falar sobre o “Como”. Como que a gente, a favela, a sociedade e também se quiser, a academia, como que a gente constrói junto? Porque quando a gente fala em mutirão, vem uma certa ideia romântica que tá todo mundo ali unido numa mesma causa. E aí você é deus essa ponderação sobre a relação com o Estado, então como é que a gente realmente se junta? Talvez o caminho esteja ali pelo pelo pré-vestibular, talvez seja a melhor tecnologia que a gente tem para isso. Porém, quais são esses caminhos para gente construir esse “novo”, vamos dizer assim, ou essa essa mudança que a gente quer?

Fernando: Tem um pensamento antigo que eu não lembro qual é, mas toda civilização antiga

se coloca no centro do mundo. Bora Bora é uma dessas civilizações. Tinha um ditado que dizia: "Todos os caminhos levam a Bora Bora"; era o que tava no centro do mundo.

Essa mudança que a gente está procurando ela vem por vários caminhos, não só pelo pré-vestibular, ele é um dos caminhos porque ele é escandalosamente um caminho aberto, ele tem uma declaração. Eu tô vendo aqui que o Júnior Rezende entrou e o teatro é um dos caminhos. Não se pode ficar muito preso à educação e arte como coisas libertárias. Arquitetura liberta, o museu liberta, uma live é capaz de libertar. A gente precisa saber da intenção por trás disso. Uma ONG pode libertar, mas hoje as ONGs não trabalham para libertar o sujeito. A gente conhece e é de favela, então sabe que as ONGs estão lá para manter como estamos. Não pode deixar essa ideia do mutirão ir embora, mas é um mutirão de transferência da tecnologia. Eu quero saber fazer, entendeu? Eu não quero que você fique me ensinando, eu não quero ser o seu aluno, eu quero saber fazer!

Eu quero entrar na escolinha do Júnior Rezende e eu quero ser diretor de teatro, eu quero ser roteirista. Eu preciso partir para minha independência. E a favela não é diferente disso.

Lembro que o tempo que eu tava no pré-vestibular, aí a galera muito empolgada, muito fã, todos queriam ser historiadores, tinham uns 5 querendo ser. Falei gente beleza, é muito bom, mas a gente precisa de arquitetos, de médicos, de engenheiros, precisa do pessoal do teatro, precisa de todas as cadeiras. A favela não é essa coisa romântica que tá presa no passado, onde tem o samba, não é só isso! A favela não é só capoeira, não é samba, não é só funk. Ela é funk, capoeira e samba, mas não é só isso, tem outras potencialidades.

Os caminhos que vão levar a mudança são vários e os mais variados. Inclusive os caminhos religiosos. Tirando o Silas Malafaia que têm problemas e esse não vai dar para trabalhar, mas a religião ela também tem uma funcionalidade. A questão é a intenção por trás disso. Por isso eu tenho que fazer essa crítica à sociedade, eu tenho que fazer a crítica aos conceitos e tenho que fazer a crítica a mim mesmo. Eu tenho que começar a enxergar as coisas. Eu preciso ver o que tá acontecendo, me afastar do objeto e olhar para isso. "O que tá acontecendo? Por que isso não tá funcionando?" Não tá funcionando porque eu tô trilhando pelo caminho do individualismo, mas eu sozinho, o bloco do "eu sozinho"; "eu vou me dar bem"; "eu vou passar a perna nos outros"; isso não vai acontecer e isso não está acontecendo! Vamos acordar.

A 40 anos que a gente está no fim da ditadura, 40 anos que não tem mais ditadura e a gente ainda está pensando que vai se dar bem sozinho. A gente não conseguiu viver ainda democracia. Democracia também não chegou na favela. Cadê os representantes de favela? A gente conhece todo mundo. pelo amor de Deus. A questão dessa mudança passa por aí, por uma integração. A gente tem que se criticar primeiro: Quem Sou Eu? Para onde eu tô indo? Eu preciso desse projeto de futuro que a gente não tem. E aí eu vou cobrar aquela mãe que trabalha 8 horas por dia, que mais de quatro horas de transporte, fica 12 horas fora? Eu não posso criticar essa mulher, essa mulher não pode ser responsabilizada. Ou um pedreiro que trabalha lá no Méier, essa não é responsabilidade dele. Por isso que a gente se junta. Tem uma palavra que é bonita que todo

mundo usa “ubuntu”; todo mundo junto ali aquela coisa toda. Eu preciso parar e a mudança só começa quando eu parar com as hashtag. Parar com a militância digital. Por que a direita venceu nesses últimos anos? Os caras foram para rua. Qual o slogan deles? “Vamo pra rua” e a gente saiu da rua, óbvio, não essa mãe que tá trabalhando. Essa mãe não tem que ir para rua, ela tem que dar conta dos filhos dela e aquele pedreiro também não tem que ir para rua, não se trata disso.

Quem pode deve ir, são os aliados. A gente precisa se alinhar, tem que parar de trabalhar sozinho, tem que parar de fazer críticas a tudo e a todos e fazer alianças. Assim que a gente vai mudar. A gente fez uma opção, porque o neoliberalismo consumiu a nossa cabeça nesses últimos anos, e estamos nessa escalada individual que não tá funcionando. De novo, o pré-vestibular chegou e falou “não, pera aí, vamos juntos!”. Tá aí o museu, ele também é um “vamos junto”. Tá aí o Junior com a ação de teatro dele que é um “vamo junto” também. Só vamos sair desse atoleiro, junto. Não tem jeito. E isso não é romantismo, não é filosofia, é diagnóstico. Análise clínica mesmo. Não tá funcionando, então vamos sair e pegar uma outra trilha.

Pedro: Eu consigo ver quando a gente se junta. Quando eu tô ali no museu, quando eu tô dentro do A Rocinha Resiste, no próprio projeto do Júnior. Eu acho que talvez o grande aprendizado seja esse: não ficar parado. Como você tava falando, ficamos parados no tempo e a gente precisa avançar e estamos atrasados. É pra ontem o negócio.

O junto é crítico no sentido que é aquilo que parece justamente o que vai dar essa escala, mas é o que a gente precisa afinar bem. Por exemplo, no papo com o Junior, falamos sobre como que às vezes um projeto cresce, de repente se corrompe e o objetivo ali sai um pouco. Como a gente que tem alguns “Aliados” na favela que querem atender os interesses justamente do inimigo. Parece que é o que temos mais dificuldade e o que mais pode trazer resultado esse “fazer junto”.

Fernando: Esse fazer junto é institucional. São as organizações se apoiando a trabalhar em conjunto, trabalhar em grupo. A gente aprendeu ou desaprendeu na escola a trabalhar em grupo. É uma questão de pedagogia. A Carla tá assistindo a gente aqui. A Carla é pedagoga ela pode falar disso de maneira bem interessante. É uma pedagogia que ensinou a trabalhar no individual. Para formar um grupo é super complicado porque a gente tem interesses divergentes, é meio que um quer usar o outro como escada. Isso é um grande problema e por isso que os grupos rompem depois que você cresce, arreventa aquilo que você não tinha um planejamento, não tinha uma afinidade inicial. Passar desse obstáculo, você conseguir chegar em algum canto. A favela não é harmônica e nem hegemônica, são grupos dos mais variados. Mesmo os pensamentos divergentes eles estão na conta, então não é uma grande surpresa essa diferença dentro da favela.

Passado o problema inicial, se você conseguiu resolver o grupo e conseguiu pelo menos criar uma instituição, ela tem que ter por obrigação, ao seu estatuto, auxílio a outra. Já tem muita competição interna dentro da Rocinha, a gente precisa parar de competir. Estamos todos no mesmo barco e o barco tem um buracão no meio. Tem que parar com essa competição.

As instituições, por exemplo, a Escola de Música, é uma parceira. Ela tem os equipamentos e pode disponibilizar, isso é uma ajuda institucional. A Escola de Samba funciona assim com os blocos. E é assim que o Museu tem que trabalhar com A Rocinha Resiste, assim que A Rocinha Resiste tem que trabalhar o teatro e assim por diante. As instituições precisam parar de competir entre elas. A gente não vai salvar esse mundo. É preciso aprender a organizar.

Já existe esse termo que é governança, esqueci o nome, mas é uma governança junta. Você chama gente de instituições diferentes para tocar um projeto grande. Eu acho que é assim que a gente vai conseguir resolver alguns problemas.

Já identificamos o nosso problema. Já sabemos que a gente é individualista demais, temos competições demais entre a gente, então esse é o diagnóstico. Agora, como é que eu saio disso? Eu saio disso, primeiro, construindo a minha identidade. Eu preciso parar de negar quem eu sou. Eu sei quem eu sou. "Ah, mas não é bom", "ser favelado é ruim", "ser preto é ruim", "ser mulher é ruim", tudo bem, mas vamos resolver isso.

Preciso fortalecer essa minha identidade primeiro, depois eu preciso partir dessa memória e a partir dessa memória construir um futuro que foi criar o Sankofa. Vamos olhar para trás, valoriza e se projeta.

Pedro: Sim. E a conexão que eu tô fazendo agora é que quando a gente fala em construção de identidade, Sankofa, o trabalho do Júnior com teatro, o A Rocinha Resiste, são movimentos que a gente vai voltar para dentro e falar "agora vamos falar por nós mesmos". A gente não vai ter uma mídia dizendo o que é favela. A gente é favelado e vai contar nossa história. E a escola do modo como ela é hoje, da maneira que eu vejo, ela cria justamente para as pessoas virarem um padrãozinho. Todo mundo tem a mesma a mesma prova, a mesma metodologia e o mesmo tratamento. É todo mundo dentro de uma caixa com várias mini caixinhas iguais. Talvez seja essa a contribuição que a gente possa fazer na educação, esse modelo que não trabalha a identidade e a gente justamente trabalhar essa identidade.

Fernando: Essa coisa da homogeneização, eu gosto de brincar com isso, se eu fosse o dominador eu faria do mesmo jeito. Se eu fosse o sujeito que controla, eu também sufocaria todo mundo, criaria uma identidade só. Botaria todo mundo de calça jeans e camisa branca e tá beleza. Sou eu que vende a calça jeans e a camisa branca, então pra que eu vou trabalhar com diversidade?

Pedro: Eu vou deixar você concluir, eu acabei me enrolando, nós temos mais 1 minuto e 45. A Silvia fez uma perguntinha aqui de qual tem sido o impacto deste governo na dinâmica da favela? Eu acho que esse governo ela talvez esteja falando do Federal porque ela é de São Paulo. Então se você puder encerrar essa sua fala, já ir para o final e de repente comentar e isso aí da Silvia.

Fernando: Tá...

Pedro: Um minuto candidato.

Fernando: O impacto do governo federal é uma pegadinha, um governo desse. Eu não vou falar o óbvio, o óbvio não funciona. "Ah ele é feio, ele é não sei o que, ele se elegeu pelo Rio", isso é o óbvio. O problema do governo federal são as esquerdas. As esquerdas trabalharam para colocar aquele sujeito lá, entendeu? A gente brincou com ele e o sujeito entrou. Assim como o Crivella entrou na Prefeitura do Rio. O Freixo deu mole, preciso falar isso. Qual era a piada no Rio de Janeiro? Se o Crivella for pro segundo turno, o segundo sujeito que for com ele ganha. E aí a esquerda carioca relaxou toda! Tomou uma "traulada" do Crivella. O que aconteceu com o Trump nos Estados Unidos? Foi a mesma coisa. A esquerda tá de bobeira, existe uma esquerda que tá vacilando o tempo todo. Eu sou o cara direita? Obviamente que não. mas é insuportável. Então o problema não é o governo federal, o problema é nossa oposição a gente não tem uma oposição.

Pedro: Vai acabar. Obrigado!

Conversa com Bianca Martins

[Pedro] Olá, boa tarde a todos. Boa noite na verdade. E oi para quem tá vendo isso gravado.

Essa é uma continuação da série de lives que a gente está fazendo para o meu TCC, que é sobre design, educação e favela. E hoje a gente vai falar com a Bianca Martins, que é designer, professora de design, tava na minha banca de qualificação, ela que também toca o projeto Deseducalab, que ela vai falar um pouco hoje sobre o que é. E vamos ver se ela já tá entrando.

Então, retomando aqui a ideia da live, a ideia é fazer uma série de entrevistas, de bate-papo com profissionais, com pessoas que tem algum notório saber nas áreas de design ou que seja morador da favela, que tenha uma expertise sobre a favela e profissionais principalmente da área de educação. Eu vou chamar aqui, então, a Bianca.

Olá, Bianca, tudo bom?

[Bianca] E aí Pedro tudo bom?

[Pedro] Eu tô te ouvindo baixo, deixa eu ver aqui.

[Bianca] Tudo bem? Tá ouvindo?

[Pedro] Eu tô ouvindo bem baixinho.

[Bianca] Baixinho? Eu tô no celular né? Bem baixinho? Porque será?

[Pedro] Eu vou fazer o seguinte, ah já sei, fala aí de novo.

[Bianca] Oi, tá ouvindo?

[Pedro] Eu tava com o fone, tinha esquecido.

[Bianca] Melhorou?

[Pedro] Melhorou. Tá perfeito.

[Bianca] Vou botar mais uma luzinha aqui.

[Pedro] Sei que a gente está aqui com o tempo corrido, mas queria te agradecer, comecei a live te apresentando um pouquinho, mas vou deixar para você fazer isso também. E ideia é gerar conversas e principalmente a ideia da live nem é tão assim tão importante. O meu objetivo é mais o que vai ficar gravado, que é o que as pessoas vão poder acessar. Mesmo dentro do A Rocinha Resiste, o movimento que eu participo, eu percebi que eu aprendia muito e que aquilo precisava ser compartilhado, então, a mesma coisa com o TCC, eu já fiz uma entrevista com você, aprendi muita coisa e aí queria aproveitar para compartilhar com a galera sobre isso. Eu queria só que você

fizesse uma introdução breve sobre você, da maneira que você quisesse para gente começar a conversa.

[Bianca] Tá bom. Sou Bianca Martins, não sei se eu sou mais designer ou se eu sou mais professora. Acho que as duas coisas, o híbrido das duas coisas me define muito e como pesquisadora dá um toquezinho de sabor. Eu acho que encontrei o meu caminho na imbricação, numa amálgama dessas três coisas e me instiga muito pensar que o design, o pensamento projetual, como eu gosto de falar. A gente tem comentado muito, né, Pedro? A gente já falou do design dos não-especialistas, né? Eu acho que a gente compactua uma visão de que todo mundo faz design. O design não é exclusividade dos designers. E tem me instigado muito, pensar, pesquisar, ler, debater com você, com tanta gente bacana, o design dos não especialistas e particularmente falar disso no contexto da educação.

O design, fazer design, no sentido de como os professores fazem design, como crianças fazem design. A gente tava conversando outro dia, como produzir design num barracão das escolas de samba, nos blocos do Rio de Janeiro, em contextos diferentes. Então acho que é um pouco disso que me instiga e estamos aqui compartilhando um pouco desse mesmo jeito de ver o que a gente escolheu fazer como caminho e construindo a trilha ao caminhar também, tentando encontrar brechas de atuação que faça sentido não só para a gente, mas pra muito mais gente também. Fazer junto acho que é a outra coisa que também compartilhamos. E eu sou professora lá da ESDI-UERJ, sou mãe, acho que isso é muito importante também, eu aprendo muito com esse ofício da maternidade. Mas acho que é isso vamos conversando, aí.

[Pedro] Beleza. Ótima apresentação. Assim, na correria a gente não conseguiu pensar exatamente numa pauta, mas eu tava revendo a nossa conversa e pensando algumas coisas e parece que você já adiantou o que eu queria perguntar, que é essa coisa do design para não especialistas. Eu tava pegando um pouco do seu histórico, você conta que você teve aula de design ainda no CAP, ainda no ensino médio, e o meu trabalho é sobre o ensino médio e hoje você tá dentro da academia ensinando design, também trabalhando profissionalmente na área. E aí eu vejo que tem o design da educação, que é como a gente pode contribuir com a educação de uma maneira geral e também tem a educação do design, como ensinar design. Então, acho que são dois temas que você domina bem, você pode ficar à vontade para escolher um que você queira falar, mas eu fico pensando que esse design da educação, principalmente no início da minha pesquisa, eu comecei aprender muito sobre pedagogia. Quando eu me vi eu tava, sei lá, com uns cinco livros de pedagogia para botar no TCC e eu falei "ué, mas meu TCC é de design, como é que eu não tenho referência de design?". Mas é só para dizer a importância dessa área, que você vai ter a ver com o ensinar, transmitir ou produzir...

[Bianca] Travou um pouquinho. Voltou.

[Pedro] É, veio uma propaganda aqui do nada. Que isso? Nunca tinha acontecido.

[Bianca] Credo! Aqui não!

[Pedro] Enfim, eu tava comentando que Paulo Freire já vai falar mais de uma produção, de uma coisa que não é unidirecional, é uma troca, mas tem a ver com isso, com o aprender, com o ensinar. Então, eu fico pensando como nós como designers, a gente pode pensar esses processos de ensino, de aprendizagem e eu acho que você pode comentar isso na sua própria trajetória, que fala um pouco disso. Primeiro, como aluna lá no Cap, depois entrando na faculdade de design, depois sendo professora, depois ensinando professores esse pensamento projetual do design. Que eu acho que tem a ver com a minha segunda pergunta, que é o professor como designer e o aluno como designer. Eu acho que na nossa última conversa a gente falou dessas duas formas, eu entendi que o seu trabalho tinha mais a ver com o professor como designer e eu me interessei bastante pelo aluno como designer. Principalmente no curso que a gente deu lá na Rocinha, como que não-designers, como que esses não-especialistas, através do que a gente conseguia compartilhar, entender melhor a visualidade das coisas, como que isso contribuía em diversas áreas. Então, eu fiz apenas uma introdução aqui e aí você fica à vontade para pegar qualquer um desses tópicos e comentar.

[Bianca] Vou pegar uma ponta e aí qualquer coisa você vai me ajudando colocando outras pontas aí também ligando, tá? Você falou o nome de uma pessoa chave que eu acho que é bom para começar que é o Paulo Freire. A gente ontem mesmo no grupo de pesquisa-design-escola. Aliás, você falou que eu me interessei muito pelo professor designer, você se interessa muito pela questão do aluno designer e eu acho que isso tudo se conecta um pouco no espaço escolar, ou não escolar, mas a sala de aula. A sala de aula talvez seja mais interessante, porque ela amplia. Porque não é só na escola, não é só para aqueles segmentos escolares, a sala de aula pode ser oficina, a sala de aula pode ser o barracão, pode ser o atelier...

Mas o Paulo Freire, gente, é divã, né? A gente quando mergulha, quando bebe lá na fonte, a gente vai vendo que a gente tem potencial para discutir isso que você falou que você mergulhou na pedagogia e a gente quando mergulha no Paulo Freire, vai a fundo, a gente volta com "né possível, esse cara tá falando de design, não é possível que não esteja falando de design". Porque é transformação, ele fala de transformação. Ele fala que ninguém educa ninguém, as pessoas se educam em comunhão, ele fala de relacionamentos horizontalizados. Até isso como nesse ensinar-aprender ele fala da do/discência. O docente-discente, discente-docente, que é uma via de mão

dupla. Ele fala até do espaço mesmo, do espaço da sala de aula, vamos assim, que pode ser um não-lugar, tem gente que chama de não-lugar. Mas a gente poderia falar de qualquer lugar onde as pessoas se coloquem de forma horizontal, pode ser uma roda debaixo de uma árvore, pode ser uma oficina, como a gente falou, pode ser uma sala de aula, mas a questão da horizontalidade, da troca, de mão dupla.

E quando a gente começa a mergulhar nesses conceitos, a gente vai vendo que aí tem sementes de concepções muito interessantes e que fazem muito sentido para o design, esse design eu acho que a gente pratica, que a gente acredita, de transformação conjunta, fertilização recíproca, dos dois estarem em comunhão e em conjunto ensinando e aprendendo. Então, você falou um pouco, não sei se vale a pena, eu como aluna. É bom a gente se lembrar também, tem gente que começa lá no grupo de estudos, a gente tem hoje designers, pessoal da graduação, têm professores da rede pública, professores da rede privada... E às vezes chega uma pessoa e fala "eu num sei nada disso, não sei nada disso e eu não sei que eu tô fazendo aqui, eu acho que não posso contribuir", porque a geralmente o pessoal da graduação de design acha que não tem nada contribuir no grupo. A gente já foi aluno, no mínimo a gente tem a vivência do que é ser aluno.

E todo mundo tem um certo divã com a sua posição de aluno. Que aluno a gente foi ou aluna, que a aluna eu gostaria de ter sido, o que eu gostaria de ter vivido... Acho que tanto o design quanto a educação tem esse potencial do devir, do vir-a-ser. A gente trabalha com um grau do hoje do que a gente quer amanhã. É até perigoso falar disso, tem gente que fica só no amanhã, fica só na conjectura e tem gente que ficar só lá atrás, usando métodos... Né, Pedro? Fala.

[Pedro] Eu fico pensando na própria palavra projeto, projetar, lançar para frente. Tem a ver com esse vir a ser.

[Bianca] E educação também. A educação de alguma forma tem um projeto também. Ela tem essa coisa do estar elaborando, estar se elaborando, a elaboração de si. Enfim, a todo momento a gente está se construindo. Então, eu acho que isso é potente da gente pensar, justamente quando a gente consegue enquadrar, eu acho que a gente só consegue falar do professor designer, do aluno da designer, do design na escola, na sala de aula, quando a gente faz essa pergunta anterior, "O que é design pra gente? O que eu considero como design?". Aí, eu tenho gostado muito de falar nessa questão do design dos não-especialistas ou até nem usar palavras design, porque essa palavra ela às vezes causa confusão e até rejeição, que as pessoas não entendem muito bem. E às vezes quando a gente começa a falar, "mas cara, peraí, eu faço isso. Então, posso falar que eu sou designer?". Por que não? E aí, o design dos não-especialistas.

[Pedro] Eu lembrei de um caso aqui do próprio trabalho no A Rocinha Resiste. Eu tentando falar para os meus colegas de coordenação, “gente eu posso ensinar”. Porque a gente acaba praticando um pouco de Design Thinking, Design de Serviços ali do dia a dia e todo mundo mistura, tem gente que traz coisas do teatro e tal e a gente faz um caldeirão ali de metodologias de várias áreas. E aí eu falei, “cara, eu posso eu posso dar uma imersão de Design Thinking para vocês aprenderem as ferramentas e tal, entender a metodologia”. E aí, a Michelle Lacerda, nossa grande militante da Rocinha, irmãzona, ela me via falando disso muito tempo e ela virou para mim um dia lá:

Pedro, essa ideia é muito boa, mas Design Thinking é o que mesmo?”

Ah tá. Então, é uma metodologia de projeto...

Porque você não falou metodologia de projeto?!

Ela me deu essa bronca. Então, só pra fazer esse adendo da palavra.

[Bianca] Na palavra, no conceito, né? Eu aprendi isso assim também, Pedro. Aprendi isso na época do meu doutorado, lá em 2015, em parceria com o professor lá da Pedagogia da UERJ, eu fiz uma imersão, a gente bolou junto uma disciplina de primeiro período, o pessoal que tava entrando na pedagogia no turno da noite, então, chegavam lá cansados e tal. E aí eu comecei, a gente começou a trabalhar junto um processo projetual, mas eu não falava processo projetual, nem falava pensamento projetual, falava design. Sentia que as pessoas não entendiam muito e foram elas e eles que deram a sugestão “não fala mais isso, não, fala projeto que a gente entende”. E às vezes a gente cai, vai no automático e a gente esquece. Mas eu acho que quando a gente fala pensamento projetual, processo projetual, metodologia de projeto, a gente “puff” abre a roda e a gente permite os não os designers não-especialistas, todo mundo é designer. A gente já pratica design desde dos povos originários, não sei quem, né? A gente vem da onde? O que a gente tem aqui ao redor vem da ainda onde? Será que foi revolução industrial que favoreceu isso? Ou a gente já faz isso há muito mais tempo?

[Pedro] Deixa eu voltar, te contar outro caso aqui, que é da minha primeira aula de design, que inclusive foi na PUC com o João Leite. Na época, eu ainda tava na dúvida se eu ia pra ESDI ou pra PUC e tinha uma diferença de duas semaninhas, porque a matrícula da PUC era em dezembro, então já tinha que fazer mesmo sem saber se eu tinha passado para a UERJ. Então, quando eu vi eu tava ali nas duas e tinha umas duas semanas que eu consegui aproveitar a PUC. E a primeira aula era História do Design com o João Leite. E ele começa com “2001 Uma Odisseia no Espaço”, mostrando lá o macaco com aquele osso e a gente começa a pensar nisso, e a gente começa a pensar o design a partir daí. Então, é como você tá falando, é do humano, né?

[Bianca] É a estratégia de sobrevivência, né? Material ou imaterial. É ferramenta ou ferramenta

conceitual, que é um pouco o que pessoal gosta de chamar de design de serviços atualmente. Mas é um jeito de sobreviver. E aí, cara, quando a gente começa a ver a coisa desse modo, a gente vê que desde muito pequeno, a gente faz isso desde bebê, que é ir desenvolvendo esse raciocínio projetual. Então, tem alguns educadores que são desse povo, que você fala que foi lá mergulhar, foi lá mexer nisso. Quando a gente começa a mexer nisso a gente não para, né? E a gente vai aprender com... Aí, tem vários educadores que "cara, como um são designers, né? Não sei se você já viu, eu me empolgo, Pedro, qualquer coisa você fala, mas a Maria Montessori, né? Cara, ela ela tem todo um projeto pedagógico que envolve espaço, que envolve objetos, que o tipo de objeto favorece determinado tipo de desenvolvimento, de pensamento, de atuação das crianças. Ela tem a coisa do tapetinho, cada criança, para você aprender o seu espaço.

Essa coisa de aprender a ocupar o espaço, a lidar com o corpo, os objetos. E as ações, as práticas, nossa... Eu acho que quando a gente alarga essa visão, alarga essa visão quando eu digo, Pedro, você falou lá, eu tive design na minha escola, eu fui aluna do Cap da UERJ, que tem design desde a década de 70, é um componente curricular, é um momento lá no 9º ano e no 1º ano do ensino médio, que é obrigatório esses jovens cursarem design. E de alguma forma, é interessante, aí é toda uma questão instigante que vale a pena a gente pesquisar que tipo, o quê que tá se ensinando ali. Mas ali é chamado de design, de desenho industrial desde a década de 70. Mas cara, isso existe em muitas escolas, talvez não com o nome de design, mas talvez, hoje está na moda, a robótica, o espaço maker. Muitos professores fazem isso em suas próprias aulas, aquele momento de brincar, de jogar. A gente vê muitas oportunidades da gente conversar sobre isso na escola, quando a gente abre o pensamento projetual, para elaboração de desafios, de forma instigante, aprender de forma instigante.

Tô falando isso, Pedro, se você quiser puxa aí, se quiser alguma coisa, comentar alguma coisa mais sobre essa coisa do design na escola. Mas a minha graduação, eu sou velha, me formei lá em 2000, não foi assim, não. Minha graduação era daquela época ainda que só se considerava design o que é fruto de um processo seriado, de produção seriada por meios industriais. E tem muita gente que ainda acha isso hoje. Enfim, são várias questões que a gente podia abrir aqui. Mas essa visão de que não-especialistas fazem design, só para dizer para gente aqui e para quem quiser depois de assistir, ver e tal, isso é uma é uma fatia da nossa profissão que considera isso, não é todo mundo que considera isso, não. Acho que é por aí. E para onde a gente vai? Me fala, aí o que a gente fala mais?

[Pedro] Eu vou guardar essa reflexão, porque a gente não tem muito tempo hoje. Eu acho que a gente tem, a gente combinou 30, acho que a gente tem mais 10 minutos.

[Bianca] É, tranquilo.

[Pedro] O que eu queria perguntar, era sobre o Deseduca lab. Essa palavra "deseduca", já é uma crítica ao ensino que a gente tem hoje? E aí, para fechar, 2020, pandemia, você falou hoje da relação do espaço da sala de aula e o espaço da sala de aula não é necessariamente aquele quadradinho na escola. E a gente tá vendo isso, porque a gente tá aqui, a gente tá aprendendo assistindo lives no Instagram, a gente está indo em eventos ali no Sympla pelo Zoom, a gente tá tendo aula remota, então, assim...

[Bianca] A gente tá numa sala de aula, né? Isso aqui é uma sala de aula.

[Pedro] Exatamente. E que alguém pode ir lá comentar, a gente vai levar responder... E aí eu queria que você só fizesse essa breve explicação do que que é o Deseduca e entrasse na pandemia. Joguei a bomba e saí.

[Bianca] O Deseduca é o laboratório de educação e design da ESDI-UERJ. A gente costurou o Deseduca ano passado, o processo Ricardo Artur, a professora Bárbara Neczyk e eu. Três entusiastas, curiosos dos relacionamentos de mão-dupla entre design e educação. E deseduca, que às vezes nos causa um certo... até censura a gente já sofreu. O nome tem essa intenção mesmo, de provocar, muito inspirados pelo Paulo Freire no sentido de "tem que incomodar para transformar", tem que tirar do lugar fácil, cômodo. É no sentido de uma educação outra, para um cotidiano outro. Quando a gente fala outro, a gente fala que esse não tá bom, nessas bases da cultura colonial e colonizante, das nossas heranças de desigualdade, preconceito, privilégios. Então isso é a base, isso é o chão onde a gente pisa. A gente gosta e quer ser percebido como fazedores. Aliás essa é uma palavra ótima também, né, Pedro? Talvez invés de projetistas, fazedores. É muito gostoso falar disso, é talvez mais acolhedor falar em fazedores do que em projetista. Projetista também tem um negócio meio esquisito, aí.

Mas fazedores que tem os pés no chão dessa intenção de trabalhar com um cotidiano bem diferente do que a gente vive aqui. Onde a gente considera que todos são fazedores e que todos podem ensinar e aprender juntos. Em que a gente quer aprender com outros conhecimentos, outros tipos de fazedores e dar as mãos e contribuir. E eu acho que a pandemia, ela nos impõe vários desafios. Primeiro a gente teve que se ressignificar, a gente tá, nós todos estamos nos ressignificando a todo momento. O sentido de que, cara, é muita privação. A gente tá privado de afeto, a gente tá privado de liberdade. Mas por outro lado, a gente está descobrindo um monte de coisa. Eu acho que desestigmatizando a tecnologia. A tecnologia é uma bobagem. Eu tô falando que é uma bobagem no sentido, assim, o importante é o que a gente faz com ela. Eu quero estar junto, eu quero tá aqui falando com você, eu quero aprender com você e vamos dar um jeito de

fazer isso.

Eu acho que a pandemia tem um pouco disso, de fazer a gente superar, talvez o que a gente achasse que não conseguia fazer. Tô falando muito na perspectiva dos professores. E a sala de aula é em qualquer lugar, onde a gente tiver vontade de aprender, alguém curioso, alguém para contar alguma coisa, um caso e tal é a sala de aula e a tecnologia favorece isso. Agora, é claro que a gente tá num momento em que muita coisa bacana tem acontecido, mas aí como a gente tem essa verbe no Deseduca, a gente também tem visto muita coisa complicada. As condições de trabalho, é barra pesada. Eu vejo, a gente vive aí, a professora da minha filha, as escolas dos meus sobrinhos, as escolas particulares, onde o professor tem uma carga de trabalho.

Dizem: "Ah, que bacana o que eles estão fazendo, os professores estão editando e tals". Poxa, mas e a qualidade de vida né? Design não tá desatrelado dessas condições de ser/estar dos praticantes. Se a gente acha que a gente tá falando o design dos não especialistas, a gente também tá falando de condição de vida dessas pessoas, o trabalho né? E aí a luta aumenta né? A gente ver que essa trincheira é uma trincheira que tem esse viés do ensinar/aprender, das práticas instigantes, dos recursos tecnológicos, mas tem também as questões políticas, que não deixam de ser questões políticas. A gente tem sempre que falar nisso né? São as condições que subsidiam os nossos relacionamentos.

Mas tem muita coisa legal, eu gosto de falar de coisa difícil, mas eu gosto também de falar que a gente tem visto muita coisa legal, muita coisa interessante acontecer.

[Pedro] Esse tema da política ele toca bastante. Eu acho que não teve uma conversa até agora que a gente não tocou nesse assunto. Porque quando a gente fala em educação, a educação é um direito que tem que ser fornecido pelo Estado. Eu tô falando de educação pública no trabalho. E isso é uma luta, como você destacou, é uma luta mesmo. E quando a gente vai falar de mobilização na favela tem sempre dois caminhos que vão em paralelo. Nós temos direitos que estão sendo suprimidos e a gente precisa ir na rua e gerar debate e votar melhor. A gente precisa fazer essa luta política, a gente precisa lutar pela garantia desses direitos, só que até a gente conseguir com essa luta demora a chegar. Então assim, muitas situações que a gente tem falado... Por exemplo, aconteceu uma enchente, tem coisa que é urgente. Aconteceu a pandemia, é urgente. A gente fazer uma mobilização para ter cesta básica para distribuir para os moradores que estão em situação de vulnerabilidade né? Então, enquanto a gente está lutando por esse direito, a gente também atua enquanto o Estado não chega né? A gente não pode romantizar e dizer: "Ah beleza, nós vamos resolver então né?" Porque não é o nosso desejo, o Estado tem que fornecer uma educação de qualidade, tem que pensar em qualidade de vida na situação dos professores, mas enquanto não vem, a gente vai arrumando maneiras de se virar.

A gente falou muito em gambiarra esses dias também. E aí de novo, quando a gente mergulha em pedagogia e vê que é design eu falo assim isso é tecnologia, isso é design.

Eu acho que quando eu vejo essa coisa LAB, Deseducalab, desde cedo tem a ver com isso, com testar coisas. O que eu queria saber, ah tem muita coisa legal né? Então será que a gente pode pensar? É agora pensando que eu vou fazer uma oficina com os alunos do Ensino Médio, ia ser presencial, agora vai ser vídeo conferência, para a gente pensar junto ali com os alunos, com as metodologias de facilitação que existem, a gente pensar em soluções. Então eu queria que você falasse de alguns caminhos, coisas boas que estão surgindo aí. O que o Lab tá inventando aí? O que tem de legal que a gente pode pegar da fonte e trabalhar e construir algo legal?

[Bianca] Pedro, a gente tem falado muito dessa coisa da gambiarra, muito dessa questão das práticas, da extrema escassez e a gente dá um jeito. Como você sabe muito bem né? Você conhece muito bem né? E o que a gente tem visto... Não sei se eu vou responder sua pergunta, mas me deu vontade de falar isso, é que agora a gente está num movimento que é o seguinte né? Nosso foco é a escola pública e a gente tá num movimento agora de fazer um levantamento dessas práticas de pensamento projetual nas escolas e a gente vê, a princípio, isso muito evidente, isso está virando modismo né?

Essa coisa do maker, laboratório maker, que é muito bacana, que tem os FAB Labs e tal, mas para as escolas privadas isso virou uma grife, um verniz bacana que vende né? A gente tem alguns participantes lá do grupo de estudos que atuam nas escolas, têm estagiária lá da graduação de Design estagiando em escolas, não vou dizer o nome, mas escolas chiques da Zona Sul que tem esse ensino maker. E é interessante porque são escolas bilíngues, são laboratórios, são práticas né? Por exemplo, vamos fazer um livro digital, vamos contar uma história em quadrinhos digital, vamos construir, aí tem a coisa da robótica, Arduino.

Então a nossa ideia é assim, o que que você quer fazer? Então qual o objetivo dessas atividades? O objetivo da atividade é produzir um livro de histórias. Então vamos fazer engenharia reversa. Será que é necessário tanta parafernália tecnológica para isso? O que instiga a criança né? E a gente ver como é que a gente pode fazer isso de formas muito mais viáveis para rede pública. É um pouco de gambiarra né? Mas a gente está tentando fazer isso, um mapeamento de boas práticas, um mapeamento de coisas interessantes nessa coisa da ensino-aprendizagem instigante, vendo como é, o que se quer, se pretende e como é que a gente pode trabalhar isso na escola pública com recursos muito mais simples, entendeu?

[Pedro] Eu gostei muito desse tema que você trouxe, porque para mim ele vai ter a ver com aquilo que são tecnologias né? Quando a gente está dentro ali do A Rocinha Resiste, dos movimentos de favela, a gente pensa muito nessa coisa do hack né? Então a gente conseguiu as políticas afirmativas, entrar na academia, as pautas estão entrando mais na política, então a gente vai lá, aprende, hackeia esse conhecimento, traz para para favela né? Sou eu ali trazendo essa prática do

Design Thinking pro movimento de militância na favela. E quando a gente pensa em tecnologias é para mim e o que eu vejo dando resultado, você falou a palavra mapeamento né? Às vezes tem maneiras que a gente tem da nossa prática profissional e quando eu transmito isso pra galera, a galera fala assim: "Caramba, olha que maneira, agora a gente consegue entender a voz de todo mundo, eu consigo ter uma ideia melhor, porque a gente tá tornando o que a gente tá falando, escrevendo, mais visual né? Esse tornar mais visual é uma tecnologia que eu vejo muito impacto ali nos nossos grupos e que se a gente tiver papel e caneta, a gente consegue aplicar. Não precisa do último processador, memória, celular e internet banda larga. Tem uma amiga nossa, a Jananda Lima, que estuda CLA, não sei o significado certinho, mas tem a ver com mapear diferentes opiniões no grupo e aí todo mundo vê ali no painelzinho, bonitinho, a coisa né? Então vejo tudo isso, como mapear esses olhares, essas visões, essas perspectivas e trazer isso visualmente pro grupo, para ajudar nas tomadas de decisões e ela fez isso na floresta, com cartolina, folhas que ela achou ali, canetas né? E ela fez isso numa aldeia e a galera achou maravilhoso, queria preservar aquele objeto, que na verdade era papel, canetinha e alguns materiais que tinha ali na natureza. Então eu achei muito legal essa sua provocação, porque quando a gente fala de tecnologia que tem capacidade para transformar, é essa engenharia reversa que você fez. Qual é o objetivo? É contar uma história aqui. Será que precisa do tablet? Se a gente pegar a revista e recortar não funciona?

[Bianca] Juntar os saberes da rede ao redor. Eu estou me lembrando aqui. Eu já atuei lá na PUC né? A gente tem que sempre falar da minha mãe e da minha avó acadêmica né? A Rita Couto e Aparecida Mamedi, eu fiz mestrado e doutorado lá na PUC. A Rita Couto que coordena há mais de 20 anos lá o laboratório de educação e design. A Rita chegou a fazer um projeto para São Tomé e Príncipe, que fica na África, e ela trabalhou junto com uma equipe falando, pensando alternativas para educação infantil. Quando você falou papel e caneta, Pedro, papel e caneta são tecnologias que não existem em São Tomé e Príncipe. Então a gente pensar a educação infantil sem papel e caneta, em salas que têm 80 crianças de 3 a 6 anos. A tecnologia que existia lá era areia e graveto e as crianças desenhavam.

As crianças não deixavam de ter alegria, nem inventividade. E se pode provocar aí ir além com o que tem ali ao redor. Então, eu acho que esse tipo de raciocínio é interessante né? É claro que eu acho também, e aí existe muita gente que critica isso, a gente também não pode ser ingênua, não que a gente tenha que concordar com essas pessoas, mas a gente tem que pensar para ter argumento né? Porque tem gente que vai pensar: ah, mas aí as pessoas vão continuar sempre na mesma condição né? Você não está contribuindo.

Depende! O que é contribuir? Defina contribuir né? Porque se a gente juntar os saberes locais, juntar as pessoas. Talvez não tem a coisa do papel da caneta, mas lá em São Tomé e Príncipe, por exemplo, o bordado, o tecido e o bordar é algo muito importante né? Então as crianças um pouco maiores elas produziam várias coisas bordando. Quer dizer, é juntar as potências locais né? Que eu

acho que é coisa que você faz muito bem.

[Pedro] Isso me lembrou uma palestra do Ailton Krenak, que tinha um pouco dessa visão. O olhar do homem branco de fora, colonizador que fala assim: ah mas coitadinhos, eles não são evoluídos, a gente tem que ajudar e ensinar, pedagogia e tal e aí ele fala que essa visão de transmitir esse conhecimento eurocêntrico e tal. E aí ele fala que a resposta que ele dá para essas pessoas é que aquela tribo, aquele grupo ali de pessoas, eles estão se especializando em viver o melhor possível em comunidade e equilíbrio com o meio ambiente. É essa tecnologia que eles estão desenvolvendo sabe? De geração em geração. Me lembrou esse seu comentário.

[Bianca] É ótimo. Krenak é uma inspiração deliciosa né? A gente tem muito a aprender com Krenak e os nossos povos nativos. A gente tem muito a aprender Design com esse povo. Pensamento projetual, essa coisa que esse povo fala né? Nada tá fora da natureza né? Um chip precisa estar em comunhão com a natureza, tá tudo dentro, nada tá fora da natureza. É para a gente se inspirar muito, ouvir muito isso.

[Pedro] Olha Bianca, respeitando o seu tempo eu vou fazer uma última perguntinha e aí você finaliza e se despede da galera. Pensando nesse raciocínio de engenharia reversa, pensando que nós somos designers, nós estamos estudando mais sobre educação, a gente quer contribuir. Qual é o objetivo, que escola é essa que a gente quer? Qual é a escola que você quer?

[Bianca] Não é a escola. Não tem uma né? É a escola que faz sentido justamente pro que a gente tá falando, pra determinado contexto, que a comunidade participe da elaboração do que é importante para ela mesma, para aquele entorno, para aquela comunidade. É uma escola de paz, no sentido de tranquilidade e também de pais, no sentido de todo mundo se educando junto né? Participando do projeto pedagógico. E uma escola que faça sentido para cada sujeito que tá ali dentro. Para muito além dos processos seletivos que a gente possa ter, de ENEM, né? Escola para vida, escola pro que é importante no dia-a-dia, aprender o que de fato faz diferença, aprender a cozinhar. São coisas tão elementares que a gente não aprende, educação financeira. Enfim, são muitas escolas, não tem uma.

[Pedro] Eu pensei agora e pode ser meio raso o que eu vou falar, mas isso tem a ver com próprio processo de Design. Então que escola que a gente quer ter? Depende daquela comunidade né? Então a primeira coisa é ir lá e entender. Entender o usuário, como a gente chama. Entender para quem que é? Quais são as necessidades, os desafios?

[Bianca] Eu acho que é que a comunidade decida. Talvez não é a gente entender, talvez é um processo muito freiriano, que comunidade tenha autonomia para decidir que escola ela quer. Aí a comunidade precisa valorizar a educação e ter um debate, uma plenária que decida, porque isso não é uma coisa estanque. A escola é uma instituição muito abstrata. Todo dia é uma escola diferente, a cada dia acontece uma coisa diferente da escola. Então é um processo contínuo, um processo todo dia. Dá trabalho, mas é um processo de todos se educando, imagino.

Os indígenas sabem disso muito melhor que a gente. Eles fazem isso muito melhor que a gente, porque é educação permanente né? Não para.

[Pedro] Perfeito! Olha Bianca, eu agradeço a oportunidade, eu sei da sua correria aí. Obrigado por ter feito essa conversa. Eu já tive nessa pandemia do outro lado né? Você e a Helena me perguntando. É muito boa essa troca. Então é isso, gratidão e vamos que vamos.

[Bianca] Muito obrigada, eu que agradeço essa oportunidade de falar desses temas que vão tão fundo na gente né? Muito obrigada, estamos juntos. Estamos aí aprendendo e ensinando um com outro. Tudo de bom. Tchau, tchau, beijo e obrigada.

[Pedro] Beleza galera. Então essa foi a Bianca. É central o que a gente falou aqui para o meu trabalho. A Bianca tem trabalho tanto na educação quanto no design e eu espero que todos tenham gostado. Vou pedir para vocês, tem a rede social do Deseducalab, vou pedir para vocês seguirem, procurarem se informar também do que que tá rolando. E é isso, a gente continua nessa série de lives. Amanhã acho que temos mais dois encontros. É só acompanhar pelos stories, vídeo e tal. Então agradeço a todos que viram o vídeo até aqui e é isso aí galera. E não esqueçam de comentar e compartilhar, a ideia é tornar esse processo mais colaborativo possível. Então escrevam dúvidas, comentários, críticas, tentar acompanhar todas as conversas e o que a gente tem visto até aqui. Tá bom? Então até a próxima. Tchau.